

Helena Szewińska de Mendonça Rocha



ZONIALISMO, CURRÍCULO & MEMES

AS COISAS EM SUAS COMBINAÇÕES

AMAZONIALISMO,

CURRÍCULO

§

MEMES

Universidade do Estado de Santa Catarina — UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação — FAED
Programa de Pós-Graduação em Educação — PPGE

*Tese de doutorado
apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Educação,
da Universidade do Estado
de Santa Catarina — UDESC.*

ORIENTADORA: Prof. Dra.
Ana Maria Hoepers Preve

Florianópolis
2025

Helena Szermwinski de Mendonça Rocha

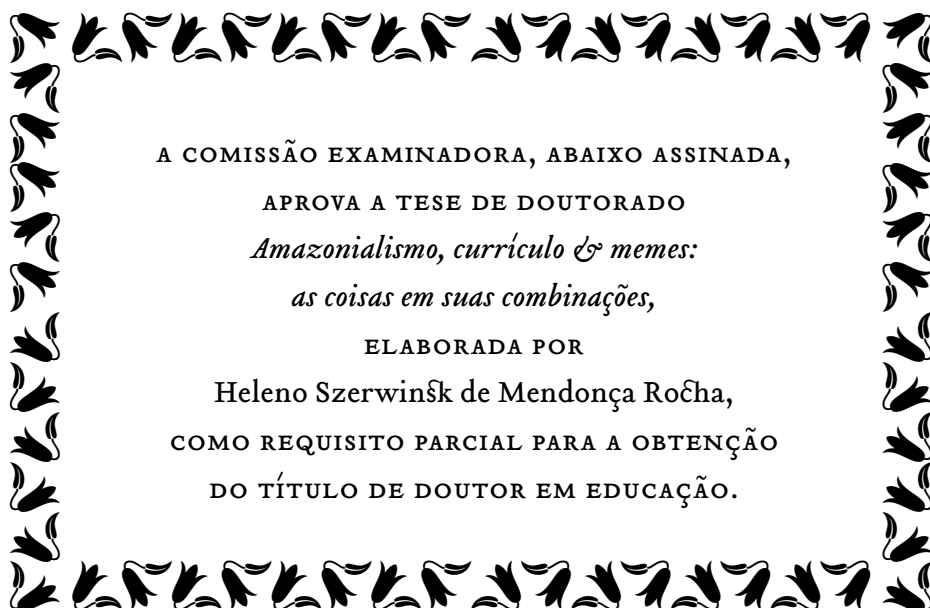


ZONIANISMO, CURRÍCULO & MEMES

AS COISAS EM SUAS COMBINAÇÕES



FICHA CATALOGRÁFICA



A COMISSÃO EXAMINADORA, ABAIXO ASSINADA,

APROVA A TESE DE DOUTORADO

Amazonialismo, currículo & memes:

as coisas em suas combinações,

ELABORADA POR

Heleno Szerwinsk de Mendonça Rocha,

COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO

DO TÍTULO DE DOUTOR EM EDUCAÇÃO.

Profª. Dra. Ana Maria Hoepers Preve / UDESC
(Orientadora)

Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi / UFRGS

Profª. Dra. Elaine Schmidlin / UDESC

Profª. Dra. Giovana Scareli / UFSJ

Profª. Dra. Raphaela de Toledo Desidério / UFFS

Profª. Dra. Ana Paula Nunes Chaves / UDESC
(Suplente)

Heleno Szerwinsk de Mendonça Rocha
(Doutorando)



GRADECIMENTOS



Estudar foi rio. Preciso nomear aqui, para conectar. Em primeiro, agradecer, ao estado do Acre, pelas raízes. Mineiro que sou de “caminhadas”, hoje tenho o “pé rachado”. Ao meu pai, o Adauto, pela energia. Ao meu irmão, o José, pelas “lapadas”. À Paula, pelo impulso de ir para Rio Branco. Ao governo federal do Brasil, pela oportunidade de qualificação. Ao Colégio de Aplicação do Acre (CAP), pelo apoio da equipe gestora. À Amilian, pelo incentivo. À Universidade Federal do Acre (UFAC), pela liberação. À Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), pela formação. Aos terceirizados e servidores da instituição, pelo acolhimento. Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), pelas experiências. À banca examinadora de qualificação, ao Cristian, à Elaine, à Giovana, à Raphaela, pelo empenho, pela dedicação e auxílio nos trabalhos da pesquisa. Aos colegas de doutorado, ao Paulino, ao Wiliam e ao Diogo, pelas atenções pontuais. Ao Itamar Assumpção, pelos lampejos. Ao Tom Zé, pelos conselhos. Ao Hermeto Pascoal, pelas cores dos sons. Aos feitos de luz, ao Rafael, ao Gabriel, ao Snipes, ao Pedro, ao Cahue Teixeira (xamã), ao João Pedro e ao Leopoldo, pelas sintonias musicais. Ao conselho científico, ao Pedro, ao Mauzin, ao Adriel, ao Leandrão, ao Emanuel, ao Júlio, ao Filipe, ao Ivan, ao Marquin, ao Willian, ao Edu, ao Daniel, ao Frank, pelas alegrias. Às minhas sobrinhas, à Isabela e à Luisa, pelas luzes que brotaram sem medo. À minha orientadora, à Ana Preve, pelos ensinamentos e condução na pesquisa. À Karina, pelo envio dos livros. À Jordana Hissa, pela produção dos clipes. À Ana Paula, pela confiança no meu trabalho. À Ana Dacota, pelas leituras e revisões. Ao Mário Vinícius, pelo design e diagramação. Ao Moacir Santos, pelas atmosferas. Ao Glauber Rocha, pela resistência. Ao Manoel de Barros, pelas poesias. À Hilda Hilst, pelas palavras. Às minhas amigas de Rio Branco, à Malu, à Valéria, à Emília, à Flávia, pelos momentos dançantes. À Universidade Federal de Viçosa (UFV), pela preparação de mais um geógrafo no terceiro mundo. À minha mãe, à Maria Tereza ou à Maitê — *in memoriam* — pelo amor.

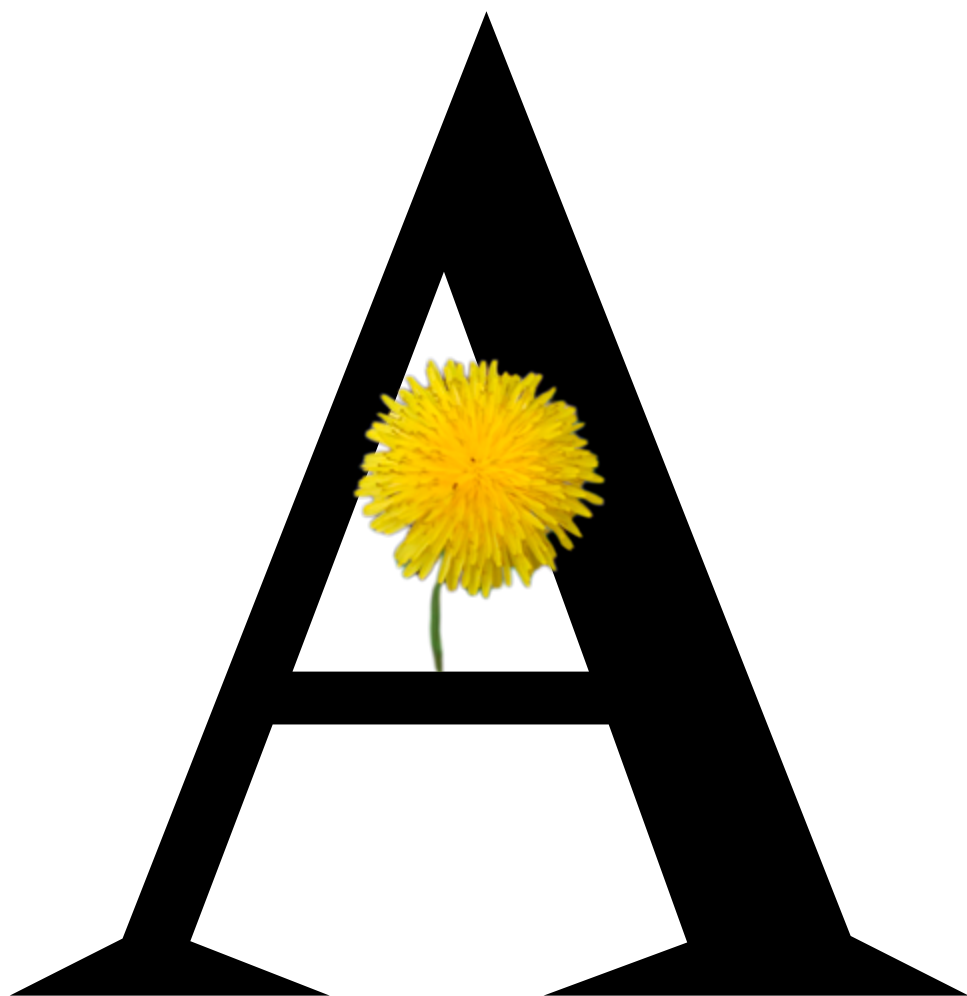


ESUMO

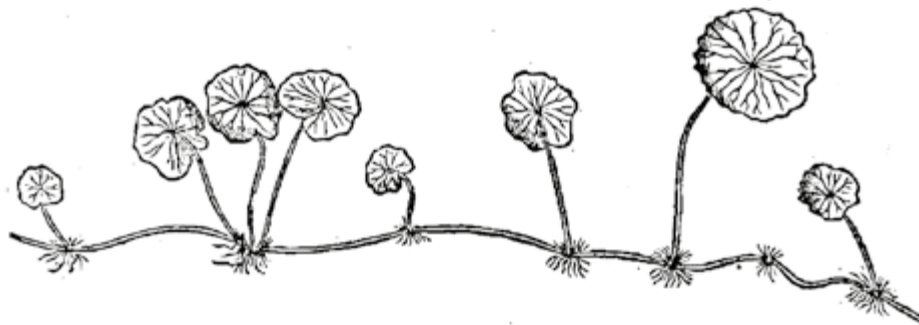


A tese é uma produção na linha de pesquisa Currículo, Diferença e Educação Inclusiva, por sua vez, está inserida no âmbito dos trabalhos do grupo de pesquisa Atlas e trata de uma cartografia de um processo singular de pesquisa. Ela se construiu navegando pelo mar da Internet passando por linhas e texturas, inventando um currículo emaranhado aos memes da Amazônia. Tomou como pressuposto a existência de um professor-pesquisador que se vê perdido com um computador e um celular. Feito em rizoma teve como trançado inicial a noção de coisa proposta por Tim Ingold (2012) e que, no processo desembocou em colagens, fotos, mapas e composições musicais. Pelas águas dos afluentes, criou-se movimentos de escrita como um Mineiro no Acre, Amazonialismo e Currículo e memes. Para isso, serpenteando pela região amazônica, deslocou por ramificações, refletindo (e)feitos dos memes na escola. A trama da tese tem como referência um personagem — o inventor-navegador — com ele foi possível arranjar as combinações com o material da pesquisa. O que passou ao personagem foi o encontro com uma educação menor, desenhada por esta cartografia de tela. Nela, toda uma experimentação com o verbete Amazonialismo de Albuquerque (2016), com as improvisações, trabalhos manuais e canções-força. Diante disso, compus sensivelmente, posicionando-me em relação ao saber-poder das empresas de tecnologia no campo da Educação. Por fim, concluí a respeito das possibilidades e da inevitabilidade dos memes em composição com o currículo, que a saída para a imagem e a mensagem que eles formam e reforçam é pelo caminho da perfuração. De alguma forma, perfurei os memes. E, no corpo deste trabalho, perfurar é da ordem das micropolíticas que produzem lugares na educação maior: o menor na educação se faz com o corpo, tal qual as plantas ruderais quando furam concretos: é preciso força para poder furar uma imagem. Com este trabalho pude compreender a importância das forças intensivas para novas combinações entre amazonialismo, currículo e memes.

PALAVRAS-CHAVE: Amazonialismo. Memes. Currículo. Pesquisa cartográfica. Errância.



ABSTRACT



The thesis, a product of the Curriculum, Difference, and Inclusive Education research line, is part of the Atlas research group's work and addresses a cartography of a singular research process. It was constructed by navigating the sea of the internet, traversing lines and textures, inventing a curriculum entangled with Amazonian memes. It assumed the existence of a teacher-researcher lost with a computer and a cell phone. Created as a rhizome, it initially weaved together the notion of thing proposed by Tim Ingold (2012), which, in the process, led to collages, photos, maps, and musical compositions. Through the waters of the tributaries, writing movements such as "Mineiro in Acre", "Amazonianism," and "Curriculum and Memes" were created. To this end, meandering through the Amazon region, it moved through branches, reflecting the (and)effects of memes in schools. The thesis's plot is based on a character—the inventor-navigator—through whom it was possible to arrange combinations with the research material. What the character experienced was an encounter with a minor education, drawn by this canvas cartography. In it, a thorough experimentation with Albuquerque's (2016) entry on Amazonianism, with improvisations, crafts, and power songs. Given this, I composed sensitively, positioning myself in relation to the knowledge-power of technology companies in the field of education. Finally, I concluded, regarding the possibilities and inevitability of memes in conjunction with the curriculum, that the way out for the image and the message they form and reinforce is through perforation. Somehow, I perforated the memes. And, in the body of this work, perforation is part of the micropolitics that produce places in major education: the minor in education is made with the body, just as ruderal plants when they perforate concrete: it takes strength to perforate an image. With this work, I was able to understand the importance of intensive forces for new combinations between Amazonianism, curriculum, and memes.

KEYWORDS: Amazonianism. Memes. Curriculum. Cartographic research. Wandering.



ISTA DE FIGURAS

- 26 **Figura 1** - Artífice da escultura, por Heleno Szerwinsk.
- 27 **Figura 2** - Documento do restaurador, por Heleno Szerwinsk.
- 29 **Figura 3** - Canoagrafia, por Marcos de Almeida Matos.
- 36 **Figura 4** - Decidi (flu)ir com os memes.
- 39 **Figura 5** - Caminhos pelos pés, por Luísa Morais.
- 44 **Figura 6** - Sobrancelha centelha, por Luisa Morais.
- 46 **Figura 7** - Rizominha em Azevedo-MG, por Heleno Szerwinsk.
- 48 **Figura 8** - Maitê grávida de José na França, por Henrique Pacca Luna (1977).
- 49 **Figura 9** - Tuba da família Szerwinsk, por José Luna.
- 49 **Figura 10** - Artesanato de oratório em papel marche, por Maitê e Flavinha.
- 49 **Figura 11** - Desenho de flor, por Maitê.
- 49 **Figura 12** - Luzia em argila, por Maitê e Geraldo Eugênio.
- 50 **Figura 13** - Fortaleza feminina, por Maitê e Geraldo Eugênio.
- 55 **Figura 14** - Fios d'água em Florianópolis-sc, por Heleno Szerwinsk.
- 57 **Figura 15** - Arte (capa) do livro *Nascerças*, do poeta Quilrírio Farias, por Rodolfo Minari.
- 59 **Figura 16** - Barranco "Tarantino" em Azevedo-MG, por Heleno Szerwinsk.
- 60 **Figura 17** - Jacarés no rio Itacorubi em Florianópolis-sc, por Heleno Szerwinsk.
- 66 **Figura 18** - Obra de Hélio Oiticica na exposição *Ambulatorium Delirium*, por Heleno Szerwinsk.
- 67 **Figura 19** - Amazônia e sua bacia hidrográfica.
- 69 **Figura 20** - Desenho indígena, por Heleno Szerwinsk.
- 70 **Figura 21** - Arte (contra-capas) do livro *Nascerças*, de Quilrírio Farias, por Rodrigo Minari.
- 73 **Figura 22** - Arte gráfica, por Matheus Ribbs.
- 75 **Figura 23** - Jabuti no parque zoobotânico de Belém-PA, por Paula Lima.
- 76 **Figura 24** - Arte gráfica do livro *Coisa de índio*, de Davi Kopenawa.
- 77 **Figura 25** - Rocha por uma fenda, por Heleno Szerwinsk.
- 78 **Figura 26** - Gafanhoto da torneira, por Heleno Szerwinsk.
- 81 **Figura 27** - Hermeto Pascoal, por Eanes Henrique.
- 82 **Figura 28** - Árvore do Parque Tucumã em Rio Branco-AC, por Heleno Szerwinsk.
- 88 **Figura 29** - Meme da cultura política da extrema direita.
- 89 **Figura 30** - Meme do grupo de pesquisa.
- 91 **Figura 31** - Meme do bozo com a "quebrada".
- 91 **Figura 32** - Meme que toca no tema das políticas de desenvolvimento.
- 92 **Figura 33** - Meme da batalha geopolítica pela Amazônia.
- 94 **Figura 34** - Meme do consumo de alimentos relacionado com o desmatamento.
- 95 **Figura 35** - Meme de questões identitárias sobre a formação da população amazônica.
- 97 **Figura 36** - Meme da política nacional em suas diferentes visões de desenvolvimento.
- 98 **Figura 37** - Meme de "talk show" americano que toca no tema da Soberania nacional.
- 100 **Figura 38** - Meme que toca a gordofobia.
- 100 **Figura 39** - Meme das problemáticas ambientais.





S

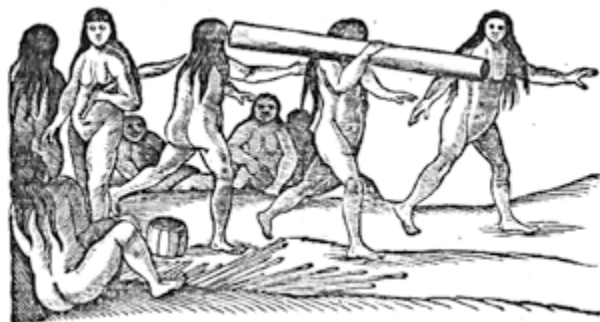
UMÁRIO

20 **FRICÇÕES
CARTO-
GRÁFICAS**

24 **MANUAL DE
NAVEGAÇÃO**

34 **A COISA
MEME**

*por onde
navegou esta tese*



40 **AFLUENTE 1**
um mineiro no acre

COISA Nº 0

44 De onde vem:
o desobjetivar
das coisas

COISA Nº 1

47 Em algum
lugar no mundo

COISA Nº 2

48 Mil coisas

COISA Nº 3

50 Todo material
foi combinação

COISA Nº 4

51 Rio da Amazônia

COISA Nº 5

52 Aranhas sob
o sol nascente

COISA Nº 6

53 Dois céus
se abriram

COISA Nº 7

55 Fios d'água

COISA Nº 8

56 Acreanizando

COISA Nº 9

57 A nossa fronteira

COISA Nº 10

58 Tudo que eu
tentei falhou

COISA Nº 11

59 O que me
transformou?

62 **AFLUENTE 2**
amazonialismo

COISA Nº 0

66 Amazonialismo
em sensibilidade

COISA Nº 1

67 Amazonizar-se
foi mudar o corpo
com a linguagem

COISA Nº 2

68 Amazonizar-se
talvez seja
curricular
com feitiços

COISA Nº 3

69 Confrontos

COISA Nº 4

70 A vida
sem acumular

COISA Nº 5

71 Povos-floresta
e arrancados
da natureza

COISA Nº 6

71 A floresta queimou

COISA Nº 7

72 A pobreza

COISA Nº 8

73 Colonizando
com fronteiras

COISA Nº 9

74 Embalado
pelas escolhas

COISA Nº 10

75 Coisas em
amazonialização

COISA Nº 11

- 76 A distorção da árvore

COISA Nº 12

- 78 Entre a Taiga e a Amazônia

COISA Nº 13

- 79 As palavras que brotam lentamente

COISA Nº 14

- 80 Alteridade

COISA Nº 15

- 81 A Amazônia como um "corte" de árvore: vem sempre

84 AFLUENTE 3

currículo & memes

COISA Nº 0

- 88 Currículo com memes

COISA Nº 1

- 89 Essa coisa de contar "coisa" por "coisa": artesanizando a tese

COISA Nº 2

- 90 Subprodutos

COISA Nº 3

- 90 Generalidades

COISA Nº 4

- 92 Desconexa conexão

COISA Nº 5

- 93 Uma (cons)ciência repercutiu

COISA Nº 6

- 93 Meme: por que não experimentar?

COISA Nº 7

- 94 Rizomas curriculares

COISA Nº 8

- 94 Navegações

COISA Nº 9

- 95 Que tal a polifonia na escola?

COISA Nº 10

- 96 "Piseiro" de memes

COISA Nº 11

- 98 Reabsorvo-me a pensar com as coisas

COISA Nº 12

- 98 O Google foi meu pastor e nada me faltará

COISA Nº 13

- 100 Um tom dissonante

COISA Nº 14

- 101 O invencionismo

COISA Nº 15

- 101 Pensando com os pés

COISA Nº 16

- 102 A memética

COISA Nº 17

- 103 Imagem-sintoma

COISA Nº 18

- 104 Vida embebida do WhatsApp

108 MAPA COMO TEXTURA DAS COISAS

SOBRE O QUE SOBROU

- 110 Texturas

120 RELEVO DAS CANÇÕES-FORÇA

COMPOSIÇÃO Nº 1

- 122 Amazonialismo

COMPOSIÇÃO Nº 2

- 123 Oração

COMPOSIÇÃO Nº 3

- 124 Frequência

COMPOSIÇÃO Nº 4

- 125 Meme borboleta

RELEVO

- 127 Composição nº 1: Amazonialismo

- 129 Composição nº 2: Oração

- 130 Composição nº 3: Frequência

- 132 Composição nº 4: Meme borboleta

134 CARTA NÁUTICA

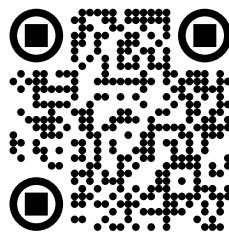
140 REFERÊNCIAS



DESEJADO LEITOR,

Esta tese navega
pelo mar da internet.

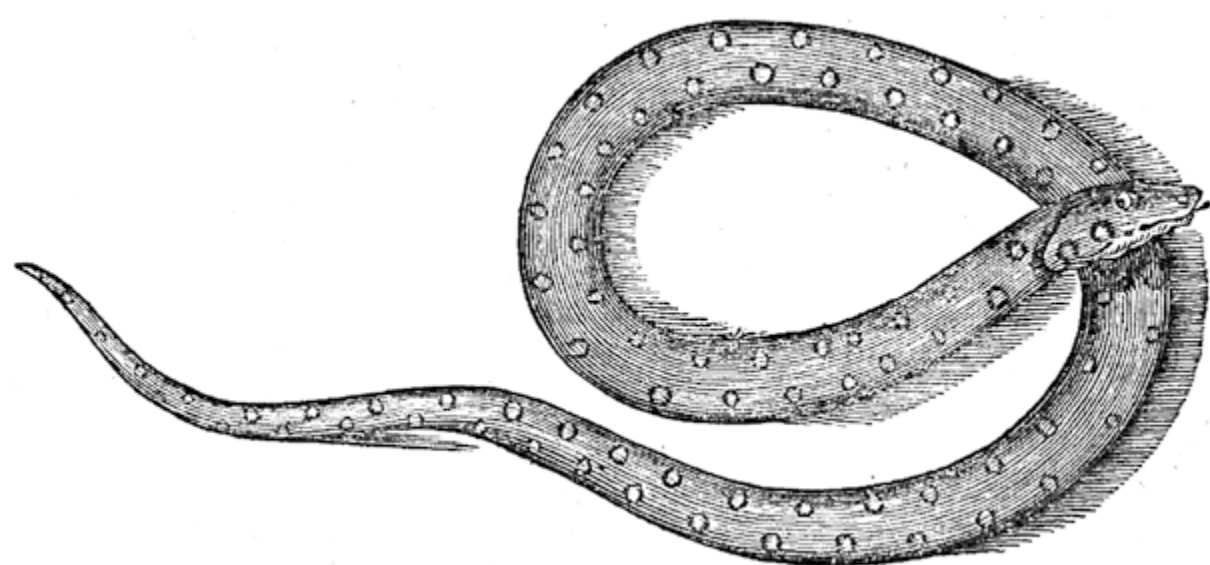
Aqui você acessa este QR code
que te leva a um site:



Nele você encontra músicas,
imagens, mapas e todas
as referências.

*Que sua viagem nesse emaranhado
hiper-linkado seja proveitosa.*





*Costuro o infinito
sobre o peito.*

HILDA HILST

FRICÇÕES CARTO- GRÁFICAS





Fricção 1 - Meu nome
foi Acre, por Heleno
Szerwinsk. Exercício
de colagem digital com
imagens, desenhos e
fotografias de um arquivo
pessoal para a Tese.
Uma fricção cartográfica
em Georg Marcgraf
(1610-1644)

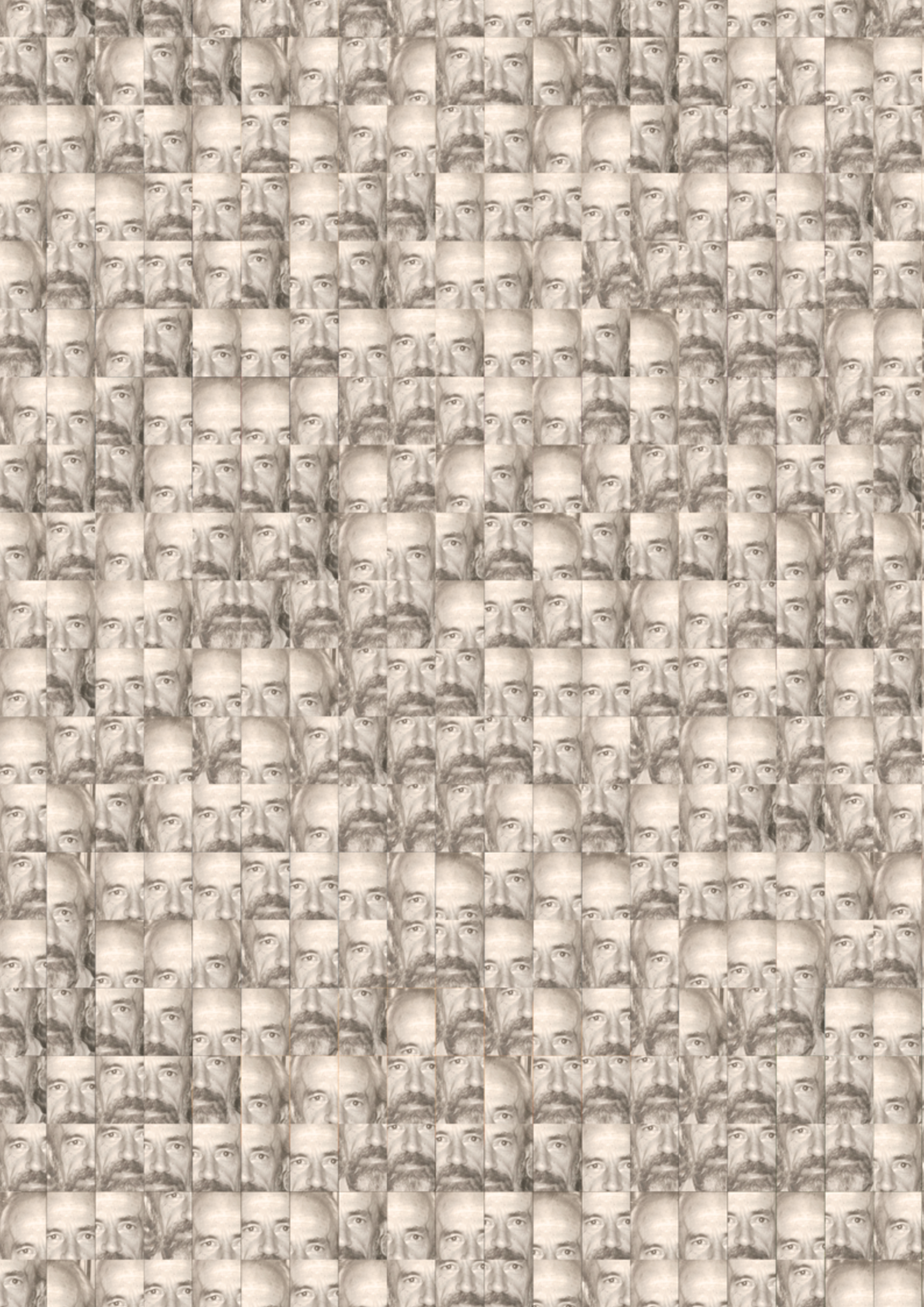


Fricção 2 - Arteiros de casa,
por Heleno Szerwinski.
Exercício de colagem
digital com esculturas de
madeira de meu avô e
artesanatos de minha mãe.
Uma fricção cartográfica
em Georg Marcgraf
(1610-1644)



Fricção 3 - Impro(visão),
por Heleno Szerwinski.
Exercício de colagem
digital com imagens e
fotografias de um arquivo
pessoal para a Tese.
Uma fricção cartográfica
em Georg Marcgraf
(1610-1644)

MANUAL DE NAVEGAÇÃO





Pode-se olhar e não ver. Principalmente estando distraído ou sobrecarregado de informação numa interação constante entre tela e mente. Aliás, tenho que assumir: vivo me perdendo nesse meio de telas e redes. Naveguei pelo mar da Internet, indo e vindo, com as mãos no celular, experimentando a textura das coisas. As conexões rápidas se multiplicaram com um computador. Perfuro conteúdos digitais, muitas vezes sem saber o porquê. Nunca fui o mesmo diante da velocidade da informação. Afinal, ninguém foi quem queria ser.

Este manual de navegação se trançou com as ideias de mundo para apresentar esta tese, onde sonoridades abriram caminhos dentro dessa maneira de movimentar a pesquisa. Foi esse meu modo de navegar pelo estudo, me jogando com as águas em sensibilidades outras. Escapei por acontecimentos, talhando com as mãos,

em distâncias incalculáveis, onde o corpo-desejo da Amazônia (expressão da artista Maria Martins no documentário *Maria, Não Esqueça que Eu Venho dos Trópicos* de 2007) se encontrou em estado de poesia e não se curou ao fim da travessia. Minhas mãos curiosas escolheram mapear. Aprendi também a navegar entre linhas de pesquisa para conseguir mais espaço com a escrita das coisas. Com tudo isso, vivi tormentas e decepções que não passaram de deslocamentos que desembocaram em processos. Foram rios de informação em que naufraguei e que se misturaram com as artes. Desenhei composições sensíveis.

Experimentei uma geografia profunda, numa cartografia de tela e me perdi. Fui absorvendo o que se passava tentando (trans)ver. Agora estou aqui falando com você, sem realmente saber onde está neste instante. Só sei que estou um pouco perdido, neste encontro inédito. Fiquei surpreso, com tantas coisas na cabeça, querendo explicar — mas tudo isso só me faz duvidar

Figura 1 - Artífice da escultura, por Heleno Szerwinski.



ainda mais de vozes invisíveis. Foram limites do “fora” que me abriram por dentro. Talvez você esteja caminhando no passo da natureza¹, ou seja, se abrindo aos poucos para o que tenho a dizer. Tem coisas que só saíram por escrito e que nunca mais se apagaram da memória. Me acendo com os restos. Lembro-me bem de algo que meu avô Lázaro disse em minha infância, na cidade de São Francisco de Paula, em Minas Gerais — uma frase simples que traduz aquilo em que acredito: *Quem divide, multiplica*.



Figura 2 - Documento do restaurador, por Heleno Szerwinsk.

1. A expressão *passo da natureza* é título da canção do artista acreano Antônio Pedro, um dos principais representantes do gênero musical Baque. A inspiração de muitos canceiros do estado do Acre vem de suas origens de nascimento que são os seringais da região. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WAuzT-tWKfKY&list=RDWAuzT-tWKfKY&start_radio=1. Acesso em: jul. 2025.

Lázaro Szerwinsk foi um artesão. Gostava de observar o céu, quando estrelado. Afinal, para um escultor de madeira que fez sua arte apenas com referências e a habilidade das mãos, o gesto acabava encontrando uma forma de expressar. Recordo dele, com seu corpo magro, sentado num banquinho, no jardim de casa, dedicado à talha da madeira, criando a sua arte. Um escultor que também trabalhou como restaurador na faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Por acaso, fuçando uma caixa de “badulaques”, encontrei essa antiga carteira dele. Leio a palavra “artífice”. Esse termo diz muito sobre ele — talvez até mais do que eu mesmo poderia dizer aqui.

Estou também sentado, numa cadeira de “frente” para um computador, numa casa de madeira, no bairro da Fortaleza da Barra, em Florianópolis, Santa Catarina. Lá fora, ouço passarinhos e ao fundo

2. José Miguel Wisnik, em seu livro *o Som e o Sentido* (2019), descreve a música como um elemento de religação entre naturezas e culturas. Cita que instrumentos musicais são originados do sacrifício animal para obtenção de seus materiais de fabricação. Comenta, por exemplo, que os ossos do esqueleto de aves viram flautas e que o couro de ruminantes vira peles para tambores.

3. *Moacir de todos os santos*. Leitieres Leite e Orkestra Rumpilezz. Rio de Janeiro: Rocinante, 2022. A foto deste trabalho me atravesou, desde o início. O grupo musical está vestido de roupas brancas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ejdec33Avis>. Acesso em: set. 2024.

4. A música *Mapa do meu nada*, que encontrei na voz de Cassia Eller, foi uma referência, para mim, nesse rumar da tese. Leio esta música como uma cartografia tátil de um corpo que procura conhecer e navegar por outros corpos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s3gQj-gyx9iU>. Acesso em: jul. 2025

do meu campo visual é por onde viajo por janelas abertas para a mata. É nessa paisagem da Dólmén da Oração que me componho, conectando memórias e imaginários que me vêm à cabeça, sensibilizado com a Amazônia. Para isso, escuto um ritmo de tambores e sopros. Deixo-me levar pelos sentidos das artes. A música começa a ser experimentada como um rito sacrificial², combinando com as sonoridades das águas que imagino escorrerem de uma orquestra afrodiaspórica³, me levando a tecer com fios vitais — um artífice como meu avô — para falar de um mineiro que foi morar no estado do Acre, escutando a obra *Moacir de todos os santos* (2022) com a Orkestra Rumpilezz. As ondas sonoras elevam minha psiquê para conectar (meus) mundos. Melhor dizendo, me embrenho com os memes, misturado aos espaços que vou imersando. Meu (trans)ver, nesse mapa do meu nada⁴, ficou à deriva, sem perceber o tempo passar — caminhou por espaços menores. Realizei deslocamentos em navegação, buscando as cartografias intensivas. Digo isso, nutrindo-me em uma casa-natureza. Emaranhei memes com as “coisas”, formando um corpo-desejo da Amazônia, geografando (outras) amazônias.

Dispus-me a cursar, rumando pela região Norte do Brasil, de forma “coisada” — melhor dizendo, de “coisa” a “coisa”, pelos afluentes. Já nesse início, experimentei sismos corporais e baques com a imagem de uma canoa na beira do rio Iaco, que fica em porto da aldeia Manchineru, Santa Rosa do Purus, no Acre. Mergulhei nessa imagem encontrada no status do WhatsApp de um amigo indigenista. Pessoas, quando movidas pelas emoções, foram frágeis como canoas, sem saber o que iriam encontrar com as águas. Foram levadas a improvisar com o que tinham nas mãos. Nesse meio, também improvisei. A cadência do texto se fez ao balanço dos pés ao som do maestro Moacir Santos, em arranjos do músico baiano Leitieres Leite. Fui levado pelas curvas abertas de um rio inventado. Embarquei numa cartografia de tela.

Esse modo próprio de percorrer a pesquisa foi (e)feito de uma educação menor — o que senti por dentro, um currículo autoral que se trançou pelo campo teórico da Educação. Meu (des)objetivo de pesquisa aqui foi praticar uma seleção de cultura, tendo em vista o currículo como processo. Melhor dizendo, criei-me com memes da Amazônia; manuseando forças e desatinos que vieram com a escrita. Olhar ao meu redor e perceber que estou cercado de instrumentos musicais, fez com este estudo fosse também potencializado pelas



Figura 3 -
Canoagrafia,
por Marcos de
Almeida Matos.

atmosferas sonoras que movimentaram a escrita. Vivi numa casa-natureza que ainda foi laboratório e terreno para este corpo-desejo, potencializando o estudo e dedicação para pensar com a Amazônia às coisas.

Começo desse meio criador, meio que me criou, meio onde me criei, meio que segui criando — escapando-me para ampliar a desterritorialização do estudo. Meio que foi composição, misturado aos desígnios e encruzilhadas da vida. Meio que surgiu dos memes da Amazônia. A multiplicidade de situações que encontrei, me fizeram caminhar em direções “movediças” nesse meio de telas e redes. Muitas vezes deletei informações que carregava, desprogramei escolhas, fui insistente em cliques. Entreguei-me a esses movimentos e a cartografia de tela ganhou espaço. Foi como um rito musical que segui ao longo de todo o processo.

A primeira *canção-força* da tese que compus se chama *Amazonialismo*. Ela veio como inspiração com o verbete de Albuquerque (2016) — *que designa esse conjunto de leitura crítica de palavras, metáforas e imagens que tentam significar o que se entende pela Amazônia*. A música, nos últimos anos, vem sendo o caminho do mundo que mais me espiritualiza. Desde os doze anos de idade, vivo dentro da “casca” do violão. Semeio canções pelos acordes, desenhando melodias com palavras que experimento cantando. Vivenciei em coletivos musicais que integrei as mais diversas situações de aprendizado no estudo da música, como, também, pelo uso intensivo de um computador e um celular.

Segui criando o poema desse rio, modulando a vontade de não querer mais parar. Os afluentes formaram-se nesses movimentos-existências da escrita da tese. Assim, foi meu impulso: nadando contra a correnteza, vivendo “acidentes”, buscando sem saber o rumo. Assistindo ao filme *All is Lost*, (2013) — traduzido para o português como *Tudo Está Perdido* —, me percebi com a mesma sentença que o personagem, a quem nomeei como aventureiro-náufrago, protagonizado pelo ator Robert Redford. Em outras palavras, assumi, na vida, que me perdi “pela lei natural dos encontros”⁵. Pegando carona na música *Mistério do Planeta* do grupo *Novos Baianos*, assumo que deixei e recebi um tanto, me percebendo em mais uma dúvida.

Diz o aventureiro-náufrago no início de sua estória: “*Eu tentei ser autêntico, eu tentei ser generoso, mas tudo está perdido, com exceção da alma e do corpo*”. Isso me gerou um baque no início dessa pesquisa. Ainda assim, continuei escrevendo artigos e textos. Apostei no que não sabia, fiz coleções de memes— e me perdi novamente. Perder-me nos encontros: não podia, não devia, mas foi o que me restou na aventura onde, afinal, quase tudo foi perdido. E fiquei sem saber do caminho que escolhi. Enfim, a pesquisa não me fez desligar dos memes, a minha primeira questão. Li demoradamente a *Amazônia*, com espaços menores, e então, me inventei novamente em navegação.

Se lá no filme a única personagem era o aventureiro-náufrago, aqui foi o inventor-navegador que funcionou como simulacro para constituir meu posicionamento como pesquisador — aquele que caminhou pelas insistências e provisoriiedades, pois não havia me encontrado com as minhas (cons)ciências. Experimentei inventar, encontrando na tela um encontro outro. Fui refletindo conteúdos digitais, transvendo (meus) limites.

Assim, a linha antes reta, ramificou-se numa cartografia de tela. O aventureiro-náufrago menciona, em certo momento do filme, que “*não deveria levar tanto tempo para perceber*” que estava perdido. De forma semelhante, o inventor-navegador, se perdeu pelas certezas, metas e olhares — logo no começo da pesquisa. O tempo de tela me erodiu, pelas distâncias que fui percorrendo com os memes. O inventor-navegador foi esculpido pelo mar da Internet, jogado, desfeito e remontado — nunca o mesmo entre um momento e outro. Me senti numa metamorfose. Esse foi o céu que eu mesmo forjei, enquanto navegava, como um cartógrafo na errância⁶. E não hesitei

5. Uma menção ao universo da canção *Mistério do Planeta* (1973) do grupo Novos Baianos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I_luHBNtocc&list=RDI_luHBNtocc&start_radio=1. Acesso em: jul. 2025.

6. *Errância* é título da canção do artista mineiro Rafael Pimenta. O que me pegou de “assalto”, nessa música, foi a letra que menciona em seus primeiros versos “*depois de dar tempo ao tempo, hesitar em silêncio, oscilar...*”. Isso se reverberou com tamanha intensidade no que estava construindo naquele momento. Senti uma harmonia dissonante, me perdi, embarcando sem medo, ressoando imagens, vivendo a multiplicidade da experiência pelo mar da Internet. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zFHKpHKFN5c>. Acesso em: jul. 2025.

em errar, em alvos imprecisos. A temporalidade do aventureiro-náufrago perdido a 1.700 milhas náuticas dos estreitos de Sumatra, parecia lenta e exigente. O silêncio das cenas do filme me calava. Senti medo. Precisei cantar uma oração quando não recebia uma resposta ao que estava acontecendo.

Ao sofrer um pequeno acidente, no qual um contêiner perfura o casco do barco, deixando a parte inferior tomada pela água, o aventureiro-náufrago do filme se “perde” mais uma vez, sem saber o que poderia fazer para se salvar. No primeiro dia, consegue apenas iniciar o reparo do furo do barco com um tecido improvisado, sem muito sucesso. Faz uma cola, ajeita uma madeira, tentando interromper o fluxo incessante de água.

A gente não pode ter pressa. Percebi isso do universo quando estive em crise. Um pensamento-horizonte me alumiou: trabalho não é velocidade. Isso ficou para mim como uma mensagem, pois, de imediato, nem eu consegui resolver meu próprio problema. O que restou ao aventureiro-náufrago foi ir dormir, numa rede acima do chão, enquanto o barco seguia acumulando água. No dia seguinte, com mais disposição e foco na recuperação, recebendo luz e, sem muito vento, o personagem tenta fazer funcionar seus equipamentos eletrônicos, deixando-os secar ao sol. Estende seus mapas e testa a bateria — que não funciona.

Logo no início, ele viveu uma operação de salvamento (de si mesmo), mesmo estando (teoricamente) preparado. No começo, estava munido de materiais e ferramentas, mas a cada movimento, tudo foi sendo (tocado) levado. Talvez, para quem não sabia por onde navegar (ou pesquisar), a própria composição serviu como um bote de salvamento. O que me libertou foi ficar pelo mar da Internet. Me mutei com as mãos pelo caminho do não-saber produzindo.

A Internet, para mim, foi o que me mobilizou para ser este inventor-navegador, permitindo-me desenhar esse currículo com memes, numa rede de bilhões de usuários das tecnologias digitais. Ir atrás de perfurar o que vinha de conteúdos digitais me levou pelos afluentes, numa cartografia de tela, ampliando meu campo de compreensão dos memes, que passaram a funcionar também como moduladores da prática — principalmente, para pensar (outras) amazônias. Desobjetivar foi verbo de ação, onde tive a possibilidade de me abrir a caminhos com as coisas que se emaranharam por escrito. O ver não se deu num sentido único, mas em múltiplas movimentações.

O primeiro afluente surgiu de combinações — com acontecimentos e achados. Um esboço autobiográfico do mineiro que, onze anos atrás, foi brotar em Rio Branco, no Acre. A essa primeira parte chamo *Afluente 1: Um mineiro no acre*.

O segundo afluente, denominado *Afluente 2: Amazonialismo*, nasceu de uma inspiração que veio de um verbete do *Dicionário Aquiry* (2016) e se tornou ponto de inflexão para este corpo-desejo da Amazônia: produzir movimento com as (geo)grafias da região.

O terceiro movimento *Afluente 3: Currículo e memes*, foi o que destoou com seus platôs, onde tudo se misturou — inclusive memes, que criaram confusão na pesquisa. Faço deste transbordamento um canteiro de (de)composições entre autores e reflexões, uma bagunça de coisas que só consegui dar vazão por aqui.

Potencializando a escrita, há um conjunto de imagens que transita pelos afluentes. Nele, a intensidade mistura-se com sentidos plurais, dinâmicos e conflitantes, imagens perfuráveis, bricolagens e mapas que foram fabulações. Modulei-me com as perdições para apresentar e constituir a chamada realidade intensiva do estudo, nesse meio de telas e redes. Esse conjunto imagético dos afluentes funciona como uma ginástica para o leitor. À medida que adentro os afluentes, as linhas misturam-se em texturas.

A ideia aqui foi apresentar esta tese no formato de um manual de navegação, o que se mostrou finalmente possível para introduzir as coisas. *Navegar é preciso, viver não é preciso* — um verso de Fernando Pessoa que aparece na letra da música de Caetano Veloso e que me retumba. Não saberia anunciar, se não me jogasse na vazão da tese que navegou pelos memes da Amazônia e que transitou com o currículo em misturas com as sonoridades das águas. A manualidade da tese se deu em um agir tateante que buscou se expressar em navegações.

Os afluentes foram modos de apresentar minhas criações na questão sobre a qual o trabalho incidiu e deixou (flu)ir como um vôo de pássaros. E o termo *coisas* não significa a falta de outra palavra melhor, mas sim, ao modo de Tim Ingold, a ideia de que aquilo que recolhi nessa jornada como professor diz mais do que se eu simplesmente a chamasse de *objeto*. Em muitas pesquisas a palavra *objeto* já chega associada à ciência clássica; no entanto, quis aqui chacoalhar a imagem que as palavras (trans)portavam. Esta tese foi produzida com memes em caminhos pela floresta do conhecimento.

Nesta coisificação de estudo que caminhou a tese, deixei as coisas se misturarem com o que encontrava pelo mar da Internet. Tecí até mesmo o que eu não compreendia em mim, coisas que só fui saber o porquê em uma pausa lenta. Ouvir os passarinhos ao invés de falar se mostrou uma confluência. Deixo a poesia de Carlos Machado, declamada por Antônio Abujamra em seu programa de entrevistas chamado *Provocações*⁷, para potencializar, ainda mais, a Amazônia.

[...] as coisas não dão certo. Nunca deram certo.
Não foram feitas para dar certo. Nós é que temos a ambição do alinhamento e da simetria. E até inventamos deuses perfeitos, construímos à imagem e semelhança do que sonhamos. As coisas não dão certo. Nós é que cerzimos o pano, obturamos o dente, remendamos a fronteira no mapa e inauguramos na estátua de chumbo um simulacro de ave. Queremos crer que as coisas dão certo, que as coisas agora estão dando certo e — se deus quiser — sempre darão.



7. *As coisas não dão certo*.
Disponível em: : <https://www.youtube.com/watch?v=oy-PZDmWqeg>.
Acesso em: jul. 2024.

A COISA MEME

*por onde
navegou
esta tese*

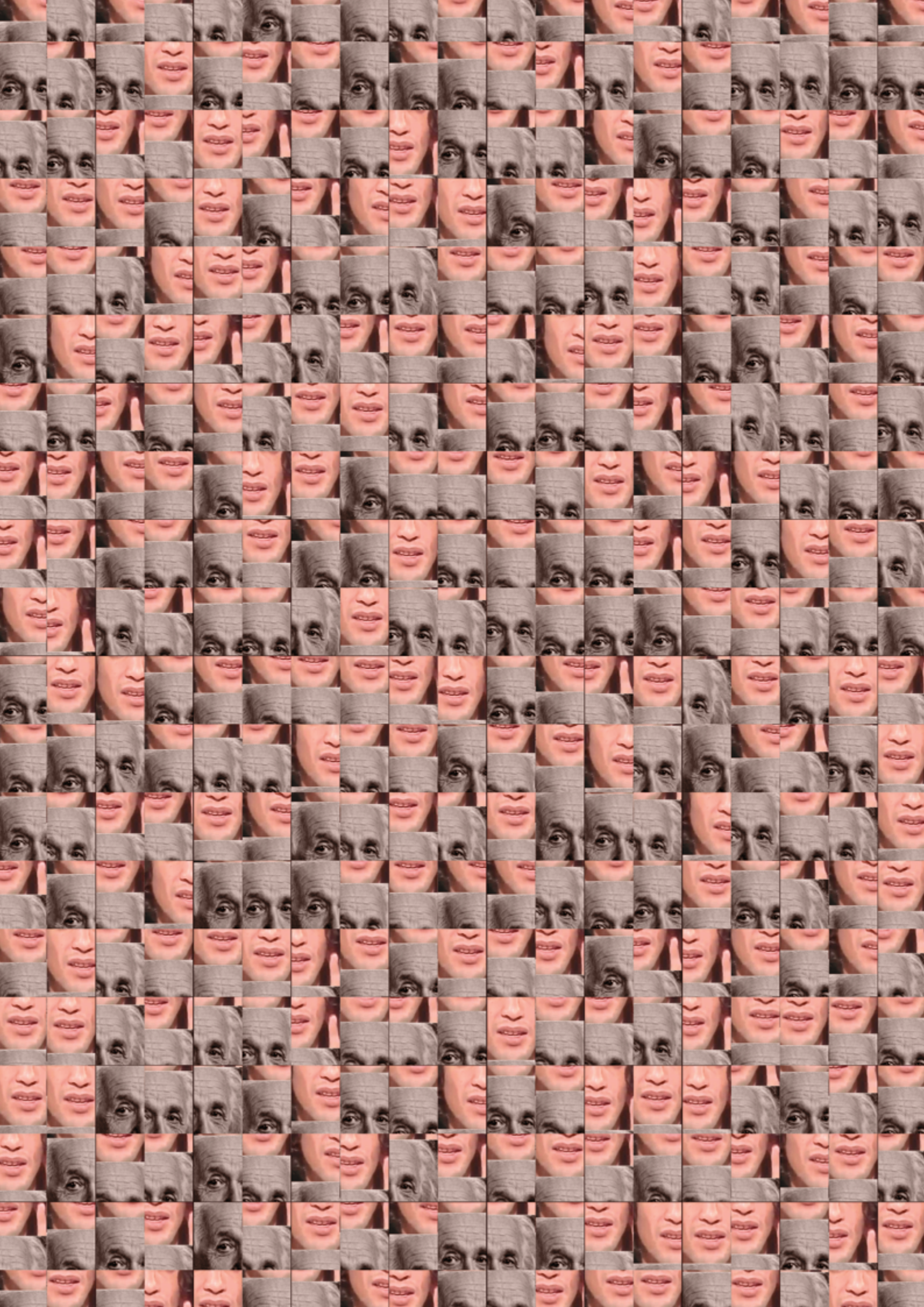




Figura 4 - Decidi (flu)ir com os memes, extraído do portal da Google.



ensar coletivamente um significado para uma floresta como a Amazônia: talvez seja a maior obra coletiva da humanidade à qual me vi procurando participar. Foi meme navegação.

Criou ramificações e ganhou espaço, sem cabimento — entre imagens e poéticas. Afinal, inventar foi também (des)territorializar. As amazônias foram, e ainda serão, muitas em nós. Há tanto para (trans)ver, pensando como elas podem ser criadas. O mais importante foi assumir que, para mim, nesse estudo, meme representou uma coisa. E foi com essa coisa que a tese navegou. Aliás, viajantes, cientistas e literatos também navegaram em suas descrições da região, apenas criando. Eles a nomearam, para rapidamente descrevê-la. Inclusive, mapas, para conhecê-la melhor, e explorá-la. Eu, me desviei desse modo de fazer. Decidi, inventar linhas e texturas, emaranhados aos memes da Amazônia. Enfim, o meme do Caetano Veloso me bagunçou, aceitei descrevê-lo aqui. Convoquei-me a rizomatizar com as ideias que surgiram na leitura dele. Dessa maneira, li espaços menores, onde quis abrir ainda mais espaços, numa cartografia de tela.

Vi que a floresta amazônica pode ser considerada o maior banco de informação que há no planeta Terra. Isto significa que uma vida inteira não seria suficiente para conhecer e acessar tudo isso. O que foi possível fazer nesse estudo, em movimento, foi tentar (d)escrever em tela. Leio que não há uma imagem da vegetação, nesse meme. Há dois rostos “conhecidos” pelo público geral, ao decidir sobre a região. Gostei da combinação, porque Caetano Veloso me traz um encantamento com a poesia. Já Albert Einstein movimenta meu imaginário da matéria do mundo. Visões em confluência. Cada um à sua época. À primeira vista, me parece um faroeste. Me intimido com narrativas que buscam as tecnologias como um “bote” de salvamento, para o destino da Amazônia, como a segunda opção.

Desse modo, caminhando com as afetações, procurei identificar “as relações das relações”, ou seja, entre naturezas e culturas. Este meme criou uma realidade fabulada em relação ao desenvolvimento da região amazônica. Isso me levou ao confronto, para pensar como memes potencializam efeitos no currículo, tendo em vista a geração de diferentes imagens amazônicas. Tenho empatia e estranhamento pelos dois intelectuais. O primeiro me afeta com a música e sua sensibilidade, e o segundo com a ciência e suas teorias. Leio este meme como uma disputa de futuros. Me coloquei a pensar sobre duas alternativas: uma distópica (a de desmatar a região sem limites) e a outra utópica (de criar uma economia verde, que integre tecnologia e a biodiversidade).

Esta ficcionalidade abordou temas cruciais para a Amazônia. Ele adentra o campo de forças políticas e econômicas que buscam fabular um futuro para a região. Em outros termos, alcança uma dimensão inescapável a qualquer habitante do planeta e da região Norte do país. A combinação improvisada entre os dois debatedores — um músico e um físico — amplifica o imaginário da globalização que movimenta a geopolítica. Trata-se de uma tentativa de formação de uma imagem-desenvolvimentista da Amazônia por meio de diferentes interpretações da realidade.

Memes afrontam o currículo, e isso serve como um ponto de reflexão para pensar como perfurar conteúdos digitais que se referem à Amazônia. O currículo se apresenta como este campo teórico que se ocupa da seleção cultural dos conhecimentos que podem ser trabalhados na escola, inclusive em processo, pensando *como os memes podem ser atravessados em currículos*. Se misturarmos temáticas escolares

em travessia, conteúdos curriculares com os memes, que combinações fazem e/ou desfazem? Tentei compor com intensividades.

Trançei em rizoma, indo com o currículo romper essa imagem-clichê de Amazônia. Como professor de geografia na região Norte do país, me restou balburdiar com a cultura política da extrema direita, tendo em vista a circulação de conteúdos digitais nas escolas. Como um inventor-navegador, criei, navegando, pelo mar da Internet, para tentar dar forma à vida, me confluindo com o pensamento do autor Tim Ingold.

Os conteúdos digitais foram (se) desdobrando com a visualização de memes da Amazônia. Mas para quê memes no currículo? Porque eles, de algum modo, ocuparam o meu tempo. Para falar da Amazônia, como esse artefato cultural feito pelo trabalho de muitas mãos, fiz uma leitura desobjetiva para poder compor outras amazônias. Quis realçar amazônias!

Experiências que me permitiram perfurar conteúdos digitais, inspirado na noção da coisa em Ingold (2012), com o qual pude trazer à tona o quanto fiquei bagunçado com memes. Pergunto-me: como coisas-memes podem fazer rizoma de amazônias ou misturar-se com o currículo? Procurei criar com os materiais que encontrei e com eles realizei um trabalho intempestivo e sem roteiros fixos. Fui agarrado à convicção de que memes se ligam a um corpo-desejo da Amazônia. A corporalidade-desejante deu vazão na interação da mente com a tela.

A dificuldade de explorar as ambiências digitais expôs-me a importância de rizomatizar. Procurei me emaranhar com os memes da Amazônia. A filosofia da diferença me fez estetizar e politizar com o acontecimento, esmiuçando as “relações das relações” e fazendo uma ligação com o campo da Educação.

Produzi brechas nos memes desejando as brechas no currículo, e com isso fiz com que a Amazônia fosse multiplicidade em variação, mostrando que o ‘fixo’ era a condição de variação *ad infinitum*... Busquei (trans)ver, o que não estava acessível a ver e atingi uma imagem sem pensamento de amazônias. Essa foi a minha intenção.

O que são memes? O que memes podem com a Amazônia? O que se movimentou em uma cartografia (de tela)? Essas questões e outras ramificações, que atravessaram o campo da Educação, relativas aos memes, ao currículo e à Amazônia, avolumam essa tese. Os memes foram uma linguagem da internet que apareceu para me avivar.

Seu poder de comunicação movimentou-se com as temáticas escolares, sem uma centralidade definida. Fiz esta coisarada se misturar, para pensar outras amazônias, com o currículo.

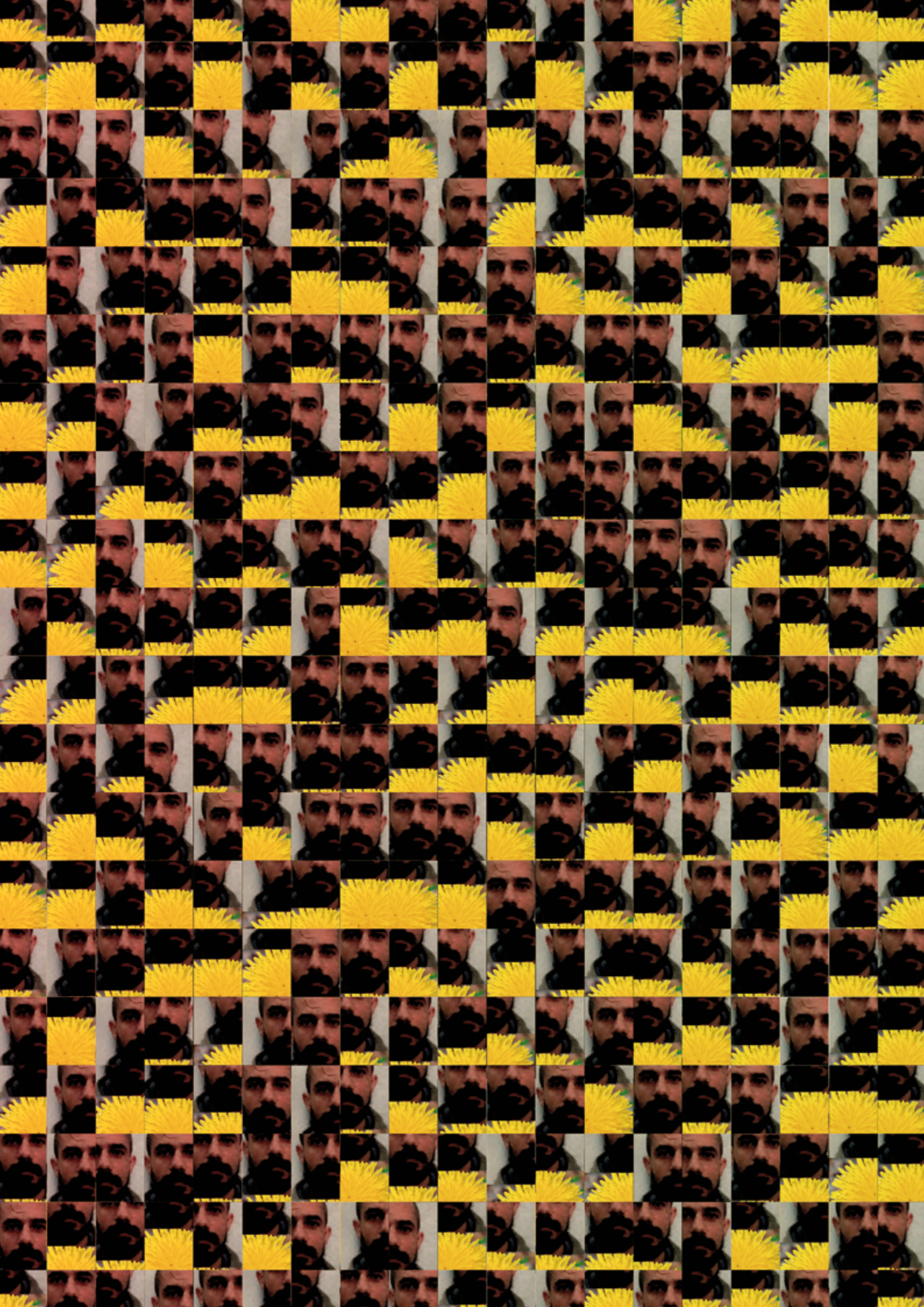
Inspirado na ideia do autor Albuquerque (2016) do verbete *Amazonialismo* — que indicou a leitura crítica de imagens, palavras e metáforas pelo que se entende da região — criei caminhos.

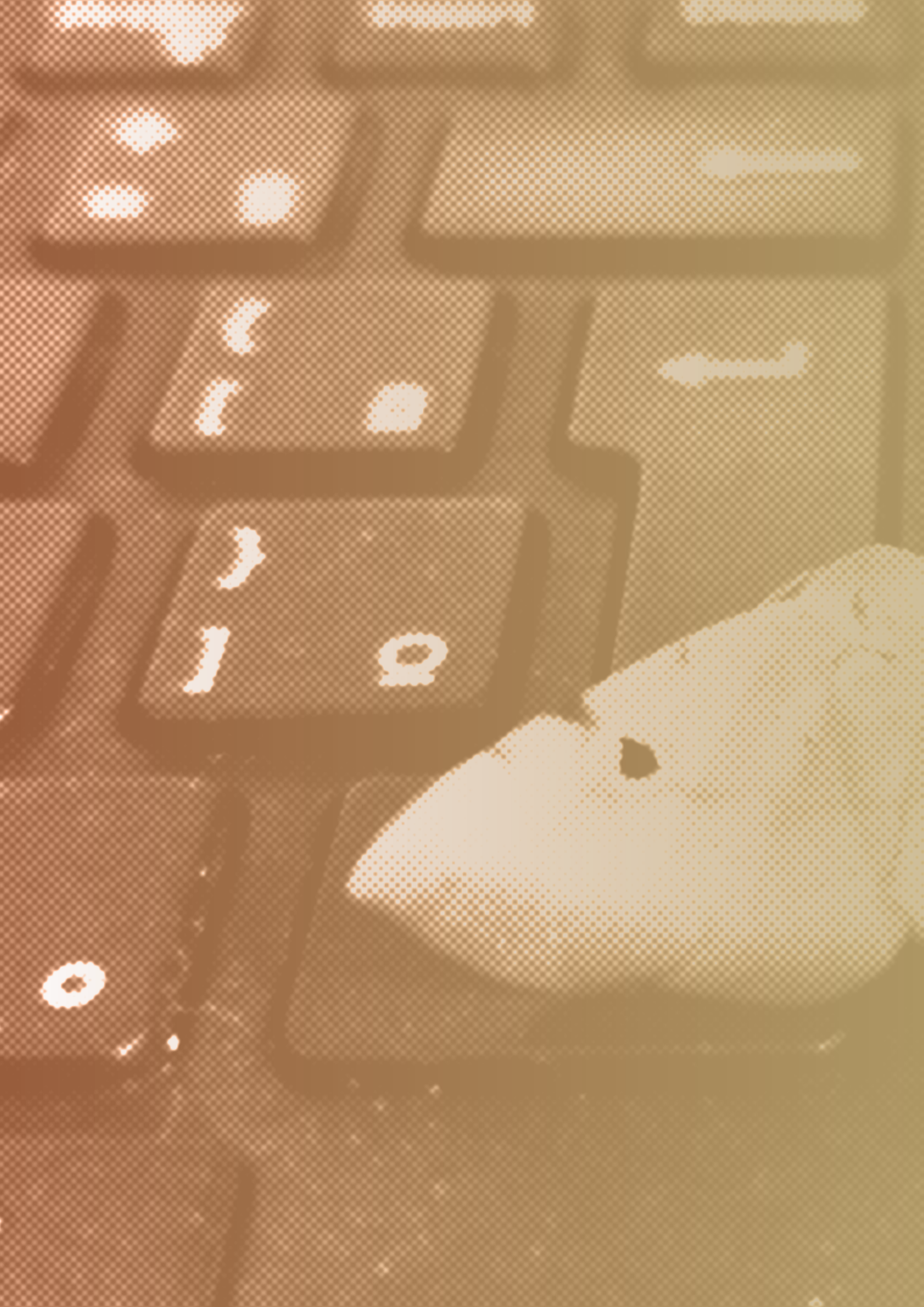
Figura 5 - Caminhos pelos pés, por Luísa Moraes.



AFLUENTE 1

*um
mineiro
no acre*





*A honra da sua arte
o proibia, só o artista
podia saber isso
e ser o espectador
totalmente satisfeito
do próprio jejum.*

FRANZ KAFKA,
EM “O ARTISTA DA FOME”.

De onde vem: o desobjetivar das coisas

(inspirado no verbete macumbeiro do autor Luiz Rufino)



Coiseiro: definição de caráter epistêmico e político que (sub)verte visões de todas as lateralidades do conhecimento, no invento de “coisas”, perpassado pelos fluxos vitais que atravessam o corpo que desobjetivam as materialidades com as artes. Foram (e)feitos de movimentações para pensar um currículo com os memes. Para o coiseiro importa até o espaço menor, do gesto à pausa, entre linhas e texturas que surgiram com as imagens amazônicas.

Se no início foi a atmosfera das composições do maestro Moacir Santos que fez essa coisarada nascer, agora as coisas se combinam no (com)passo da natureza, desta vez com Tim Ingold (2012).

Em paralelo, ouço do artista sul-africano Wiliam Kentridge, na série *Self-portrait as a Coffee: a natural History of the Studio*, falando sobre a escolha no mundo diante de tantas coisas que ainda não sabemos. Isso me rebate, diz ele: “como não sabia ler a natureza, me coloquei como artista”. Nessa escrita, então, ler, as coisas, foi desobjetificar. (Trans)ver foi um ato do vir-a-ser, por espaços menores. Me avivei. Porque as coisas, diferentemente dos objetos, foram porosas e fluidas, perpassadas por fluxos vitais. Nas palavras de Ingold, são fios vitais que trazem as coisas de volta à vida, portanto, “observar uma coisa não é

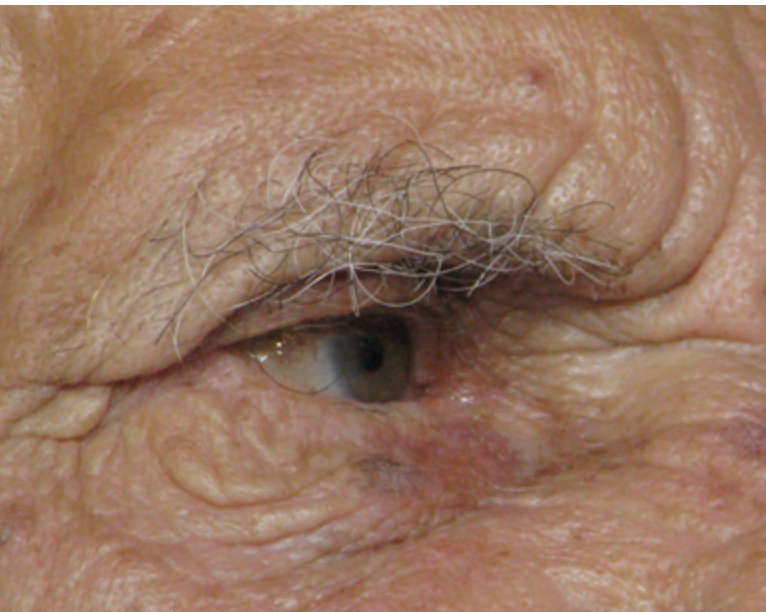


Figura 6 - Sobrancelha centelha, por Luisa Morais.

ser trancado do lado de fora”. (INGOLD, 2012, p. 29) Isso me levou a insistir, quando já não mais acreditava estar vendo. Coisa seria, então, uma artesanía. Foi a experiência de um criar para pensar, com as coisas, o currículo e a Amazônia.

Criei muitas coisas, até as que não dei conta, mas ninguém ficou sabendo de tudo. Mistério do planeta. Experimentei (extra) vazamentos, crimes que estava destinado a cometer, mesmo com as

coisas. Para Ingold e Hallam (2018, p. 144), “as pessoas precisam fazer as coisas acontecerem enquanto seguem seus caminhos. Numa palavra, elas precisam improvisar”. Busquei, nesse serpenteio, convocar a minha própria criatividade, no acontecer da pesquisa. Então, vamos lá. Faço meu movimento. Visualizo, aqui da casa-natureza, uma vegetação, pelas janelas abertas, na época do Outono. Vejo árvores diversas; à primeira vista, a maioria com porte médio, como o cedro, a gabioba, a embaúba, o ingá e o jacatirão, cercadas por uma queda d’água que escorre lentamente pelos rochedos do terreno. Isto foi apenas um recorte visual diante da minha vista. Destaco nesse ambiente a palmeira enredida, para exercitar a noção de *coisa* proposta por Tim Ingold. O pesquisador propõe, no seu texto “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais” (2012), que podemos simular um ambiente sem objetos (ASO). A ideia de Tim Ingold foi exercitar a composição do ambiente, tentando diferenciar a noção de objeto e de coisa, tecendo com fluxos e materiais.



Sigo, então, descrevendo a palmeira que vigora no solo da mata. Sua raiz está fincada em um “encaixe” da rocha que bordeia o fio d’água. Ela habita um fio d’água que escorre a uns vinte metros do meu ponto de vista, olhando para fora das janelas. Sua raiz é invisível ao olho “nu”, penetrando profundamente no chão da mata, provavelmente em contato com várias camadas de folhas das árvores maiores que se acumularam com o tempo. Abaixo da superfície da casa em que vivo existem milhares de micro-organismos que trabalham pelas ramificações das raízes da palmeira que adentram os horizontes do solo. Na usinagem da floresta, estão presentes as formigas, que, dia a dia, carregam suas folhas e ovos pelo terreno, mudando suas habitações em razão do movimento das águas na mudança das estações ao longo do ano. Um sinal de que a água que está subindo no terreno. A serrapilheira representa esse revestimento fibroso que sustenta a palmeira e todas as formas de vida que ali estão.

A visualização se apresenta como este movimento de descrição de elementos do ambiente, tornando objetos em coisas. Isto é,



Figura 7 - Rizominha
em Azevedo-MG,
por Heleno Szerwinsk.

nessa escrita, pude ler a realidade para então desobjetificar com as coisas. Fui me movendo, por perguntas sempre sem resposta.

Olhando com atenção, a palmeira enredida é inseparável do que está à sua volta. Sua casca marrom é serrilhada e impermeável, o suficiente para resistir às intempéries da água. Leio, a paisagem que (d)escrevo, ao vivo, “trocando em miúdos”. Volto à descrição, então, desejado leitor. A palmeira tem uma forma que lembra a palma de uma mão virada para cima; balança, suas folhas desenhando uma performance jazz, misturada aos raios de sol que entram pelas copas das árvores, no final de uma tarde. Sua tenacidade me permite dizer que ela cresceu alguns metros, nesses últimos três meses.

Da confusão de ramos retorcidos, irregulares e mutuamente consorciados dessa palmeira enredida, percebo que se sobressaem as sapucaias, se estabelecendo uma malha viva que se conectou a inúmeras teias de aranha, que aparecem à vista dos primeiros fachos de luz. A palmeira “forrozeia” aos cipós de um camboatá que se enreda ao seu entorno, movimento que fica congruente aos sons da natureza que escuto, produzindo belezas, ressoando devir. Imaginei que a dispersão de sua semente, hipoteticamente, possa ter sido feita a milhares de quilômetros de distância dali, pelo trabalho “do acaso” de um passarinho como o Sabiá ou a Gralha-Azul, nessa época do verão.

Tim Ingold (2012) vai se apoiar em cinco argumentos para trazer as coisas de volta à vida, em seus emaranhados criativos: a) o mundo que

habitamos é composto não só por objetos, mas também por coisas; b) a vida é promotora do campo das relações das quais as formas são desenhadas ao ver; c) os processos vitais auxiliam a compreensão dos fluxos e dos materiais; d) o movimento é criativo e na intenção do agente dos processos; e, por último, e) criamos linhas de gênese e crescimento das formas que vivificamos — inspirado no artista Paul Klee.

As coisas foram inventos, um idioma desconhecido, do qual pude (com)partilhar. Foram leituras de mundo, tal como consegui (trans)ver (meus) limites.

COISA Nº 1

Em algum lugar no mundo



Vim ao portal desse mundo na década de 1980, no hospital Otaviano Neves, em Belo Horizonte, na capital de Minas Gerais — uma cidade que na minha infância era arborizada e cheia de praças. Vivi por mais de vinte anos no mesmo apartamento, na zona sul. Andava por parques e feiras da cidade, onde as combinações artísticas da minha mãe surgiam com as “coisas” do mundo. Explorei as artes e as materialidades, sempre curioso, vivia observando o chão, colecionava “trenzinhos” que encontrava pelo caminho, inclusive, catando folhas das árvores, inspirado na atmosfera da Maitê⁸. Observando as calçadas do bairro Sion, fazendo andanças matinais, criávamos ideias com o que aparecia e se combinava. Procurávamos explorar o ambiente.

Armazenadas no meu quarto, uma porção de “coisas” guardadas em caixas de sapato, me serviam para invenção de mundos. Havia muita coisa em casa. Minha mãe era uma guardiã de materiais, tais como: moldes de papelão, manequins de arame, cortiça, retalhos de chitão, fios de nylon, grampos de cabelo, folhas de revistas, arames finos e grossos, engrenagens de relógio, tiras de papel celofane, fitas adesivas, colas glitter, figurinhas de imã, rótulos de marcas, bolinhas de isopor, elástico dos mais variados, giz de cera, cartolinas, jornais e revistas — materiais dos mais diferentes tipos e formas. As ideias vinham na cabeça sem a consulta à Internet e utilizávamos

8. *Um cadáver agradável* (2014) é um curta metragem feito por estudantes da Pontifícia Universidade Católica (PUC-MG). Participam dele “conhecidos” amigos belo-horizontinos. Cenas foram filmadas neste apartamento da rua Venezuela que vivi por mais de vinte anos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=orOCW7s-g9Xs>. Acesso em jul. 2025.

Figura 8 -
Maitê grávida de José
na França, por Henrique
Pacca Luna (1977).



a “quinquilharia” guardadas para realizar as criações. Materiais encontrados pelas ruas do bairro eram geralmente utilizados como elementos numa composição. A casa em que morei foi um espaço de improvisação, onde orbitei. Felizmente, por duas décadas. Aprendi na mistura desse lugar, com experimentações. Um infinito no peito que me levou a respirar com as artes. Mal sabia que eu sairia dali também com uma força criadora. Não pude me separar do “antes”; estive com a substância do mundo, misturei-me às coisas que foram criadas.

COISA Nº 2

Mil coisas

Morando em Belo Horizonte, aproveitei muita “coisa” do meu pai e da minha mãe – nascidos, respectivamente, nas cidades de Diamantina e de Campo Belo. Eram jovens do interior de MG que tinham se mudado para a capital de Belo Horizonte. Meu pai (o Adauto) trabalhou numa tapeçaria de tecidos no centro da cidade. Minha mãe (a Maitê) cursou Psicologia no centro universitário



Figura 9 - Tuba da família Szerwinsk, por José Luna

Figura 10 - Artesanato de oratório em papel mache, por Maitê e Flavinha.

Figura 11 - Desenho de flor, por Maitê.

Figura 12 - Luzia em argila, por Maitê e Geraldo Eugênio.

Newton Paiva. Eles se conheceram somente na década de 80, quando minha mãe tinha voltado da França. Ela já tinha um filho; meu irmão José. Lembro da atmosfera festiva do apartamento — tinha muita música, materiais e mil coisas. Geralmente, minhas roupas eram costuradas à mão. Maitê inventava todo ano algo diferente para eu vestir. Meu uniforme nas escolas onde estudei nunca era igual ao dos colegas de classe, inclusive, isso gerava impasse todo ano na coordenação. Maitê preferia fazer o uniforme com retalhos de outras roupas e com bolsos coloridos que ela mesma criava.

Havia materiais “jogados” pelos cantos da casa. Nossa rotina era criativa. Ouvia música popular brasileira e rock progressivo. Desde a infância até a juventude, escutei discos de um baú que ficava na sala. Aprendi a tocar violão na adolescência. Tirava de “ouvido” solos de guitarra dos discos do meu pai. Maitê combinava seus

materiais. Vivia fazendo trabalhos na mesa da sala: papel-machê, pintura, roupas, esculturas, oratórios. Minha casa foi um ambiente criativo — cada ideia virava uma experimentação. Muita inspiração em pequenos detalhes que pediam para ser minimamente observados. Morada esta que produzia uma força criadora: desenhos feitos na parede, que iam literalmente do minúsculo espaço das frestas no assoalho a objetos colados pelas paredes. Lembro de uma criação de minha mãe ao lado do interfone de casa: um Arcanjo Gabriel feito em cima de um tecido branco de uma blusa “velha” de algodão e emoldurado com papel-machê. Sobre a mesa da sala e de dois quartos do imóvel, haviam revistas e cadernos desenhados. Eu estava ali, à espreita, absorvendo as artes. Tudo em casa era movimentado até que virasse outra coisa. Vi instrumentos musicais como uma tuba e um trompete virarem esculturas na parede da sala de casa.

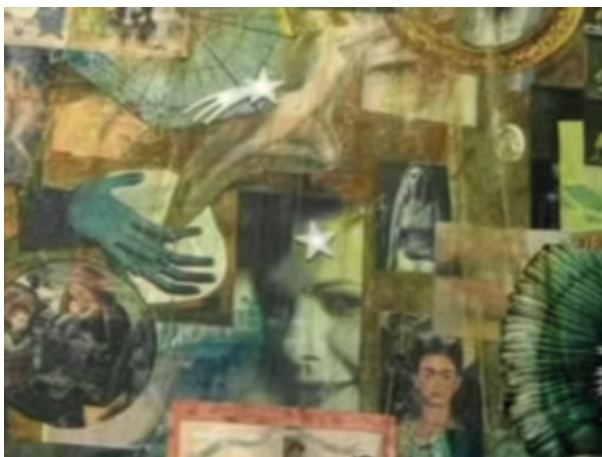
COISA Nº 3

Todo material foi combinação

Minha mãe coletava e armazenava em casa geralmente o que era dispensado no lixo do bairro Sion. Essas coisas serviam como inspiração para sua criação. Esse foi o tom de sua arte: a combinação. Amar e mudar as coisas, interessava mais à Maitê, parafraseando o artista Belchior, pensando como fazer suas combinações. Um dia, por curiosidade, perguntei a ela porque recortava imagens de mulheres em revistas.

Disse-me sorrindo: “estou fazendo uma fortaleza feminina”. Observava, nessa ocasião, alguns rostos que não conhecia: Fernanda Torres, Frida Kahlo, Elis Regina, Débora Colker, etc. Nem eu mesmo sabia quem eram essas fortalezas, mas observando uma fotografia e relembrando consigo perceber como esse quadro retratava a potência feminina. De fato, uma matéria desse mundo. Uma pista que me levou às portas de fazer nascer essa coisa. Mapa que possui

Figura 13 - Fortaleza feminina, por Maitê e Geraldo Eugênio.



uma referência e está imbricado a um domínio de forças que se intensificaram.

As caminhadas de Maitê pelo bairro eram o momento para pensar a elaboração de sua arte. O que será a criação e suas combinações, senão uma intensividade? Insistir é uma das potências daquilo que é intensivo (Preve, 2019). Então, tudo era processo, naquela casa, coisas “por fazer”, até meus pares de tênis velhos para não serem jogados “fora” viravam outra coisa. Difícil saber onde cada coisa começa. É importante, como diz Preve (2010, p. 4), “deixar que os começos façam seus encontros e que comecem por desmanchar algumas certezas”. Assim, eu começava a ver em mim traços da Maitê, entendendo isso — uma necessidade de (trans)ver. Dizia ela, rindo-se, que se não gostasse de algo, era combinar, dependeria de inventar. Minas Gerais para mim: uma matéria de combinação!



COISA Nº 4

Rio da Amazônia



e vida até aqui — foram baques e “correries”.

Perseverei em sensibilidade, um rio inventado com a Amazônia. O “Chão” que pisava e a água abundante me fizeram pensar. Durante toda minha infância não imaginava morar em Rio Branco, no Acre, o que dirá viver na região Norte do Brasil. Aprendi que o melhor caminho era agradecer, ouvir tantos passarinhos e conhecer a sua cultura alimentar. Alimentos como a banana, a mandioca e o amendoim são facilmente encontrados pelo comércio do estado. Conheci uma casa de farinha de trabalhadores da mandioca, em Cruzeiro do Sul, no extremo oeste do estado acreano. Vi diferentes tipos de farinha de mandioca, uma riqueza em seus preparos artesanais. A imagem que tinha da região era a de uma floresta densa onde me perdia andando. No meu aniversário que comemorei no Acre, ganhei de presente um galão da bebida fermentada da mandioca chamada pelos índios Kaxinawá⁹ de Caiçuma, de um amigo — o Zezinho Yube¹⁰. Contou-me que esta

9. Os Kaxinawá se autodenominam Huni Kui que significa gente verdadeira e falam o hatxa, o que significa língua verdadeira. Habitam a floresta tropical desde o leste peruana até o Acre. Constituem uma população de aproximadamente 5.550 pessoas. Fonte: Huni Meka: cantos de Nixi Pae. Rio Branco: Comissão Pró-Índio, 2007.

10. Uma descrição do trabalho de Zezinho Yube. https://embaubaplay.com/diretor_s/zezinho-yube/

bebida era produzida a partir da mastigação coletiva da mandioca, depois de ser cuspidada num tonel para acumular e depois fermentar. Essa imagem me paralisou. Não consegui provar no dia, ao me prender na imagem do preparo artesanal. Tirei dessa experiência um ensinamento: não poderia desperdiçar tantas oportunidades, sendo que não havia experimentado aquilo antes. Minha ignorância serve como alimento para tecer a tese. Preciso aprender a não ser tão medroso, o sabor da terra tem muito a me ensinar. Posso destampar as coisas, para sempre poder experimentar.

Considero que renasci com as árvores de lá. Realizei minha mudança para o Norte do país no ano de 2014, em plena Copa do Mundo. Uma mistura de coisas que refazia a rota na minha vida. Perdi minha mãe antes de ir para o Acre e em 2017 virei Técnico em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Acre.

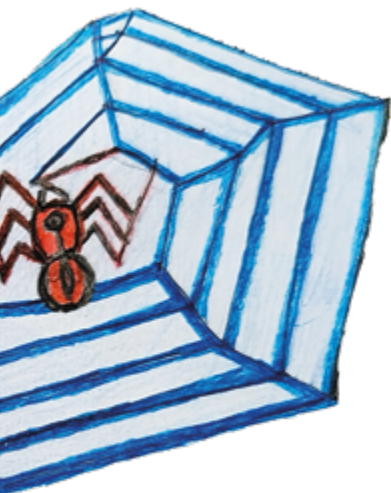
COISA Nº 5

Aranhas sob o sol nascente



u, que havia trilhado as serras mineiras— pela Educação — estourei como uma semente embebida no solo úmido da floresta enquanto ainda era estudante de graduação.

Não sabia que anos mais tarde iria me mudar das serras de minas para a planície dos rios. A viagem à Amazônia se deu através de muita festa na estrada. Foram dois dias viajando de ônibus pelo movimento estudantil, entre a cidade de Viçosa em Minas Gerais e Belém no Pará. Tirei algumas fotografias das paradas de ônibus. Isso tudo era novidade para um sudestino, em um percurso de cinco mil quilômetros. Os limites políticos-administrativos eram acompanhados dos meus limites interpretativos. Esta experiência foi reveladora da minha ignorância em perceber diversas diferenças culturais e sociais, assim como reconhecer sotaques. A rodovia me levou a apre(e)nder os traços regionais que nunca tinha parado para pensar. Isso foi libertador de muitas imagens que carregava em minha cabeça. Digo isso de locais singulares da cidade de Belém, capital do Pará, ao qual tive o prazer de conhecer a Amazônia. Na oportunidade dancei carimbó e tomei caçaça de jambu, nos “furos” da bacia do rio



Amazonas. Outras temporalidades me chacoalharam e fizeram pensar com as (outras) amazônias. Olhares (de pessoas) que me melhoraram. Conhecimento que experimentei em processo permanente de conflito.

Cheguei na capital paraense por volta de oito horas da noite do horário local, uma “verdadeira” saga terrestre pela rodovia cruzando os estados — do Sudeste, do Centro-Oeste e do Norte. Foi uma aventura e tanto para chegar: completamos cinquenta e uma horas de ônibus na estrada. Estava anoitecendo e sentia calor pelo corpo, nem imaginava como seria acordar ali. Nunca havia sentido com tal intensidade o calor, as minhas mãos não paravam de secar o suor que escorria pela testa. Arrumei minha barraca e fui dormir em uma área aberta no matagal do campus da Universidade Federal do Pará, onde dormiam milhares de pessoas acampadas para o Fórum Social Mundial em Belém-PA.



Ao acordar no dia seguinte olhei para o teto da barraca e respirei por dentro do forro de ventilação, na única saída de ar. Me assustei ao ver aranhas sob o sol nascente. Eu, que havia assistido na adolescência o filme “Aracnofobia” (1990), vivia uma realidade um pouco parecida. Fiquei surpreso com o enorme tamanho delas. Assustado com o que acabava de ver, já com o sol entrando na barraca, abri o zíper da porta e pulei para fora. Um susto rápido. O medo me procurou naquele dia, em alerta e/ou alarme pelo corpo que tremia. Um tremor essencial. Pensei o que estava acontecendo na minha vida; quanto mais enfrentasse esse medo, mais acordaria com essa coisa de ir viver na Amazônia.

COISA Nº 6

Dois céus se abriram



No ano de 2014, indo morar no Acre, tive uma experiência libertadora logo na minha chegada à Amazônia que me fizeram alargar meus próprios limites com este refúgio: a primeira era continuar a estudar para minha formação inicial em Geografia e o segundo era minimamente abrir a minha consciência para a questão indígena. Uma coisa que me intrigou foi saber dos Geoglífos no Acre.



11. O Ayahuasca, também conhecido por outros nomes, é uma medicina indígena utilizada por diferentes povos-floresta da América do Sul que a consomem em rituais de cura espiritual na Amazônia. (Nota do autor).

O primeiro céu se abriu. São grandes desenhos ou marcas encontradas no terreno de propriedades rurais, no entorno de Rio Branco, que com o desmatamento passaram a ser descobertos na região, tanto pelos moradores quanto pelos pesquisadores como Alceu Ranzi. Foram identificados cerca de cem deles, em um perímetro de área que vai do Acre até a Bolívia. Alguns geoglífos chegam a um quilômetro de tamanho. Há interpretações de estudiosos que atribuem a esses vestígios uma importante evidência da comunicação interplanetária entre *povos-floresta* e a vida extraterrestre.

O segundo céu se abriu. Foi quando fiz o uso do chá de Ayahuasca¹¹ em uma cerimônia guiada pelos índios Kaxinawá, no sítio da ONG — Comissão Pró-Índio do Acre (CPI/AC). Fui a convite de amigos indigenistas. A música que tocou foi uma mensagem de cura. “Em tradições como a taoísta, budista, entre outras, a música é um espelho de ressonância cósmica, no corpo e na alma, que eleva a psique através das ondas sonoras” (Wisnik, 2017, p.66).

Dois índios que cantavam nesta cerimônia tinham vindo de uma terra indígena no alto da bacia do Rio Purus, eles se mostraram xamãs: o Amiraldo e o Maná. Eram sete pessoas no total. Ritualizei com as águas profundas, numa roda da vida, num ponto de mutação. Arte de viver. Tudo que sonhei. O meu corpo parado era vibração. Perdi as vezes durante a consagração com o chá de Ayahuasca, que a minha consciência não conseguia mais me localizar no espaço onde permaneci por horas sentado. Pude alterar formas que se criavam na minha mente, para entendê-las, com a consciência, escapando com o corpo e pensamentos que produziam mensagens. Senti uma sensação de unidade com o chão — de ter raízes com aquele lugar. Uma forma viva de mistura do corpo com a terra, não só numa dimensão física, mas num universo de composições que me enraizava com os pés no chão. Onde abrir espaços na própria consciência para aprender com a vida? Fiquei com medo, para considerar “o [meu] eu detestável e julgar qualquer consideração subjetiva ou reflexiva como um extravasamento estéril e até inconveniente” (Kopenawa; Albert, 2010, p. 512).

Vaguei dentro de uma matéria desconhecida da psique, em que visualizei animais holográficos, em movimentos coloridos, ouvi mensagens da Terra, enquanto o céu se abria e me fazia cada vez mais mergulhar lá — jamais vou me esquecer desse dia, do que foi sentir o corpo por dentro. Aterror ali, foi sentir pelo cosmos. Foi dar-me conta das misturas desse pacto corpo-desejo.

Fios d'água

Só conseguiria sentir *fios d'água* à vontade numa criação. Escutei um solo de guitarra de Jimi Hendrix da música *Purple Haze* (1967). A música dele virou água em movimento na chuva que caía. A música nunca deixou de fazer passar suas linhas de fuga, como outras tantas “multiplicidades de transformação” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 21). Senti o desenho das cordas na água que escorria pelo fio, foi uma imagem psicodélica, uma guitarra distorcida, uma frequência que me molhava aos sons dos pratos da bateria. Águas que alteraram a minha consciência para o mar que se abriu com a música. Talvez a relação com a matéria e o som fosse uma forma de refletir outros mundos que tinha dentro de mim. As emoções caminharam com as águas que caíam do céu, provocando uma lisergia. É assim que me percebi, sentindo frequências, aos sons de Jimi. A conexão que foi experienciada, naquele momento, pelos caminhos das águas. Posso dizer que foi tecer fios d'água.



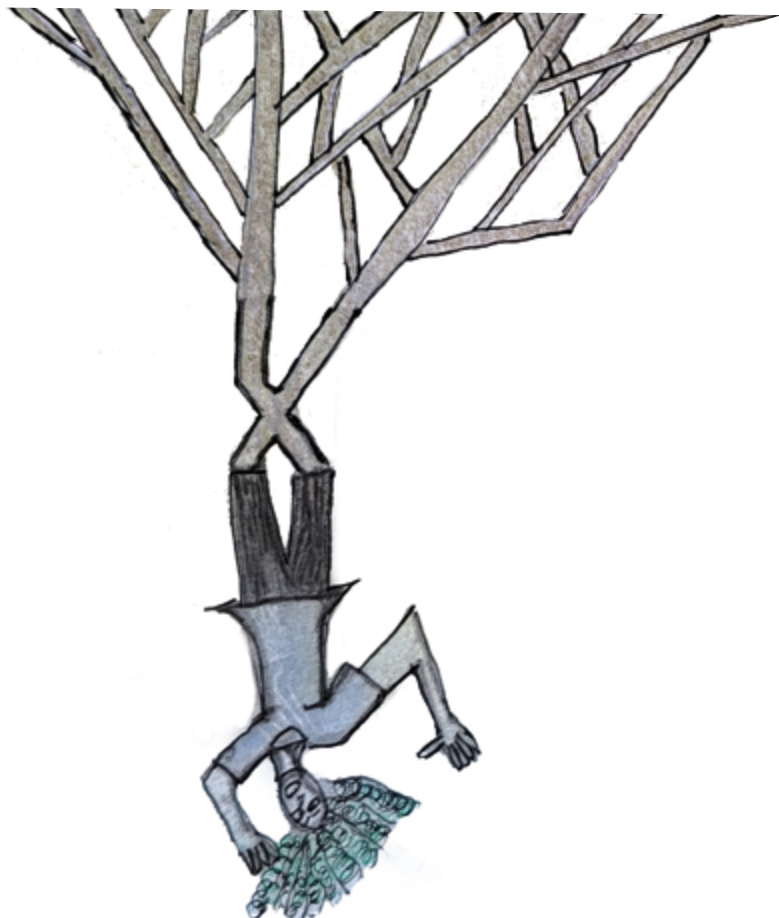
Figura 14 - Fios d'água em Florianópolis-sc, por Heleno Szerwinsk.

Acreanizando



Acre trouxe a mim terrificação. Uma digitalidade que testei com os pés. Uma raiz que se fez pela minha cabeça, onde o rio Acre se conectou. Vazão que escapou com a lembrança. Digo isso porque do rio não consigo me desligar, nem em pensamento, nem das árvores, nem das ruas que andei, nem das curvas do rio; acreanizando. É nos pés dos acreanos que me corporifico. Como aprendi dos habitantes de Rio Branco, quando querem se referir a suas raízes tradicionais, dizem eles: somos acreanos do “pé raçado”.

Pude sentir mudanças reais em mim, com a presença da floresta, um movimento à procura de mais um rebrote. A floresta representou uma imagem difícil de descrever, mas, caminhei com fios vitais. Em memórias e imaginários da Amazônia, em conexões, sentindo que minha insignificância me caberia muito mais do que a minha própria descartabilidade. Somei-me ao Acre.



A nossa fronteira



iquei tocado com *a nossa fronteira* na Amazônia.

Acabei mudando meu *ethos* político e epistêmico, produzi uma mistura transfronteiriça. Não posso me colocar como

um sabedor, sendo que em vida só terei tempo apenas de sentir, sem dar mais explicações aos guardiões da floresta.

Como poderia ter vivido tudo isso, se lá não tivesse ido morar?

Não sou um conhecedor da região, porém, foi algo que me atravessou.

De fato, produzi com espaços, ainda que estando à distância.

Fiz movimentos que me trouxeram à intensividade, abri confrontos como educador em travessia.

Busquei fortalecer o meu repertório, já que não há (cons) ciência sem sentimento. Senti que poderia aprender com muitas coisas que fui (não) sabendo, mesmo não podendo conhecer todos os lugares que quis. Derrubei as fronteiras que limitavam minhas teias. Para o neurocientista Antônio Damázio, ao se referir ao epifenômeno da consciência¹²,

vida e mente estão intimamente interligadas, pois as interações com ambiente se tornam interações cognitivas. Afinal, sistemas afetivos-sensoriais como este se moldam com o ambiente.

Modulei com o ambiente, buscando encontrar sensibilizações. Só pude sentir em mim a força ameríndia, descascando, vendo grafismos indígenas, enfiando meus pés na lama, dançando musicalidades latinas. Forças estas que se multiplicaram. Preve, em seu artigo *Habito, mas não vivo aqui: multiplicidades, linguagem e saber geográfico*, sugere caminhar pela via da linguagem como produtora de sentidos e inauguradora de mundos (Preve, 2019). Nesse sentido, busquei compor as coisas com meus mundos,

Figura 15 - Arte (capa) do livro *Nascerças*, do poeta Quilrío Farias, por Rodolfo Minari



12. Vi sua entrevista, falando de como funciona a consciência no corpo, no primeiro capítulo da série *Consciência* produzida pelo streaming Prime Vídeo. (Nota do autor)

criar mundos com esses mundos. Criei em rizoma, misturei-me, para que pudesse pensar como os memes podem produzir espaços nos currículos.

Espaços menores que foram tramados entre as coisas, belezas que nem o medo diluiu. Dividir para multiplicar — como diria meu avô Lázaro — pensando com outras amazônias. Foram deslocamentos pelos materiais e suas combinações.

COISA Nº 10

Tudo que eu tentei falhou¹³

ivi um período de “incertezas” no Brasil com o potencial dos memes na escola. O então presidente Michel Temer fez na época declarações sintomáticas da crise pedindo para que parassem de compartilhar os memes que retratavam negativamente a sua *persona*, pois isso estava afetando a imagem do Brasil no exterior. Como professor de geografia, logo percebi este contorno caótico que os memes traziam à política e aos ambientes escolares. Trabalhando numa escola municipal, na cidade de Rio Branco, no Acre, me surpreendia cada vez mais como eles se tornavam concorrentes aos processos formativos e ao próprio material didático em circulação na escola. Resolvi utilizá-los em práticas educativas com os alunos. *Tudo que eu tentei falhou*. Eles rejeitavam qualquer explicação, mas todos os alunos e as alunas queriam poder tentar explicá-los, na sala de aula, mostrando para mim uma rebeldia atraente.

Memes avivavam temáticas escolares, fazendo disso um incentivo para repensar o currículo, ou melhor, o currículo que eu praticava naquela escola. Memes misturam fatos com ideologias; tecem pontos de vista, carregam seus pacotes de informação a longas distâncias pelas mentes, ou seja, isso tudo hospedando cognitivamente seus leitores. De que maneira podemos curricular com memes? Pelo mar da Internet, será, talvez, percorrendo os (seus) limites. A movimentação deles foi como fazer um mapa.

Memes, para Ingold e Hallam (2018) são esquemas, são cultivos tentando forjar nossas próprias histórias e narrativas — transportam

13. Título da canção da banda *Porcas Borboletas* que serviu de inspiração para retratar a minha experiência de sala de aula como professor de geografia de 6º a 9º ano na escola Berta Vieira em Rio Branco no estado do Acre. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hoyL_RhqfFM&list=RDhoyL_RhqfFM&start_radio=1. Acesso em: jul. 2025

Figura 16 -
Barranco “Tarantino”
em Azevedo-MG,
por Heleno Szerwinsk.



nódulos carregados de informações. Dessa forma, tive a possibilidade de me compor. Guardar memes foi precipitado, eu mal sabia que poderia utilizá-los como moduladores na pesquisa do currículo.

COISA Nº 11

O que me transformou?

Um personagem transtornado entre silêncios abissais e reações desesperadas — essa talvez seja a melhor imagem para descrever o aventureiro-náufrago do filme *Tudo está perdido*. Fiquei “sem chão” com as tormentas do mar, me senti numa sucessão de avarias. Uma estória simples, porém, intensa e de acontecimentos derradeiros. Pensando novamente sobre o filme, me vi aprendendo com os não-saberes da vida e com os não-saberes da pesquisa no campo da Educação. Decidi escrever um pouco mais sobre o que me (trans)formou.

O primeiro aprendizado que tive foi sobre as aventuras na vida que se desenham tudo junto e misturado às falhas. Exerço o meu lugar de falha. No início, há uma sequência com o propósito de criar uma forma, depois o que sobra é o processo. Começada a estória, vi que as



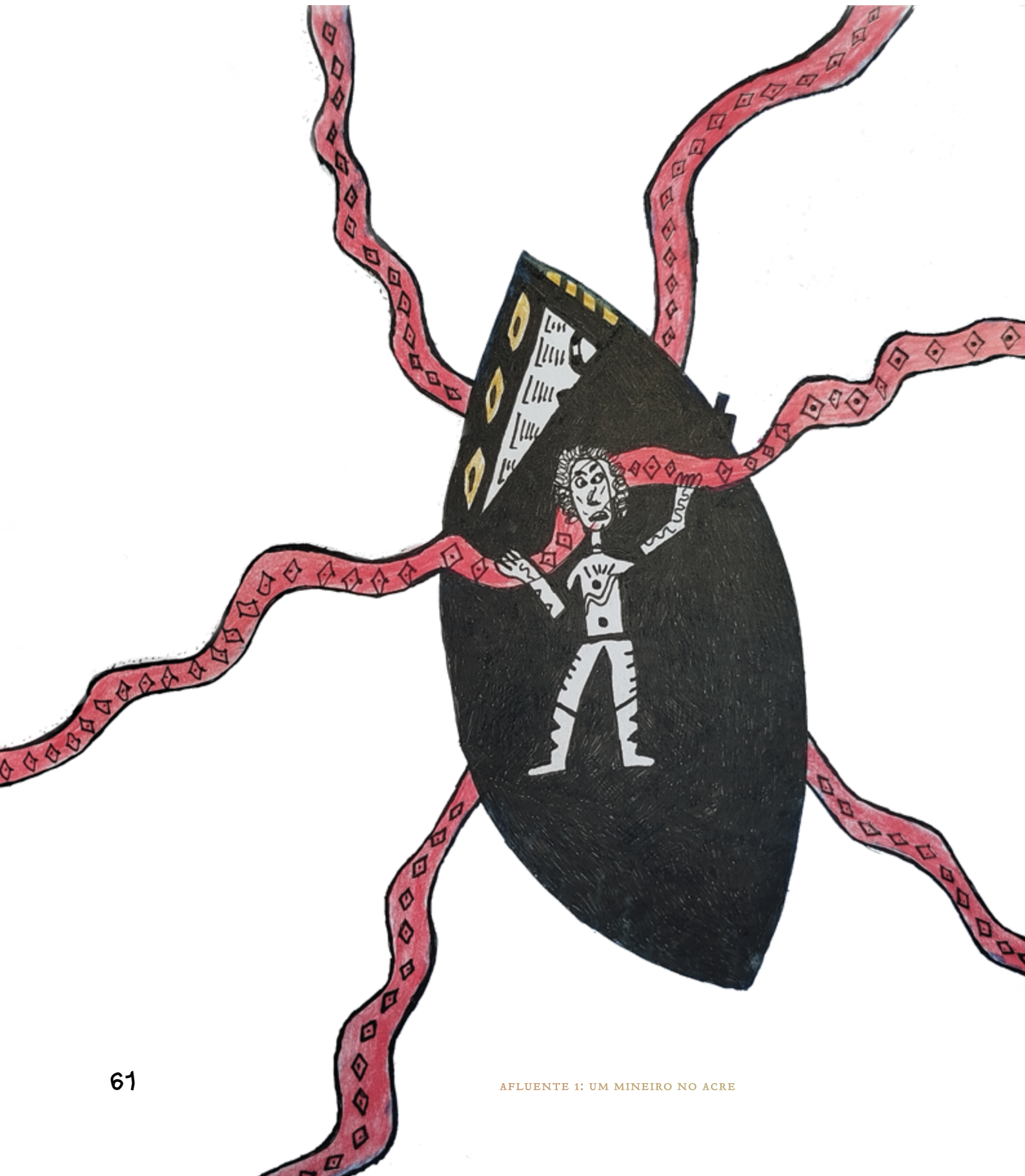
Figura 17 -
Jacarés no rio Itacorubi
em Florianópolis-sc,
por Heleno Szerwinsk

tormentas no estudo não passaram de conflitos comigo mesmo. Nem tudo ficou de fora, em algum momento. Inventar com a Amazônia foi movimentar um emaranhado com memes, o que me abriu a um desenho coisístico.

Não sabia de fato o que ia acontecer, com a aventura do personagem (e do pesquisador), que perde tudo no mar (pode-se imaginar a Internet), também me servindo como uma boa imagem para meus descaminhos. Inclusive, para pensar o que carreguei e o que me serviu, pois se aprendi com meus próprios erros, porque temê-los? No início, carreguei tudo aquilo que acreditei, levei uma porção de “materiais” — teorias, ferramentas e conceitos — o que foi sendo deixado para trás no processo. No final, o que sobrou foi o que consegui proteger dos materiais de pesquisa, mesmo que erodidos e desgastados. As coisas alimentaram-se e, ao misturarem-se, modificaram, o que lentificou os processos.

O segundo aprendizado que foi sobre nossas temporalidades no meio vivido, no qual só foi possível construir a partir de fios vitais que foram tecendo encontros (outros). Entrando no pensamento de Tim Ingold (2012), a criatividade se alimenta de materiais e fluxos vitais. Não adiantou querer acelerar as coisas, elas aconteceram e ponto final. Elas apareceram como um livramento, mesmo quando menos esperei. O que tanto quis, se perdeu pelo caminho. Por isso segui me inventando, afinal, “a improvisação extrai o máximo das múltiplas possibilidades que se pode lançar mão para manter a vida em

movimento” (Ingold & Hallam, 2018, p. 159). Aprender a perder e a perder-se: talvez seja a maior beleza que aprendi com os anos da pesquisa para a tese vivendo como inventor-navegador. Por mais que expectativas foram geradas, as mensagens apareceram com o tempo.



AFLUENTE 2

amazonialismo





*A Amazônia é o que
se esquece do Brasil.
É resto, arrabalde.*

LUIZ BRAGA

Amazonialismo em sensibilidade



Amazonialismo foi uma leitura crítica para que eu pudesse desobjetivar com as coisas. Foram deslocamentos com a escrita. O simbolismo da Amazônia se teceu com um “*mergulho*” de corpo¹⁴. Foram durações, descendo um rio inventado, movimentando por espaços menores. O Amazonialismo se fez afluyente para composições. Para Albuquerque (2016, p. 78), este verbete se refere ao que descreve o processo de “leitura crítica de textos, imagens e metáforas da Amazônia que consignaram as formas de sua invenção”. Daí foi criado um invento de coisas, emaranhado aos memes, atravessado por este “conjunto de ‘conhecimentos’ ou narrativas que inventa, descreve, classifica, cataloga, analisa de forma supostamente objetiva/científica a Amazônia” (Albuquerque, 2016, p. 77).

As coisas foram desenhadas com as (geo)grafias da Amazônia, por palavras e imagens que me povoaram, tentando despoluir esse imaginário tão preenchido de ideias e imagens, para deixar passar algo outro que se relaciona com a experiência de se misturar com a floresta, com a região..., com a “intensividade” de elementos que bordeiam minhas memórias e imaginários. Amazonialismo foi esta confluência de sensibilizações com a região que movimentou a pesquisa.

Um encontro com memes.

14. Visitei a obra de Hélio Oiticica, em uma exposição intitulada *Delirium Ambulatorium*, na sede do Banco do Brasil Cultural em Belo Horizonte-MG.



Figura 18 - Obra de Hélio Oiticica na exposição *Ambulatorium Delirium*, por Heleno Szerwinski.

Amazonizar-se foi mudar o corpo com a linguagem



A maior bacia hídrica do mundo desenhou sua (geo)grafia na superfície dos rios, inclusive por massas d'água em *rios voadores* que circulam pela atmosfera, fazendo da Amazônia uma região de grande importância para o equilíbrio climático global. Quem disse isso foi o cientista brasileiro Antônio Nobre — que integra e coordena uma “força-tarefa” de pesquisadores — numa publicação de mais de duzentos estudos científicos que compõem o relatório *O futuro climático da Amazônia*. Um dado que me afeta e pode ser facilmente acessado na leitura desse documento público é de que cada árvore na floresta funciona como um regulador de temperatura no planeta devolvendo à atmosfera, em um ano, a massa d'água equivalente a vinte mil litros de água. Isto significa que cada árvore em pé promove a formação das chuvas. Cada árvore em pé funciona pela “saúde” do planeta, umidificando os ambientes terrestres.

Segundo a escritora Eliane Brum, em seu livro *Banzeiro Okotó: uma viagem à Amazônia centro do mundo* (2020), Nobre foi o pesquisador no mundo que melhor incorporou essa ideia de *povos-floresta*: termo que foi uma composição poética (a meu ver) que quebra a dualidade, estabelecendo uma unidade entre sociedade e natureza.

Sinto que meu corpo explorou com a linguagem e a Amazônia mudou minha escrita, portanto *amazonizar-se foi mudar o corpo com a linguagem*. Dimensão esta que produziu corporalidade, favorecendo mudar o corpo, pela mistura de gente e terra, por contágio, por contato, criando um composto que foi fluindo.

Amazonizei meu corpo-desejo, pelos poros, em meus tecidos escritos, mudei com outros corpos.

Figura 19 - Amazônia e sua bacia hidrográfica, imagem printada do LinkedIn.



COISA Nº 2

Amazonizar-se talvez seja curricular com feitiços

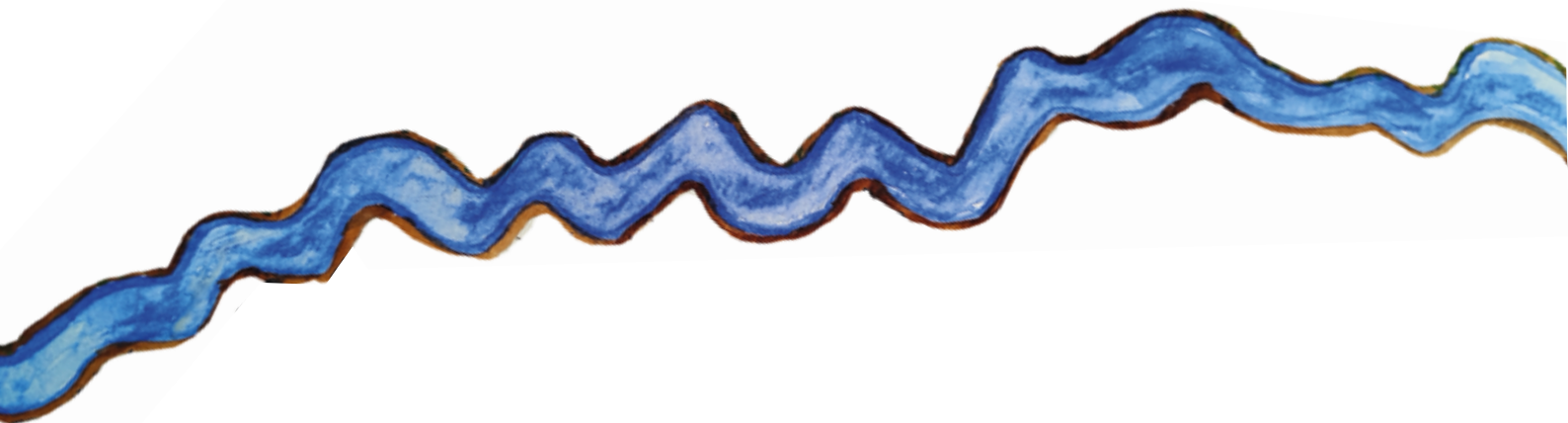


corpo-desejo que explora a Amazônia freme diante da complexidade dos *povos-floresta*. Os diferentes modos de vida encontrados na bacia amazônica acabaram por atrair ainda mais corpos como o meu que denomino arrancados da natureza. Um currículo de feitiço. A busca pela experiência foi uma maneira de me levar com as sonoridades, pelas culturas indígenas da região, em que não houve escapatória para o corpo. Para os índios Kulina/Madihá que habitam o alto da bacia do rio Purus, no estado do Acre, o termo “dori” significa feitiço; viver com proximidade significa enfeitiçar-se (Balestra, 2018). Me sinto enfeitiçado pelos sons das águas que exploro com a linguagem.

Vida enfeitiçada e que me levou a memórias e imaginários com a Amazônia. Nas maiores distâncias, imaginei a cultura de cada lugar, de cada comunidade que se tece com a margem dos rios.

Rio é um objeto geográfico da natureza que simboliza o fluxo da vida. É o ponto da chegada e o ponto da partida das cidades, vilas e povoados, em que o ritmo da vazão das águas é também o ritmo da vida. Rio na Amazônia não é um limite, não separa povos, mas metaboliza como um corpo. Rio nem alinha, mas cria território. Cria com as margens, com estórias, em que a floresta amazônica mostra essa mistura de sentidos.

Pé que tocou imagens, tecendo a (geo)grafia das amazônias. *Amazonizar-se talvez seja curricular com feitiços*, nas estórias dos lugares que me enfeitiçaram.



Confrontos



As escolhas que fiz influíram em minha percepção sobre a Amazônia. Horizontes de vida que cheguei a conhecer apenas pela visualidade de imagens. Trabalhei perfurando conteúdos digitais, procurei ziguezaguear com meu pensamento, criei confrontos para tentar dar forma à vida. A intensidade das escolhas que vivi me deu um “chão” para pensar a Amazônia. Principalmente, quando me via acelerado pelo consumo que preconizava a relação econômica. A troca foi um ritual sendo apressado pelas necessidades. A cultura do individualismo me acelerou com riscos numa pressa sem limites. Me sinto cada vez mais isolado, sozinho e vulnerável, em relação ao futuro.

Como vivo essas crises sem enfrentar as raízes dos problemas do meu mal-estar? Será que este modo veloz me levou ao confronto comigo mesmo? Penso que sim, coisas se misturaram... com outras tantas temporalidades.

A floresta me proporcionou um “baque”. Li conteúdos digitais para falar da Amazônia. Estar com a Amazônia foi constantemente me preparar para uma metamorfose psíquica e corporal.

A Amazônia foi construída por um projeto de violação dos corpos, explorando as culturas e grupos/etnias/nacionalidades. No que se refere a ocupação da Amazônia, segundo o sociólogo Álvaro Garcia Linera, em sua obra: *Geopolítica da Amazônia* (2015), esta região foi herdeira de uma cultura hidráulica em que grupos indígenas não foram o centro da organização social. Isso me colocou em embates com a produção do conhecimento, pois faço parte dessa expropriação dos modos de existência.

Figura 20 -
Desenho indígena,
por Heleno Szerwinsk.



A vida sem acumular

A região da Amazônia foi e será tida como uma fronteira de exploração para o capitalismo, no entanto, para os povos-floresta ela representa uma entidade cultural que incorpora e qualifica seus próprios territórios. A relação de rendimento na economia e na natureza permite que diferentes modos de existência se estabeleçam entre os povos-floresta. Não é relevante para eles acumular, ao que se refere à monetarização de suas riquezas naturais. Já para os exploradores, acumular talvez seja valorar tudo que possam explorar a um preço de mercado.

Figura 21 - Arte (contra-capa) do livro *Nascenças*, de Quilrío Farias, por Rodrigo Minari.



A semente da vida na Amazônia foi plantada pelos corpos que (sobre)vivem, buscando criar sua soberania alimentar. Corpos que plantaram com as próprias mãos o seu alimento e que plantam a semente no que chamam *berço*¹⁵, potencializando *a vida sem acumular*. Entre arrancados da natureza e povos-floresta, pobreza e riqueza se tornam conceitos distintos. Tudo que foi necessário, para a vida, a floresta produziu, segundo o indígena. Para o civilizado, foi preciso transformar em recurso.

Meus caminhos foram curriculares e distributivos, se rizomatizando com as escolhas. Marlucy Paraíso e Dagmar Estermann Meyer sugerem outros modos de investigação e de pesquisa nas metodologias pós-críticas na Educação, pois “vivemos

muitos desafios e somos interpelados, em todos os momentos, pelas múltiplas lutas dos diferentes” (Paraíso; Meyer, 2014, p. 29). Faço uma analogia entre a floresta e a escola, explorando diferentes linguagens no território da pesquisa educacional, o que me impulsionou a curricular as coisas com os memes.

15. O termo “berço” que remete ao nascimento, no tronco linguístico Pano, em específico do Kaxinawá, se refere a cova que se planta a semente, pois é de lá que nasce a vida. (n.a)

COISA Nº 5

Povos-floresta e arrancados da natureza



Pensar a população pelo território exige um detalhamento da geografia dos rios. A Amazônia movimenta as mais diversas formas de vida animal e vegetal, acompanhando a dinâmica de uso e ocupação das terras. Mudanças climáticas impulsionam migrações. A sobrevivência de “todos nós” desterritorializa os *povos-floresta*. Há muitas diferenças entre *povos-floresta* e *arrancados da natureza*. O que me parece central foi que o primeiro grupo buscou cultivar suas lógicas de envolvimento. Já o segundo grupo tem procurado desenvolver diferentes modos de vida com a floresta. Porém, o capitalismo afeta ambos os grupos que se deslocam em tecidos aquíferos. Não consegui escapar das águas.

COISA Nº 6

A floresta queimou



uvindo a canção *Salve a humanidade* do compositor Tom Zé, me apeguei a um verso da música: *o homem fez o fogo por curiosidade*. Essa cena que remontou a gênese humana, me produziu o alerta de que a comunicação mudou ao longo desses séculos. Mas, afinal, o que de fato salvou a humanidade? Para Tom Zé, foi a curiosidade, *não há quem a cure*. Hoje, o fogo na Amazônia tem sido um sinal de destruição da floresta.

Lembro do período seco na cidade de Rio Branco, localizada dentro de uma área conhecida como *arco do desmatamento*, em que nas manhãs se sente o cheiro da fumaça das queimadas. O sol, em época de queimada na Amazônia, é vermelho no final da tarde; lindo e trágico de se ver. Observei, ressentindo, cruzando as rodovias da capital do estado, caminhões lotados de “toras” de madeira. A meu (trans)ver, patrimonialistas não colocam os pés na região.

A floresta queimou. A extração vegetal foi essa primeira camada de exploração que deixa o solo para a agricultura e a criação animal, o que acaba terminando com o abandono das terras. O fogo foi esse



sinal de comunicação que se trançou com a minha sensibilidade, quando as florestas viram cinzas “da noite para o dia”. As madeireiras da região vendem a madeira no mercado ilegal, abastecendo ao Norte global.

A cada dia, a floresta vai ao chão na Amazônia, são áreas equivalentes a quase mil e trezentos campos de futebol desmatados, segundo dados de pesquisa do instituto Imazon (2020). A temporalidade da máquina corta a floresta, só o que está em pé pode ter a chance de sobreviver. As ações de proteção e conservação não conseguem barrar o metabolismo de destruição organizado pelos agentes do capitalismo. Não há linguagem amazônica que reponha a “dor de tanta gente”. A floresta amazônica se vai em (geo)grafias “mortas” como o formato de “espinha de peixe” da cidade de Porto Velho, em Rondônia, percebida com imagens de satélite da região.

COISA Nº 7

A pobreza



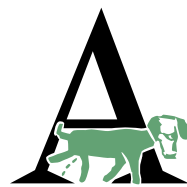
A pobreza surge de um estado de privação de capacidades humanas. Na floresta, a pobreza vem com a criação de agentes econômicos que exploram a região ameaçando os povos-floresta. As populações foram expropriadas pelo valor que a floresta tem para o capitalismo mundial. O Brasil foi e é esse partido da terra, como destaca o autor Alceu Castilho, que averiguou a declaração de bens fundiários dos políticos brasileiros. Segundo Castilho (2012), que integra o observatório “*De olho nos ruralistas*”, na declaração de bens patrimoniais, quase $\frac{1}{3}$ das terras do território brasileiro são de políticos do congresso que estão nas diversas esferas de poder da administração federal. A Amazônia continua sendo o maior ativo econômico do planeta. Isso atrai a cobiça de empresas nacionais e internacionais. A transformação econômica da região expõe as populações à pobreza, impulsionando a migração como fator de sobrevivência.

Será que é possível definir limites para a ocupação da Amazônia? Sim. Mas o que me intriga é que o monitoramento ambiental ainda não consegue acompanhar a pobreza produzida pelo patrimonialismo.

Um grileiro proprietário de uma empresa do estado do Paraná que atua na Amazônia, segundo a autora Eliane Brum (2020), detém uma área total na região explorada que equivale à soma da área de países como a Holanda e a Bélgica juntas. O patrimonialismo aparece como uma ideologia que impede a manutenção da floresta.

COISA Nº 8

Colonizando com fronteiras



Amazônia foi uma região colonizada com fronteiras. As migrações que remontaram o uso e a ocupação das terras tinham a intenção de produzir uma economia de fronteira, isto é, de uma frente que agisse reproduzindo a sobre-exploração. Aliás, o termo *fronteira* significa esta metáfora espacial que designou frentes de ocupação e reconhecimento das terras brasileiras em seus limites político-administrativos. A linha de Tordesilhas pode ser considerado um marco “simbólico” dessa violação territorial.

A Amazônia tem sido um território de exploração de países colonizadores que definiram a (geo)grafia dos *povos-floresta*. A sociobiodiversidade foi combalida, pois os diferentes modos de vida foram sendo desarticulados.



Nos espaços de maior pressão e de ações ilegais na região, há trabalhadores rurais em condições análogas à escravidão. O projeto colonial-moderno se reproduz com a fragilidade do estado. As elites regionais continuam a se empenhar em ações empreendedoras. Para Salles (2022, p. 14), analisando a ocupação da Amazônia, atesta que: “grandes movimentos de ocupação são [foram e

Figura 22 - Arte gráfica,
por Matheus Ribbs.
Instagram: @o.ribs

continuam sendo] sempre sustentados por construções ideológicas. O colonialismo é isso”.

A obra *À margem da estória*¹⁶, escrita por Euclides da Cunha, que narra as missões de reconhecimento do Brasil e do Peru no alto da bacia do rio Purus, no Acre, no final do século xx, menciona as péssimas condições de trabalho do *seringueiro* — um homem “esquálido” e “solitário”. O “soldado da borracha”, como foi chamado na época, se embrenhava em varadouros da floresta para extrair o látex em muitos dias de caminhada. Em poucos anos de trabalho, este trabalhador ficava exausto e doente. Era comum ele se perder pelo caminho ou adoecer, antes que chegasse aos barracões com as “pelotas” de borracha. A dívida com o patrão dificultava ainda mais que o mesmo acumulasse renda e voltasse para sua terra de origem. Muitos eram analfabetos, senão, a maioria.

16. CUNHA, Euclides da.
À margem da estória. São
Paulo: Editora Unesp, 2019.

COISA Nº 9

Embalado pelas escolhas



Quando notícias de algo que está perto do fim aparecem, talvez a mudança comece a nascer “sem ser convidada” apontando para diferentes saídas. Desde que as sociedades se inclinaram tecnologicamente, as crises do capitalismo vêm demonstrando a fragilidade da vida e do meio ambiente, o que embala, ainda mais, a resignificação das necessidades humanas. Pelo que li em dicionários de tela, são cinquenta e dois significados para essa palavra: *natureza*. Além disso, existem bens e serviços do “capitalismo verde” que se estruturam a partir de um determinado tipo de visão da natureza. A embalagem na cor verde no supermercado virou um meio para nos embalar.

Pelas embalagens que circulam, a Amazônia sofre com as mudanças climáticas. Quem não alerta uma nova embalagem? O (im)pulso das imagens coloca narrativas em jogo. Os governos nacionais não conseguem conter as ações ilegais pois trabalham dentro de instrumentos técnicos e políticos. O “fim” de mundo se apresenta como “moldura” imagética do qual a Amazônia aparece como um símbolo para criar uma nova exploração numa outra “capa” verde.

Figura 23 - Jabuti no parque zoobotânico de Belém-PA, por Paula Lima.



Não há quem se salve no mundo de consumo de produtos industrializados, muitas vezes, sem saber se vêm ou não de áreas de desmatamento na Amazônia. Me sinto embalado pelas escolhas.

COISA Nº 10

Coisas em amazonialização



As coisas foram “escapes” para amazonialização. As escritas aconteceram a partir do “mergulho do corpo” na tela, movimentando imagens. Com isso, criei emaranhado aos memes da Amazônia. Eles produziram em mim reentrâncias, desloquei-me com a leitura deles. Foram dobras que meu corpo leu, pensando (outras) amazônias. Rios de informação que me levaram aos processos. Meu corpo-desejo da Amazônia se multiplicou com palavras e imagens que foram intensificando o Amazonialismo.

Criei combinações com o material coletado, ou seja, tentei “uma atitude lúdica em relação às expressões e palavras com que várias questões são [foram] definidas” (Mills, 2009, p. 42), para tratar a região amazônica. As referências imagéticas da Amazônia pela Internet ludificam as temáticas escolares que seguiram contaminadas pelos memes.



Figura 24 - Arte gráfica do livro *Coisa de índio*, de Davi Kopenawa.

Me vi bagunçado com os memes da Amazônia. Foram (im)pulsos com as coisas em amazonialização, ao movimentar (outras) amazônias. Um mar da Internet que balança um corpo que experimentou ler memes — ao escrever um currículo.

COISA Nº 11

A distorção da árvore



Para falar da Amazônia, foi preciso vegetalizar o pensamento. Pouco sabia dos nomes das plantas e para o quê serviam, mas valeu o exercício de deslocar a (cons)ciência para um ponto de vista que não fosse humano. Uma visada que reverberou em mim outras (cons)ciências. Encontrei um olhar mais sensível em relação a presença da maior extensão de floresta tropical que existe no planeta, na perspectiva das plantas, que não foi tão simples, como fez Emanuelle Coccia em seu livro *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*, em que o autor vai descrevendo as plantas e sua origem: “são ornamento cósmico, o acidente inessencial e colorido relegado às margens do campo cognitivo” (Coccia, 2018, p.11).

Segundo ele, funcionando como uma epistemologia que não é substância, mas que flui com a descrição de um animal que opera a sua máquina de ver. A vida vegetal foi um emblema para minhas criações. Foi um lugar de “perspectiva” menos visível para o olhar, mas que quis

Figura 25 -
Rocha por uma fenda,
por Heleno Szerwinsk.



experimentar com as minhas próprias “lentes”. Para Coccia (2018), muitas vezes, proferimos a superioridade humana sobre as formas de vida que não dependem de nossa criação, subestimamos as plantas, no sentir e pensar. Precisei me dar conta de que uma floresta abriga a vida vegetal e que somos parte desse conjunto vivo.

Por que uma vida fixa me interessou? Talvez foi uma necessidade de compreender como ela se relaciona com a minha vida. Para Coccia (2018, p. 13), as plantas “participam da totalidade do mundo. Elas não correm, não podem voar: não são capazes de privilegiar um lugar específico em relação ao resto do espaço”. As árvores da Amazônia foram essas “distorçuras” pelos caminhos das águas. Árvores que se erigiram ao mundo, serpenteando com as águas. Uma superfície hídrica que criou formas. Desejei mais árvores em pé nesse “laboratório” da vida onde escapei. Pois, o rito de vegetalizar vira [virou] uma tarefa interminável; uma contemplação cósmica, ainda mais com a Amazônia, já que “interrogar as plantas é compreender o que significa estar-no-mundo” (Coccia, 2018, p. 13).

COISA Nº 12

Entre a Taiga e a Amazônia



fiquei boquiaberto ao assistir o documentário *Happy people: um ano de taiga* do cineasta Werner Herzog. Trata-se de uma produção fílmica que retrata a vida de pessoas (ex-combatentes) que vivem na Taiga — esta formação vegetal que se localiza acima do paralelo 10° do Polo Norte. Uma área fria, no coração da Sibéria, extremamente inóspita à vida. Um território que pertence à Rússia — um estado-nação que forjou seu próprio movimento de expansão territorial em países da Ásia central. As pessoas que vivem lá até hoje, foram deixadas há décadas em meio a invasões estrangeiras para que ocupassem e defendessem a região.

Segundo o personagem Gennady Solovyev — um caçador que fala logo no início do filme — na época foi uma adaptação difícil ao lugar. Havia apenas trezentos moradores que se estabeleceram como caçadores, nesse ambiente que é congelado a maior parte do ano.

Figura 26 -
Gafanhoto da torneira,
por Heleno Szerwinsk.



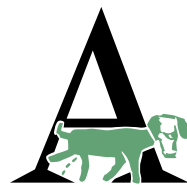
Muitos não conseguiram nem sobreviver. Ele descreve a sua atividade a partir da estação da Primavera. Essa parte do ano é mais propícia para achar um tipo “ideal” de madeira para fazer ski. Segundo o caçador, o objeto fabricado pela indústria não resiste ao frio e não se desloca na camada de gelo como o objeto artesanal feito por ele.

Solovyev faz uma reflexão sobre a necessidade de cultivar uma habilidade para se manter experiente. Para ele “não se pode perder a habilidade”, pois preparar-se como um profissional dura o ano inteiro. Vejo um paralelo, nessa reflexão, para pensar a leitura crítica de memes da Amazônia; não podemos perder a habilidade de ler, ao emaranhar memes, inclusive, perfurando conteúdos digitais. O personagem vai mencionar, nesse trecho, que toda técnica foi inventada muito antes do seu tempo. Dessa maneira, como “caçadores” profissionais, num ambiente que não conhecemos, temos que aprender a sobreviver independente das estações do ano.

Não perdi a habilidade de produzir deslocamentos pelo mar da Internet.

COISA Nº 13

As palavras que brotam lentamente



A Amazônia é e será floresta. Pode ser pasto, depende das palavras. A imagem mais comum para mim é a de árvores juntas. Mas a paisagem que vai ficando na região é a de árvores “isoladas”. As rodovias foram “motores” da exploração, pois atravessaram a floresta. Nas margens das estradas, vemos as propriedades rurais e o que restou, às vezes uma castanheira sobrando, isolada no pasto, como um testemunho da floresta. Os rios já metabolizam o encontro das “gentes”. Na seca dos rios, nem as embarcações conseguem se deslocar por muito tempo. Na cheia dos rios, gente saindo e chegando das localidades nas margens. A Amazônia vive secas prolongadas a cada ano e há uma constante piora das condições de navegabilidade. A perda da floresta se reflete na coloração de seus rios, que ora ficam barrentos, com águas turvas, por conta da areia, um sinal de fragilidade; ora ficam escuros,

mas com águas escuras, por conta da matéria orgânica no fundo, um sinal de proteção.

No repasto, as palavras que brotam lentamente. Explicar foi estar-fora-de-si e do mundo. Assumir foi rebrotar. Experimentar com palavras e imagens foi um experimento com as formas que foram criadas, para pensar as coisas. Multiplicar a poesia à margem das fronteiras disciplinares, lentificando. Encontros que provaram meu desconhecer. Vida que teceu em um experimentar, em que as (cons)ciências foram aliadas dos experimentos. Para Stengers (2010, p. 14), “compartilhar não significa ‘explicar’ ou ‘comunicar’, mas sim aprender com os outros, graças aos outros e arriscando com os outros como colocar um problema ‘terrestre’”.

Isso significa que busquei experimentar, ao invés de me definir. Como inventor-navegador aprendi com a vida que mudou, mudando pelo caminho. Foi travessia de um deserto de validações científicas para uma caminhada com a floresta de experimentos, já que “o experimento para os pesquisadores consiste em aceitar não estar no centro do encontro, aceitar serem situados por esses outros, aprender com eles naquilo que negligenciam e eliminam” (Stengers, 2010, p. 15).



COISA Nº 14

Alteridade

Toda fronteira será meio e foi o lugar da chegada do estranho. Para muitos lugares da Amazônia, o nome mais “comum” para se referir a um sujeito branco e civilizado que migra pela região para explorar sua riqueza é “paulista”. Ele indica um “protótipo” do colonizador que foi percebido historicamente pelo “mateiro”, uma visão que surgiu do ser que foi explorado pelo seu trabalho na floresta.

Itamar Assumpção, um dos artistas mais criativos e irreverentes que conheci, em uma de suas poesias encontradas, na obra *Itamar Assumpção: cadernos inéditos* (2013), diz no verso: “todo brasileiro tem



Figura 27 -
Hermeto Pascoal,
por Eanes Henrique.

direito a ter preguiça com exceção dos paulistas”. Esse sentimento vindo de um paranaense radicado em São Paulo ilustra a imagem dos agentes do capital que operam transformações na Amazônia, podendo serem encontrados em escritórios das grandes empresas do país na Avenida Paulista, em São Paulo, considerado o maior centro de controle e decisão do poder no território brasileiro. A ironia é que os memes seguem costurando imagens amazônicas — para falar da preservação e conservação da floresta, como sonhos verdes produzidos por cidades (em) cinzas.

COISA Nº 15

A Amazônia como um “corte” de árvore: vem sempre



Amazônia sensibiliza a todos que querem falar dela.
Acessei mensagens, como sensações para desenhar.
No meio de discursos academicistas, recortei o mundo
com a fala, convidei as palavras para falharmos juntos.
Não há como tratar do meio ambiente, sem se ambientar propriamente. O que mal conheci e ouvi falar sobre ela, me colocou a explorar as artes e as materialidades. Colonizadores que somos, desde o início, movidos pela busca da matéria, rizomatizamos em sensibilidade.



Foram milhões de quilômetros quadrados de florestas e memórias/ imaginários “replantandos” com essas escritas.

Senti com a Amazônia que sangra a colonização criando composições sensíveis nessa cartografia. Minha cabeça não parou de criar imagens, mesmo estando distante da realidade. Como um inventor-navegador, entre distâncias reais e imaginárias, destino-me a leitura dos caminhos das águas.

Surpreendo-me com o apagamento das realidades sociais, diante de tantos cortes de árvores, por meio de falas, sobre a Amazônia. Falar dela foi também uma questão de me afrontar. Invento estar resistindo com o desenho dela no mapa do Brasil.

Figura 28 - Árvore do Parque Tucumã em Rio Branco-AC, por Heleno Szerwinsk.



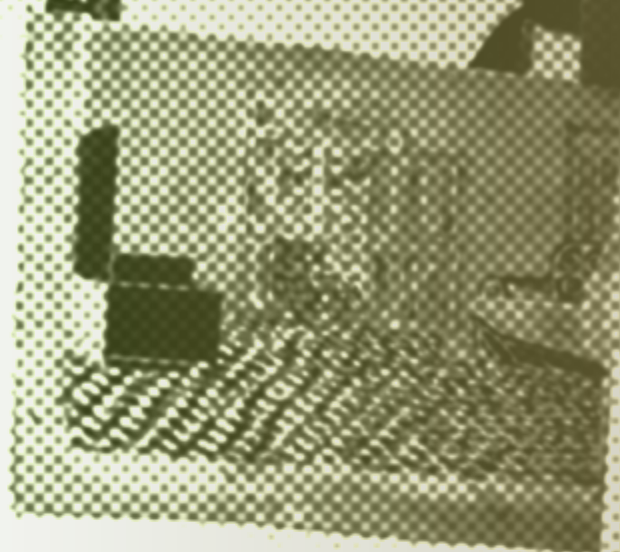
AFLUENTE 3

currículo

&

memes

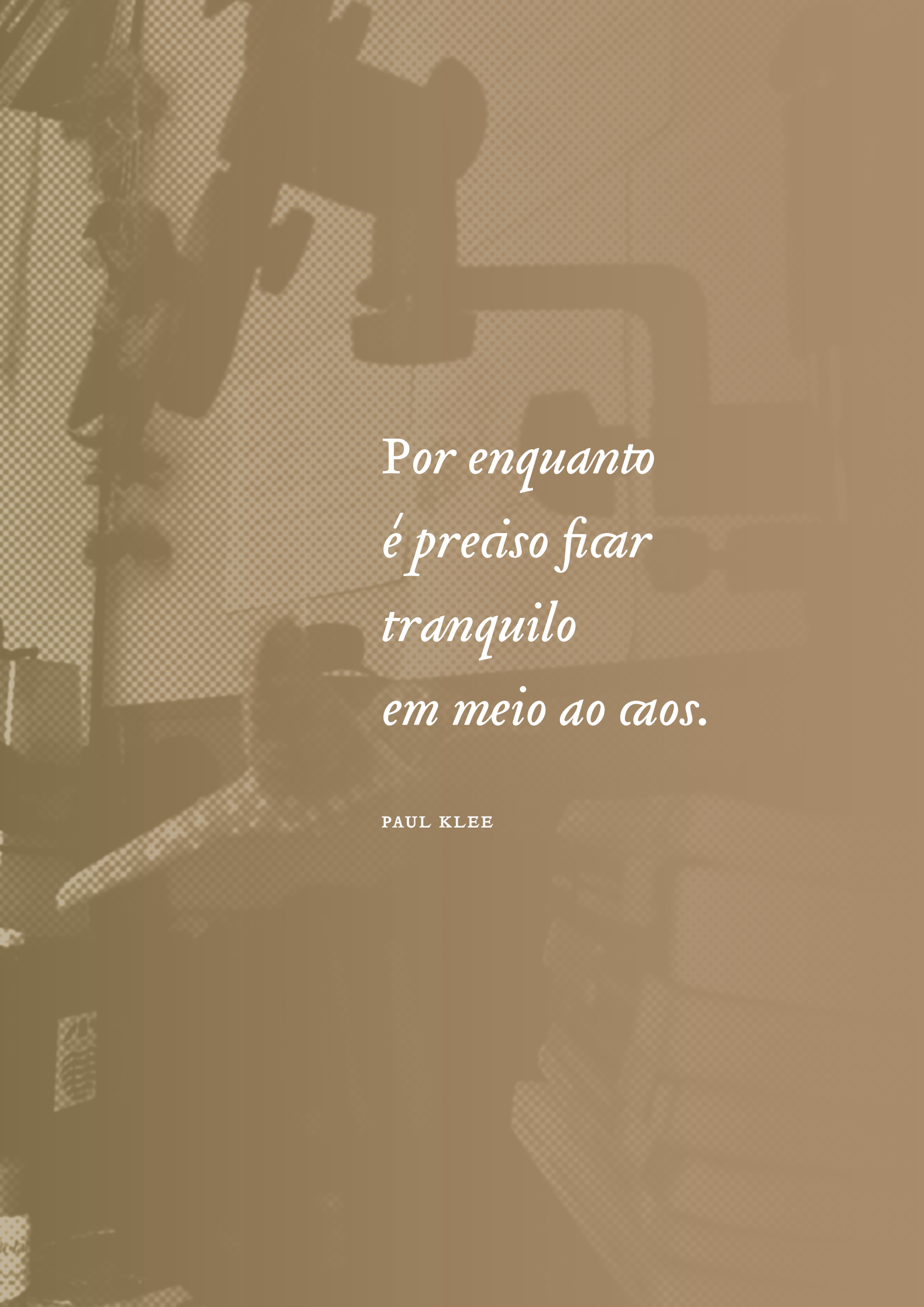




Estudos - Plano de Trabalho

- Estudo da D. B. de...
- Atividade de...
- Formação de...
- Estudo de...
- Defesa de...





*Por enquanto
é preciso ficar
tranquilo
em meio ao caos.*

PAUL KLEE

Currículo com memes



corpo-desejo da Amazônia vindo de uma água-viva¹⁷ veio a mim tudo junto e misturado com memes. Deslocou-se com a força de um rio inventado, desenhando pelas curvas abertas. Alimentou-se da nascente das artes e das materialidades. Foi invenção que não deixou de ser uma rota que mudou. Foi o que vivi nesse estudo. Fui mensageiro entre (meus) mundos. Onde tudo se misturou, num currículo, até memes da Amazônia. Foi esse transbordamento com as coisas, um emaranhado, nesse meio de telas e redes. Foram as movimentações com as formas que criaram sentidos.



Figura 29 -
Meme da cultura política
da extrema direita.

17. O geógrafo Carlos Walter Porto-Gonçalves, um dos mais respeitados geógrafos brasileiros e do mundo, menciona que os seres vivos seriam o “quarto estado” da matéria da água. Seriam, então, quatro estados da matéria: divididas em sólido, gasoso, líquido e seres vivos (do texto “Água não se nega a ninguém”, de Carlos Walter Porto-Gonçalves).

Cultivei memes, mesmo sem saber o porquê. Embebi-me de materiais e fluxos, em sonoridades das águas para pensar e (re)fazer um currículo com eles. O que pareceu, inicialmente, apenas intensidade, virou meu próprio processo-pesquisa. E aí, tudo mudou e continuou a mudar. Procurei aqui, numa cartografia de tela, uma Amazônia variante, movente.

Este território de digitalidades emergiu nessa composição como principal insumo. Com isso, por que ainda memes ao final? Assustei-me com a política cultural da extrema direita no Brasil. Vivi, como estudante e professor, uma mineração interna que me projetou a fazer rizomas curriculares. Meu corpo-desejo quis pesquisar memes da Amazônia que me faziam balburdiar. Resolvi colecionar memes que me afetavam em relação ao currículo.

COISA Nº 1

Essa coisa de contar “coisa” por “coisa”: artesanizando a tese



Essa coisarada começa, muitas vezes, com uma religação de um fio que alimenta a psique. Trouxe uma leitura desobjetiva de um mundo. Muito longe de uma imagem de despreparação, a improvisação se tornou arte. Veio com corpos e em lugares. Nasceu. Foi tecido com o mundo e com as pessoas. Criou sua insistência. O que funcionou, de fato, caminhou pelas “próprias distâncias”. Foram coisas da vida, com as durações próprias que tiveram, com as involuções que produziram, em seu espaço e tempo. Na pesquisa das coisas, elas não terminaram, mas multiplicaram em desígnios. Continuaram a caminhar... no domínio das forças desse estudo.

Então, juntei coisa com coisa e criei, entre cultura e natureza, me arranjando com sonoridades. As respostas foram necessidades (inventadas), ao que me moveu, com as coisas que foram sendo escritas, entre o método e a teoria, se cartografando na errância.

Precisei inventar para te contar “aos poucos”, desejado leitor, tramando memórias e imaginários, trazendo a mistura do que aconteceu.

Me embrenhei numa mistura que se coisificou, sabendo que a minha escolarização me formatou para um modelo “industrial”. Preferi lentificar, ainda mais, essa temporalidade duvidosa da ciência rápida. A gente não pode ter pressa, na busca do conhecimento, por isso o tempo esteve fora aqui. Artesanizar foi nutrir com lealdade, dedicação e paciência, começando a (trans)ver e caminhando para um

Figura 30 -
Meme do grupo
de pesquisa.





(d)escrever. Lendo Isabelle Stengers (2010) em *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*, compreendemos que a ciência possibilita novos modos de fazer, não precisamos repetir e apressar as respostas. Para ela, as universidades trabalham com a trapaça, “exigindo respostas imediatas e não deixando espaço para a pesquisa tateante que uma pergunta exige” (Stengers, 2010, p. 10). Então, me dividi para multiplicar, com as coisas. Precisei aprender a perder — e de forma diferente na pesquisa.

COISA Nº 2

Subprodutos



A curricularização foi uma construção com processos formativos. Assemelhou-se ao tecido de aprendizados. Me esforcei em juntar memes e com eles praticar na pesquisa uma espécie de perfuração de conteúdos digitais. Por que, justamente, então, emaranhei aos memes? Memes me geraram diferentes interpretações, sobre uma mesma realidade. Então, me coloquei a fazer rizomas curriculares. Gostei do ajuntamento, levando a pensar o currículo, tendo em vista o desafio de seguir “costurando” memes da Amazônia; o que me impulsionou a experimentá-los entre as temáticas escolares, assim como “também a aprender pensamentos marginais e várias ideias que podem ser subprodutos da vida cotidiana, fragmentos de conversas entreouvidas na rua, ou mesmo sonhos” (Mills, 2009, p. 23).

COISA Nº 3

Generalidades



De fato, nem se quiséssemos, conseguiríamos separar o saber e o poder, pois eles estão inter-relacionados com a construção da informação. Aliás, a noção de conhecimento parte da nossa própria cultura que está



Figura 31 - Meme do bozo com a “quebrada”.

Figura 32 - Meme que toca no tema das políticas de desenvolvimento.



também imbricada de generalidades. O que então podemos chamar de conhecimento na escola? No século XXI, simplesmente, será uma cápsula de informação que possa ser generalizada no universo cultural de quem utiliza celular. Morei oito anos no estado do Acre, percebi danos causados pela cultura política da extrema direita, resolvi entender melhor essas generalidades do saber e do poder. Não era só isso, mas acabei inventando.

O Brasil vivia um esgarçamento do seu conjunto identitário, isto é, um estado de mal-estar social, em que o ódio se tornava a forma majoritária da política nacional, o que foi acompanhado pela produção de polêmicas, *fake news* e de ataques às minorias, uma encruzilhada civilizatória que insurgiu com as redes sociais e adentrou à escola. Depois que virou meme: a política e ato político viraram espetáculo, com a amplificação do uso das tecnologias digitais. Movimentei os memes na cultura escolar por uma tentativa de “bagunçar” o currículo, avivando mapas culturais e políticos que apareciam no mar da Internet. Criei rizomas curriculares que significaram a tentativa de construir com a cultura e a linguagem. Estudando os memes da Amazônia fui levado a compreender a própria teoria curricular: pois achara um currículo que acabava de fazer sentido pra mim e começava a figurar na minha prática.

Os memes emanavam com a Amazônia. Estes conteúdos digitais poderiam ser experimentados em práticas educativas, possibilitando experimentar a transitoriedade de assuntos e temas. Estudar os memes foi me abrir para as generalidades do saber e do poder, convocando-me por meio de processos.

COISA Nº 4

Desconexa conexão¹⁸

18. Fui inspirado pelo trabalho musical de dois artistas acreanos: Kelvin Illith e Eanes Henrique. Ouvi essa expressão numa música do grupo Saramagos. Garotos diabólicos e artistas rebeldes que mudam o curso das artes na cidade de Rio Branco-AC. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6MUY_iBtY-BI&list=RD6MUY_iBtY-BI&start_radio=1. Acesso em: jul. 2025



ligação do sensível ao visual numa cartografia de tela. Criei com teclas, pelos deslocamentos, com a cabeça nos rios da Amazônia. Pelos sentidos, com o corpo-desejo da Amazônia, que (de)bordei com os rios da informação. Chacoalhado com o meme, me desanuviei, com a nuvem da informação. Isso me teceu uma relação curricular. Imagens de tanta gente, gente de tantas imagens. O que limitou as (cons)ciências desses processos? Foram espaços. *Desconexa conexão*. De onde veio o limite? Não saberia dizer. Naveguei na onda-limite do olhar de Tirésias, por assim dizer, aquele que na sua visão não aceita o mundo como está, mas que poderia ser. Pesquisei com... me jogando a cartografar. A tentativa foi no horizonte da tela, conectando (meus) mundos.

Figura 33 - Meme da batalha geopolítica pela Amazônia.



COISA Nº 5

Uma (cons)ciência repercutiu



iquei intenso com batuques tecnológicos. (Re)percutir para mim foi cientificizar, já que as ciências “duras” seguem sendo problematizadas em seus paradigmas e sentenças. Minhas questões de estudo foram: da dúvida ao contágio inesperado, da incerteza teórica à beleza da prática, tudo (re)percutindo, dentro e fora da academia, numa cartografia de tela. Erros foram científicos. Vibrei, para que pudesse me misturar. Percuti livre de pretensões universalizantes, aterrando com o que gostei: memes da Amazônia. Sabia que o som foi uma onda e que meu corpo-desejo revelou. Isto é, em outras formas de falar, em outras maneiras de fazer, em outros modos para compor, tudo isso para poder acompanhar processos. (Cons)ciência que busquei experimentar antes de me definir.



COISA Nº 6

Meme: por que não experimentar?



nquanto o corpo pesquisa e gera a dúvida, o olho trabalha. Experimentei como navegar. O fato foi que não existiu um começo e nem um fim. A composição viveu, como uma viagem. Experimentar não foi um conceito, mas se tornou uma educação menor em travessia e em processo. Busquei fricções cartográficas. Cada meme agiu como um modulador que amplificou a cultura, atravessando as temáticas escolares.

Foi experimentar um meme dentro da cultura escolar. Controvérsias meméticas potencializaram caminhos pelo currículo. A facilidade de acesso e de movimentação pelo celular compete com a construção social do conhecimento.



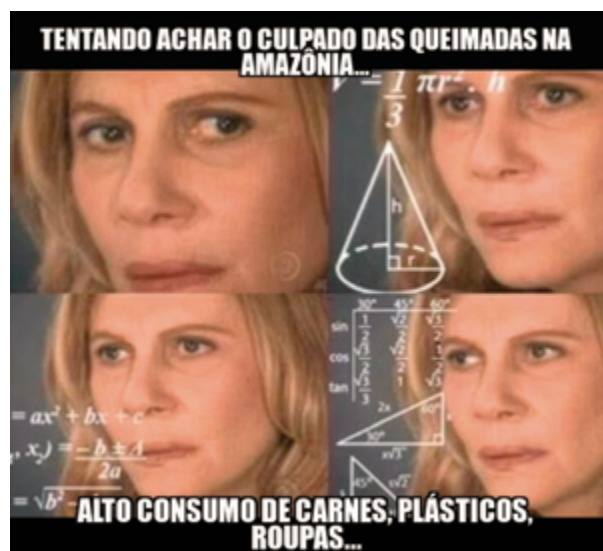
COISA Nº 7

Rizomas curriculares

Teci rizomas curriculares para poder me alimentar da cultura. Há séculos, a Amazônia segue sendo entendida como um objeto de simbolização para a racionalidade e para construção do pensamento científico. Co-criar sentidos com memes da Amazônia trouxe experiências discordantes, o que me movimentou. Experimentei leituras coletivas com os alunos, pois queria me encontrar com a cultura dos memes. A reação foi periférica, pois o conceito de cultura também incorporou a prática autoeducativa em relação ao saber-poder das empresas de tecnologia.



Figura 34 - Meme do consumo de alimentos relacionado com o desmatamento.



COISA Nº 8

Navegações



que foi a cultura, afinal? A cultura foi a pele que me protegeu das intempéries da (des)informação. A cultura se combina, nesse meio de telas e redes, também virando até outra “coisa”. Navegações em diferentes maneiras de (trans)ver. Escolhi a cultura dos memes. Fui um *cyberpunk*, que se alinhavou costurando processos. A linguagem foi meu tempero, experimentei um excesso de não-saber e um mínimo de saber.

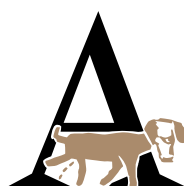


Figura 35 - Meme de questões identitárias sobre a formação da população amazônica.

Realizei uma navegação com memes da Amazônia, trazendo a imersão ao mundo digital. Estudar os memes para mim foi politizar as tecnologias digitais com o debate das diferenças. Travessias que foram intensivas, produzindo uma educação menor. Me agarrei com conteúdos digitais que perfurei. Criei este emaranhado com memes da Amazônia, refletindo como currículos avivam navegações pelo mar da Internet.

COISA Nº 9

Que tal a polifonia na escola?

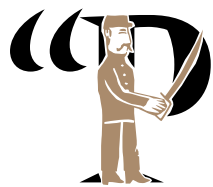


Arrisquei a potência do falso como o poeta Manoel de Barros diz: “se tudo é falso, o mundo é pura invenção”. Fiz essa polifonia, uma variação, em movimentos falseados. Não tinha nem um “a” e nem um “b”; fiz vários caminhos, nesse meio de telas e redes. Nesse rizoma

curricular, sobrou os processos. Memes — cápsulas de informação que li escrevendo. Não há uma cultura melhor do que a outra, mas apenas aquela que foi diferente. Politizar com memes se colocou como possibilidade para fabular criticamente, em relação ao saber-poder das empresas de tecnologia. Me coloquei como um professor-pesquisador, agitado pelo mar da Internet, inclusive perfurando conteúdos digitais que pudessem ser refletidos dentro do currículo.

COISA Nº 10

“Piseiro” de memes



Piseiro” se refere a um chão que foi muito “visitado”, principalmente, quando o solo na Amazônia ficou bastante “pisado”. Geralmente, no verão, o solo “raça” com o calor e no inverno o solo encharca com a chegada de chuvas. Piseiro foi também sinônimo de encontro com memes. Foi como um ambiente em que muitas pessoas pisaram e por isso o chão virou um piseiro. Não há quem ficou com os pés limpos. E quem também não aceite seus pés sujos. A lama sobe e se espalha pelo corpo. Um batismo de chegada e de saída dos encontros. Lembra uma ritualística de se misturar ao local. Crio a imaginação de que, nessa cartografia de tela, foi como um “piseiro”, ou seja, de que neste local muitos se sujaram na entrada e saída. Os memes acabam por me enlamear, seja na escola, no trabalho ou mesmo dentro de casa.

Para ler memes apoiei-me em Schiffman (2014, p. 41, traduzido do inglês), quando ele definiu meme como: “[...] um grupo de elementos digitais que compartilham características comuns de conteúdo, forma ou postura, e que foram criados com conhecimento mútuo, para serem distribuídos, imitados ou transformados na Internet por



Figura 36 - Meme da política nacional em suas diferentes visões de desenvolvimento.

Para por fim nas queimadas,
Ministro Tarcísio começa asfaltar
a Amazônia.



muitos usuários”. Isto é, parti, colocando-me a rizomatizar. Memes não foram só elementos culturais a serem estudados no currículo, mas também se tornaram moduladores de processos formativos. A leitura de memes foi compreendida como uma tentativa de produzir interferências no currículo.

Sabendo que fiquei bastante enlameado, no “piseiro” de memes, o que me restou foi caminhar por espaços menores, escrevendo sobre aquilo que não é fim, mas é meio também, para pensar e (re)virar um currículo. Fui corporificado em perdições, navegando, pelo mar da Internet.



COISA Nº 11

Reabsorvo-me a pensar com as coisas



s amazônias inventadas puderam ser misturadas aos processos com memes, capilarizando meus sentidos, em movimentações com o linguajar da Amazônia.

Foram palavras e imagens que se trançaram com as coisas. Produzi curricularidades, emaranhado aos memes. Ler memes foi borboletear, navegando por espaços menores. A pesquisa cartográfica com memes se misturou a coisas para pensar amazônias. Me alertei com memes para outras (cons)ciências em relação ao conhecimento.

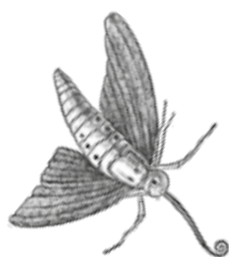
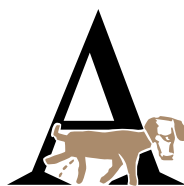


Figura 37 - Meme de “talk show” americano que toca no tema da Soberania nacional.



COISA Nº 12

O Google foi meu pastor e nada me faltará



entrada foi fácil. Um clique e abri uma página.

Usando apenas um celular e o portal do Google,

estive com a rede de internet. O Google foi uma espécie

de salvação ou mesmo um oráculo. Não perdi muito

tempo com a consulta rápida. Escrevi no buscador, saiu ainda mais (in)formação. Fiquei conectado, procurando saídas que necessitava para entender o mundo. A nuvem (ou inferno) da informação foi o

que me alcançou e o que me conectou, nessa substituição sensorial — termo que o autor Christoph Türcke utiliza em sua obra *Sociedade excitada: filosofia da sensação* (2010) para demonstrar como as tecnologias digitais produzem uma dupla percepção: a da sensação e a do sensacional, isto é, um duplo de sentidos.

A saída, porém, não foi fácil. O algoritmo captou a minha atenção na tela em repetidos espaços de exploração visual. Não me converti ao mundo digital estando o tempo todo on-line, quer dizer, num eterno contentamento cibernético. Me beneficieei de pesquisas feitas no Google, também me prejudicando mentalmente, ainda mais com o livre e fácil acesso a informações.

O Google tem abocanhado bilhões de usuários de tecnologias digitais pelo mundo. Nos últimos anos, as empresas de tecnologia se tornaram os maiores predadores na nuvem da informação, abocanhando usuários, nesse meio de telas e redes. O Google mobiliza o pensamento e molda crenças, sendo um portal de informações. Ele atua como um pastor. Entrando e saindo das mentes, o Google vem arrastando, pela rede, multidões, “um a um”.



COISA Nº 13

Um tom dissonante



ão há uniformidade, nem mesmo em campos científicos com a mesma questão de pesquisa. A ciência rápida segue o mercado e preconiza a economia, estimulando a competitividade. Isabelle Stengers contando de sua experiência na Universidade de Bruxelas, como professora de ciências “duras”, avaliando as diferentes motivações dos estudantes que apareciam, percebeu que “as questões de maior interesse dos alunos seriam àquelas em que o assunto poderia ser considerado de difícil concílio por conta da sobreposição de fatos e valores” (Stengers, 2010, p. 32). No que se refere à cultura dos memes, percebo que há uma “certa” sobreposição de áreas do conhecimento.



Figura 38 - Meme que toca a gordofobia.

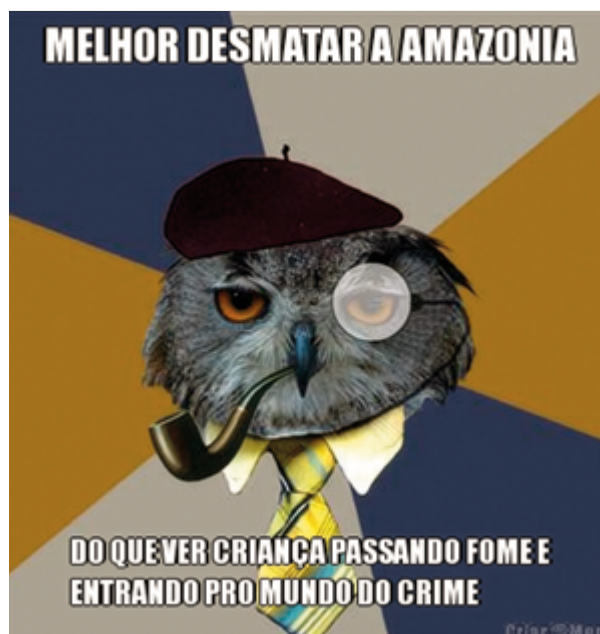


Figura 39 - Meme das problemáticas ambientais.

A universidade se apresenta como uma instituição que se afirma, na sociedade, de um modo geral, com o tratamento da informação científica. Pesquisadores são convidados para debaterem suas próprias (in)formações, presencio a sobreposição. Cientistas utilizam a informação em seminários e encontros de grupos de pesquisa, no entanto, a ciência continua em um tom dissonante.

COISA Nº 14

O invencionismo



Parto da ideia de que a criatividade foi aliada do processo da pesquisa com memes. As oportunidades aconteceram com conteúdos digitais, exigindo de mim a compreensão desse metabolismo, possibilitando pensar rizomas curriculares. Acredito que os memes — sendo dispostos ao ensino, à pesquisa e à extensão — podem ser elementos de estudo para o currículo, dentro de possibilidades instituintes.

A memética, enquanto um fenômeno da pós-verdade, transita do particular ao coletivo, e tem o potencial de se movimentar com o uso do celular. As diversas formas de comunicação que os conteúdos digitais trazem à escola criam possibilidades em coleções, módulos, óperas e seminários — podendo oportunizar memes.

A interpretação coletiva de memes também pode ser um ponto de partida. Por que não tentar recriar seus significados dentro das temáticas escolares? Os alunos podem ser estimulados a experienciar, podendo enriquecer seus objetivos escolares. Num mundo cada vez mais comunicativo, o currículo abre fissuras na escola. Emaranhei com memes da Amazônia, acredito estar criando entre as temáticas escolares, procurando experienciar processos e materiais no currículo.

COISA Nº 15

Pensando com os pés



Meus pés tocaram a terra, uma floresta falando em mim. Uma linguagem que me aterrou, que me enriqueceu, pois procurei movimentar a escrita. Pesquisei a terra com a minha caminhada. Não sabia andar sozinho, nada era como eu imaginava. Produzi minha forma de aterramento. Fui terráqueo pisando a terra. Foram meus pisares que estimularam a compreensão dos terrários que pisei. Lancei olhares que se corporificaram, uma conexão com a terra.

Nasci em algum lugar e a partir dele procurei lugares onde aprendi, andando por aí. Estabeleci um pacto terra-gente que reforçou minha natureza. Foram caminhadas com a planta dos pés no chão. Um caminho que me desafiou e também se combinou, nos volteios que o mundo deu.



Caminhando nas pistas de corrida do bairro Saco dos Limões, em Florianópolis, pude alimentar algumas ideias da tese. Procurei me misturar com memes, mesmo estando num movimento acelerado. Busquei lentificar a pesquisa, percebi o quanto foi importante me trançar com memes. Primeiro, porque os memes, na perspectiva do currículo, podem ser investigados dentro de processos formativos, possibilitando experimentá-los no trabalho da pesquisa. Segundo, porque os memes ganham aceitação pela sua potência visual-narrativa, o que oportunizou relacionar o meu currículo autoral às temáticas escolares.

Manoel de Barros, poeta mato-grossense, diz que é preciso (trans)ver o mundo. Foi preciso (trans)ver o mundo — a Amazônia — com os memes. As coisas puderam ser lançadas ao mundo! Acrescento meus pisares, nesse curricular. Movimentei com os pés, diante da paisagem, agindo com atenção, procurando estabelecer o foco, reconhecendo as variações do ambiente. Numa cartografia de tela, revirei a Web, intercalei a leitura e a produção de textos, visualizei imagens, montei coleções de memes, isso tudo (trans)vendo amazônias. Isso também não dispensou a criatividade para pensar a terra com os pés.

COISA Nº 16

A memética



A cabeça foi o coração em muitos momentos. Ela seguiu o (im)pulso da emoção. Foi uma razão de autogoverno. Interligada a um corpo que pesquisou a informação que chegou, navegando na tela como um mapa. Durações lentas que funcionaram como uma “antena” para o mundo.

A varredura no campo visual foi o ato mais comum, estando ao mar da Internet, o que me trouxe aos meandros da pesquisa, a memética. A base dela foi técnica, científica e informacional. O tempo de imersão, nesse meio de telas e redes, se fez como meu processo-pesquisa. O acontecimento, numa cartografia da tela, se misturou à escrita das coisas.

Inescapável acidente criativo, “não resta dúvida de que os novos estudos sobre o uso da internet e outras tecnologias de informação e comunicação estão contribuindo significativamente para a literatura de estudos culturais” (Kozinets, 2014, p.8). No meu caso, criei este currículo com memes: desobjetivando o olhar.

COISA Nº 17

Imagem-sintoma

“Imagens que tocam o real” (Didi-Huberman, 2012, p.205). Mas o que seria, então, tocar o real, propriamente, e também compor com imagens e sintomas? Esta questão é muito ampla e latente no século XXI, ainda sem muitas respostas, mas movente quando exercitada em um pensar com as imagens, dentro do campo da Educação. Didi-Huberman (2012) enxerga para a imagem uma dupla percepção: a primeira como um testemunho, ou seja, na visão de Roland Barthes, a de um registro. E a segunda como um espetáculo, isto é, na visão de Guy Debord e de Jean Baudrillard, a de criação de consensos e contrários dentro do diverso da imagem.

Para Didi-Huberman (2012) podemos compor a montagem ou remontagem do tempo, nos exercitando com a seleção de imagens, caminhando com Barthes, com a ontologia da imagem, do qual enxergamos como um salto para a autenticidade. E com Guy Debord e Jean Baudrillard, com a invenção da imagem como um artefato que seja passível de crítica, de complexidade, de veracidade ou de simulação.

Didi-Huberman (2012) descreve a captura da “sintomática” do evento na leitura da imagem do qual somos atravessados no ato do ver. Vivemos este universo imagético das redes do conhecimento em que a busca pelo aprofundamento na leitura da imagem que visualizamos



nas telas visa trazer à tona contradições, revelando sintomas como a paranóia e o delírio que surgem de elementos e sujeitos figurativos da história que esvaziam o sentido e promovem o “desconhecimento” pelas imagens — algo que experimentamos com força na atualidade como um reflexo da cultura política de um pensamento social de extrema direita.

Para o autor a imagem é uma camada de leitura da realidade, como vista no Atlas Mnemosyne¹⁹ de Warburg, em que se tonifica um movimento intergeracional que transcende as fronteiras territoriais e culturais, ultrapassando o movimento iconográfico, de ideias e de emblemas políticos, reunindo expressões, significados, relações, teias, concepções, se deslocando em temas controversos, mais do que apenas classificando-as, mas recriando-as.

Remontar no sentido exclusivo do verbo no imperativo, sugere que movimentos interpretativos sejam feitos, ao retirar ou remover obstáculos e conexões inverossímeis, como uma ação analítica sobre os objetos interpretativos. A imagem é a composição de variados e difusos detalhes possíveis a serem captados, em uma espécie de “zoom interpretativo”. Para Didi-Huberman (2012) o trabalho da montagem intenciona a genealogia da imagem. De que maneira gestos tecnológicos se relacionam com a percepção? As imagens que visualizamos, reforçam a repetição dos nossos gestos. O que senti, cada vez mais, gestualizei com as imagens até aqui. Fui afetado pelos desígnios do tempo, a imagnetização da vida se enredou com as formas do meu (trans)ver.

19. São cerca de mil imagens distribuídas em sessenta e três painéis que compõem o acervo do Atlas (n.a).

COISA Nº 18

Vida embebida do WhatsApp



Embeber se mostra o verbo que melhor descreve o domínio do WhatsApp sobre a vida humana. Aplicativos de conversa superam, em muito, o uso de ligações telefônicas pelo celular. Embebido fiquei, todo dia, com mensagens que recebi pelo celular. Como morei na Amazônia, em Rio Branco, no Acre, e me encontrei estudando, meus contatos pessoais compartilharam fotos, vídeos e links sobre assuntos e temas da região. A prova disso foi



que, ao final do dia, pude perceber o quanto de tempo me foi demandado para selecionar, abrir e conferir os conteúdos digitais que me foram enviados.

Perdi muito tempo com o celular na mão. Há uma nuvem de informação que nos envolve a qualquer momento. Se nos distrairmos, até nos saturarmos psiquicamente para conviver. Estar-no-mundo é participar dessa conexão rápida com mensagens que se multiplicaram com as notícias que chegam a todo momento. Não me salvei do celular, a curiosidade não tem cura, se exprimiu a qualquer instante, pela atenção dos olhos e agilidade dos dedos.



Lendo o texto de Deligny (1995), “A arte, as bordas... e o fora”, deparo-me com a imagem de um barco que evoca a bordura, ou seja, de subir a bordo das águas. Foi o que restou, neste encontro da tese, sendo representado como o “fora”. Deligny também traz a figura emblemática do peixe voador que naufraga neste mar e que se revela como uma arte que embarcou em sua estória. Ninguém vive no mar, porém se espelha como “a poça que reflete o rosto de quem olha, e faz-se de espelho, sem sê-lo” (Deligny, 1995, p. 148). Acho isso muito potente para pensar memes. A tela vem ampliando possibilidades como um mapa que coloniza subjetividades, ao cabo de navegações. Descasquei camadas, trabalhei de janelas variadas. Criei por espaços.

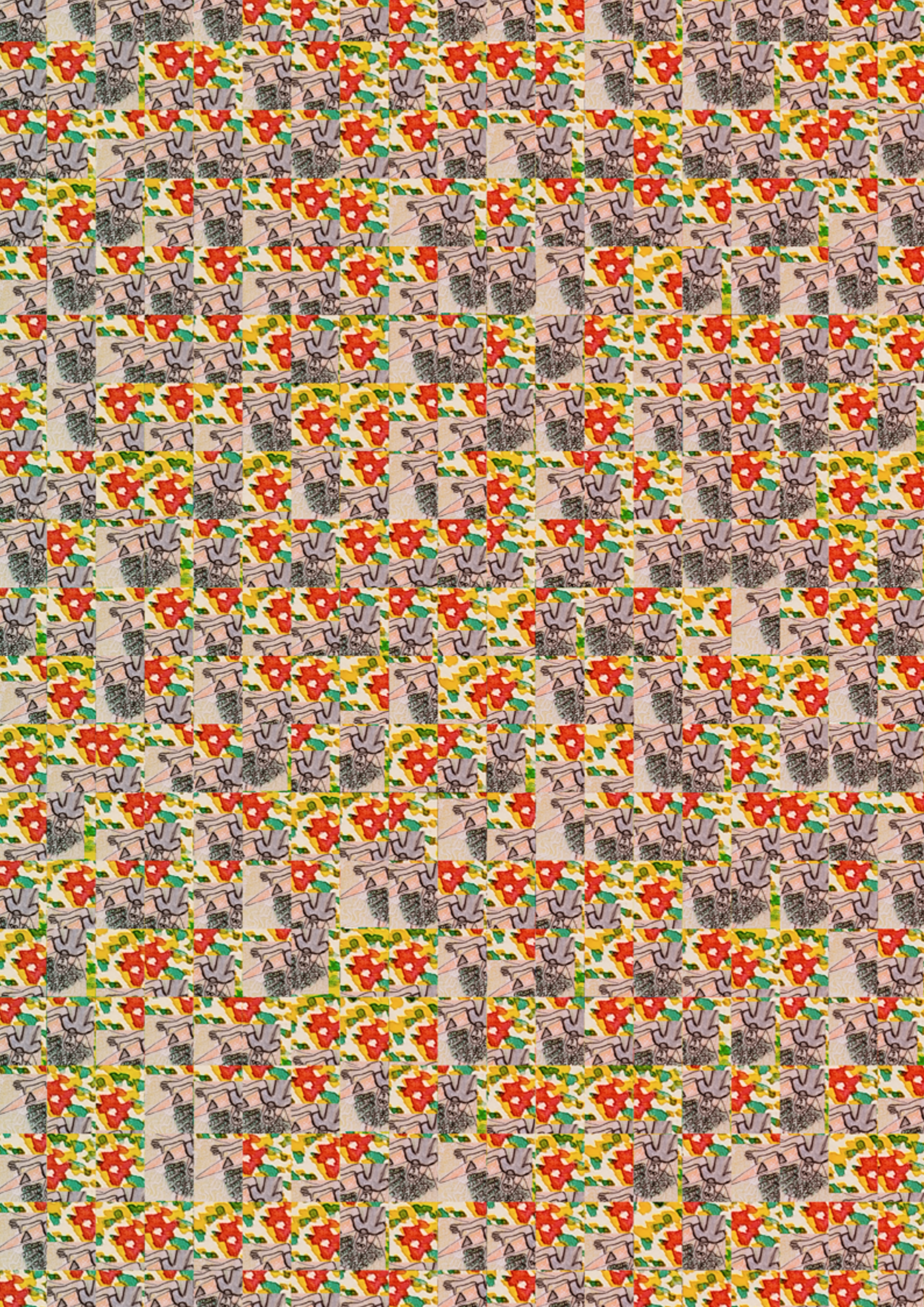
O ver não teve sentido único. Os sentidos foram plurais, dinâmicos e conflitivos. Para Tim Ingold (2012) somos convocados

a uma reunião com as coisas deste mundo, na ideia de uma *agenda material*. Pude vivificar as formas do presente, para entendê-las, alterando-as, com o poder de tomadas de consciência, entre um momento e outro, escapei com pensamentos voadores, para que as formas pudessem novamente se tornar caminho em um movimento que produz a vida.

Volto à descrição da casa-natureza, local que iniciei a minha jornada na pesquisa. Os primeiros fachos de luz atravessam a copa das árvores, desenhando luminosidades em arbustos trançados que chegam ao chão pela seiva bruta. Minha visão operou como um sensor que procurou imersar na realidade. Fiquei permeável à substância do mundo, que se misturou às leituras que fiz dele. Meu olhar foi contingente, datado e limitado. Foi potencializado pelo entorno que foi vivificado. Com tudo isso, sentindo o vento passar, entre as janelas abertas para a mata, me encontrando em fluência com os movimentos da escrita, sigo com a ideia de mapa como a textura das coisas. E, portanto, daqui para frente deixo que as texturas expressem uma possibilidade com os memes, com o currículo e com amazônias.



MAPA COMO TEXTURA DAS COISAS



SOBRE O QUE SOBROU

Texturas



Depois da sessão de qualificação, só me restou agradecer. Aprendi bastante com o trabalho da banca, com o empenho e a dedicação de todos envolvidos. Em primeiro, à Ana Preve, pela confiança no meu trabalho de pesquisa. E aos demais, ao Cristian Poletti, à Elaine Schmidlin, à Giovana Scareli e à Raphaela Desidério, pelas falas enriquecedoras e pelas contribuições. Passar por essa experiência foi como viver uma mutação. Escutar vocês sobre meu trabalho, me nutriu para seguir pensando e trilhando à pesquisa. Precisei me recolocar em rota de fuga com a cartografia de tela. Com os caminhos que se abriram nesse dia, pensei, por onde ramificar? — com as mensagens recebidas. Fiquei sem saber, contagiado e surpreso. Vocês dividiram para multiplicar comigo.

Ali mesmo, decidi não voltar mais atrás. E que o inventor-navegador embarcaria em sua composição dedicada. Criar esse personagem, no início do trabalho, foi essencial para me envolver com essa “outra” imagem de pesquisador-professor que poderia vir a surgir com a pesquisa. O drama existencial do aventureiro-náufrago do filme *Tudo está perdido* me fez acreditar que meu trabalho com os memes da Amazônia passava por uma similaridade existencial. Decidi que poderia caminhar pelas artes e suas materialidades. Por trás daquela voz “insistente” querendo apenas apontar a direção, encontrei em mim um continente de silêncio. Escolhi, depois de ouvi-los, lê-los, senti-los trabalhar com ênfase nos mapas e nas composições musicais. Percebi que o meu exercício de criação desembocaria em experimentar mais processos. Senti que todas aquelas contribuições me impulsionaram a continuar a explorar sensibilidades com a Amazônia. Me compus com suas vozes e, de novo, mais uma vez me entreguei aos processos de criação.

Busquei criar meu currículo autoral. Preferi, num primeiro momento, desenhar mapas, sobre mim mesmo (o inventor-navegador). Me ativei para as fabulações. Me guiei com a imagem das texturas. Procurei caminhar, nesse meio de telas e redes, abrindo espaço para tentar desenhar. Tinha muitos anos que não desenhava com lápis de cor. Porém, ter recomeçado sem escrever foi também me ampliar.



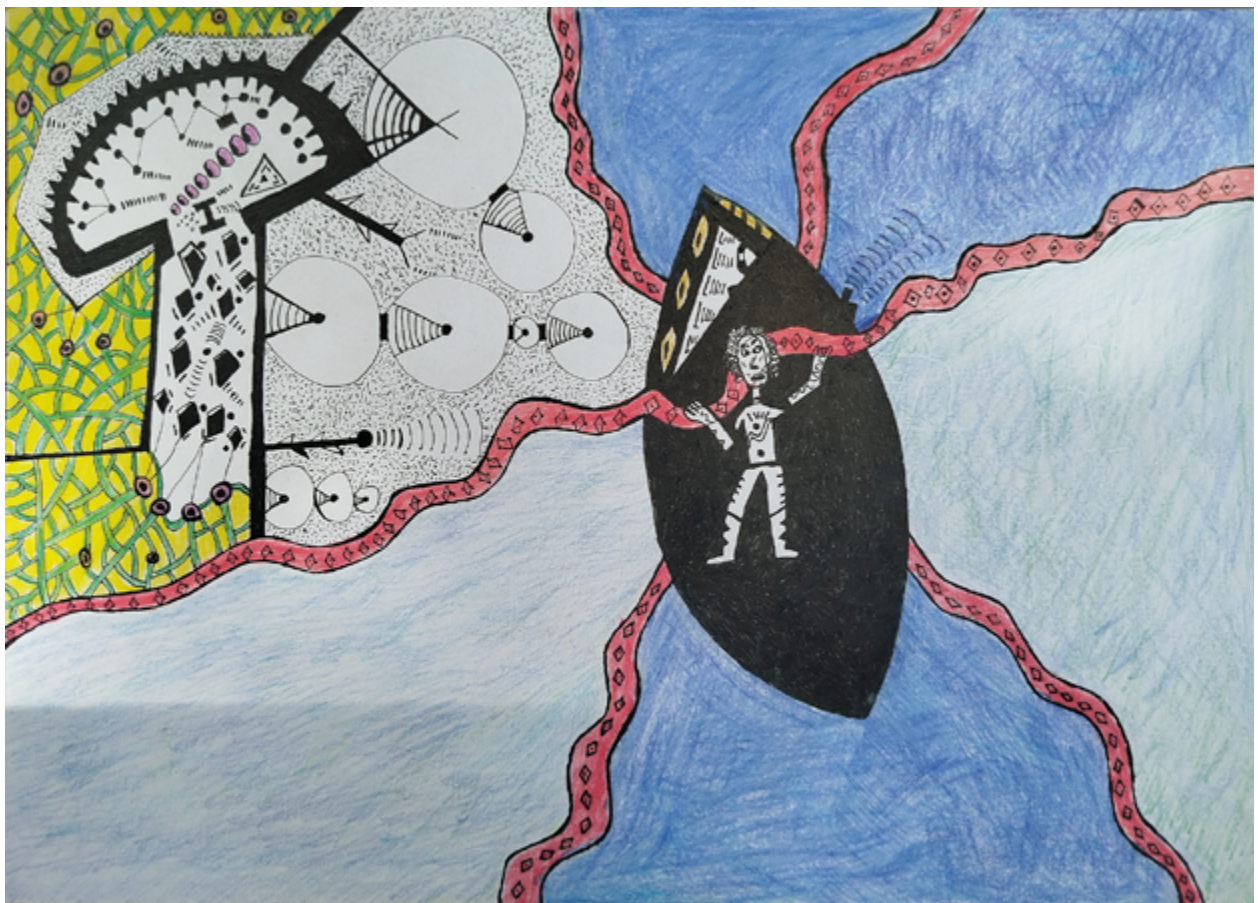
Mapa nº 1. Acreanizei.

Mergulhei nas mensagens que recebi do texto para a qualificação. Portanto, me joguei como um coiseiro batuqueiro. Arrisquei. Foram águas que se juntaram e cresceram, visualizei-a como a força de uma queda d'água de uma cachoeira. Assim sendo, despencando das alturas, me entreguei, ao rito, um mergulho na consciência. Me joguei na vazão do desenho. Cito o poeta Márcio Borges, parceiro de Milton Nascimento, do Clube da Esquina: “os sonhos não envelhecem”.

Experimentei amor, lembrei de lugares, imaginei cores, senti afetos, colhi alegrias, encerrei medos, entendi dores, apreciei vocês como se aprecia uma geografia profunda. Durante a escuta, no dia da qualificação, minhas pernas não paravam de se mexer um segundo debaixo da mesa. Ressignifiquei a pesquisa com as coisas. Olhei para tudo, quando já não sabia nem por onde estava; pensei em continuar a compor sensivelmente. Foram belezas surgindo em conexões restauradoras; qualquer coisa intensa como uma navegação. Larguei minhas bagagens teóricas. Simplesmente pensei em inventar para rumar em direção à região Norte do país. Fui me religando com (outros) mundos, numa aventura de ida e sem uma previsão de volta.

Além disso, colecionei memes, analisando narrativas e significados relacionados com as temáticas escolares. Tratou-se de caminhos que foram percorridos, de movimentos que foram feitos, sem uma teoria ou perspectiva prévia, sem uma imagem a alcançar, apenas com a vontade de seguir misturando coisas.

Mapa nº 2.
O inventor-navegador.

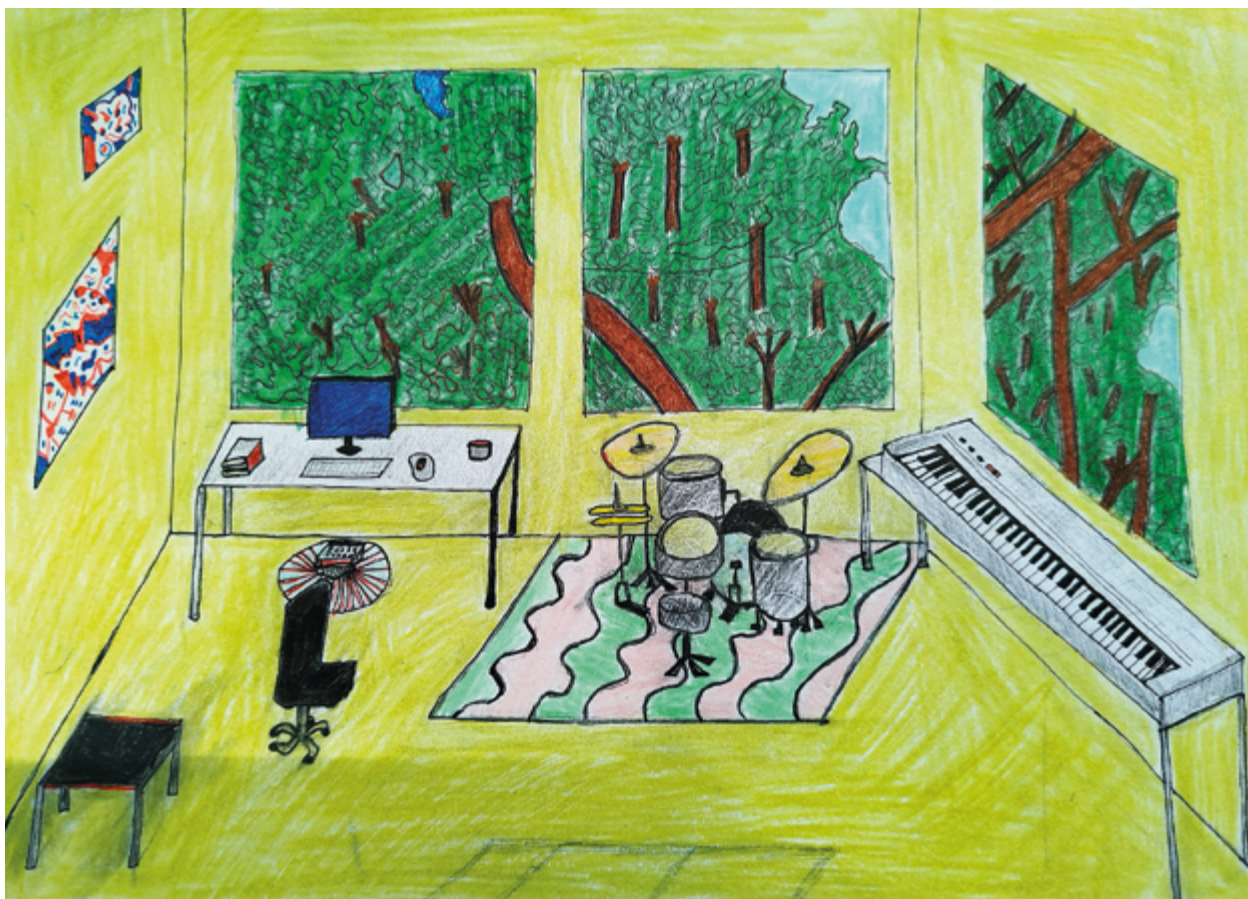




Mapa nº 3.
O coiseiro batuqueiro.

os memes, se tornaram informações em cápsulas de um cérebro para o outro. Mesmo sendo filtrados, alterados, desenvolvidos e passados adiante, os memes seguiram criando diferentes interpretações da realidade. O que sabemos, com as principais evidências de pesquisa, foi que os memes mais bem adaptados se espalharam com mais facilidade e se tornaram dominantes em uma cultura. Posso acreditar que isso também seja uma “avalanche” chegando à escola. Uma imagem possível de ser pensada com as tecnologias digitais. Os memes nos habitam e duram por gerações. Alguns podem até começar guerras ou justificar injustiças de todos os tipos. As guerras culturais surgem pelo mar da Internet, dentro da política cultural do currículo. Os memes se mostraram elementos moventes para a escrita dessas coisas.

De Cristian Polleti Mossi assumo que me irriguei pela ideia de tecer um currículo autoral associado à minha experiência de professor-pesquisador e de vir morar na região Norte. Nesse ponto, continuei a operar o meu processo-pesquisa de cartografia de tela, rumando com as fabulações sobre a Amazônia. Explorei a ideia de acontecimento como processo dentro do currículo. O Amazonialismo que movimenteí foi este rizoma que caminhou da nascente dos



Mapa nº 4. Casa-natureza.

sentidos das artes até a foz das criações. Para tal, retornei, me misturei, procurando, então, praticar a concepção da Diferença em curricularidades. Por isso, nesse prolongamento final, decidi trabalhar nos meandros, também com elementos pré-textuais. Desenhei. Compus músicas.

De Giovana Scareli caminhei numa ligação poética com as imagens. Fiz uma outra reorganização para elas, dando mais “chão”. Busquei, enfim, irrigar os sentidos nos mapas e composições. Em outros termos, encadeei uma navegação cultural, sem deixar à margem a poesia. Reconheci a potência de algumas mensagens do texto e amplifiquei. Desenhei “arrancados da natureza”. Enriqueci a autoimagem do inventor-navegador que desembocou ao final em mapas e *canções-força*.

De Elaine Schmidlin refiz o encadeamento das problematizações da tese. Procurei, explicitar a minha concepção de currículo na discussão teórica. Retirei da argumentação o termo significações, do qual entendi que seria melhor sinalizar este estudo cartograficamente. Explorei a ideia das coisas e suas combinações, num encontro com os memes da Amazônia. Escrevi, então, a coisa meme. Identifiquei alguns

Mapa nº 5.
Rios de informação.

As temáticas escolares apareceram desprogramadas, na intenção dessa tese, o que potencializou o inventor-navegador percorrer distâncias reais e/ou imaginárias pelo acontecimento.



O movimento foi desterritorializar, ganhar espaço e ultrapassar os limites das informações.

Para tecer essa tese, a escrita *hyperlink* (uma visada da Ana Preve sobre a minha escrita) me possibilitou produzir movimentações que se relacionaram com as diversas camadas criativas que foram possíveis explorar na leitura dos memes. Criei imagens e *canções-força* com as coisas.

A ascensão de um pensamento social de extrema direita no mundo, nos moldes de figuras como Donald Trump e Jair Bolsonaro, muitas vezes, corrompendo instituições, alastrando a desinformação, reforçou que inúmeras batalhas culturais eclodem com a circulação de memes da Amazônia que chegam à escola. Presenciei mentes e corações, sendo alimentadas, ao caos informacional da pós-verdade, melhor dizendo, ao sabor das novidades. Filtrei, um arsenal “ideológico” de conteúdos digitais, derivando de um estado de mal estar social.

Ao meu (trans)ver a cultura foi e está sendo rendida às empresas de tecnologia, inclusive, nesse meio de telas e redes. Insatisfeitos com a própria causa ou existência, aqueles que um dia se sentiram

Mapa nº 6.
O xamã de 100 bytes.





Mapa nº 7.
Arrancados da natureza.

Mapa nº 8.
Moacir de todos os santos
(*páginas seguintes*).

ameaçados ou humilhados, utilizaram as tecnologias digitais como suas armas e/ou escudos, servindo de inspiração para pensar os obstáculos que enfrentei na tese. Acredito que processos formativos chacoalham a política cultural do currículo podendo potencializar práticas educativas.

A política cultural da extrema direita cria tentáculos dentro do currículo da escola, arrastando usuários de tecnologias digitais. Fabulei, com intensividade, as amazônias que seguem sendo criadas, vividas, sentidas, pensadas e projetadas para o futuro. A Amazônia torna-se, ainda mais, um acirrado “campo de disputas” de forças sociais, culturais, ideológicas — sobretudo — geopolíticas e econômicas. Arranjei uma aposta de pesquisa em uma educação menor, sobre a maior superfície hídrica e de florestas tropicais do planeta, ocorrendo simultaneamente à busca desenfreada do capitalismo por recursos naturais para fins alimentares e energéticos que impulsionam a expansão de terras agrícolas associada à construção de megaprojetos de extração de minerais que transformam a região em uma nova fronteira global.





RELEVO DAS CANÇÕES- -FORÇA



COMPOSIÇÃO Nº 1

Amazonialismo

Gotas amazônicas pesam chumbo na vazão
Ares deslizam corpos-desejos
Entre os quais há um

Bem nasceu
se embrenhou
sumiu
inventou calmo de rio
cachoeira

Água viva trouxe sua paz
O mistério foi inventar

Forças naturezas melodiam na razão
Linhas extravasam corpos-desejos
Entre os quais há um

Bem caiu
se perdeu
sentiu
geografia profunda
sons da terra

Sonhar teceu sua arte de viver
Rumo ao Aquiry

COMPOSIÇÃO Nº 2

Oração

Venta leve
Mar agita
Linhas e texturas
Faz a vida
Lê seu corpo
Multiplica
Não duvida do que resta
Da polifonia

Invento com o mar
Uma oração
Um inventor-navegador

Tempo na dobra
Ritmo no peito
Foi sem jeito
Dito e feito

Asa do desejo
Voa como um pássaro
Brisa, quero ser teu som

Nada pode me ferir
Nada, nada, nada
Nada pode me ferir
Caminho das águas

COMPOSIÇÃO Nº 3

Frequência

Sinto a frequência
De galáxias não importa o dia
Dos meus olhos brotam a luz e o medo
Mas com jeito eu aprendo

Ao sabor do vento
Tempo que costura o destino
Bagunçando nosso encontro firme
Mas com jeito eu aprendo

Me importa seu dia
Como fosse o verão
Medo abre a saída
Cruzando o sertão

Me alegra teu rito
Festa em meu coração
Toda luz dos olhos
Clivando a paixão

COMPOSIÇÃO Nº 4

Meme borboleta

Toca o barco
Segue a luz
Na lua cheia
Vagueia

Teus pés na terra
Me conduz
A bruta seiva
Aviva

A rota pode até mudar
Amor de bicho
Planeta
A ponte sai de algum lugar
Meu coração foi asa

Ler o meme pra cantar
Borboleta
Ler a terra pra ficar
Com a natureza

RELEVO

Se refere ao que se eleva, perante o plano, ou seja, o duplo da superfície. Dobrei na linha do horizonte, sonoridades me levaram em navegações. O violão enfrentou tempestades e me entreguei à tessitura de músicas. Pude caminhar com a poesia, onde as composições se desenharam como trançados “sonoros” do rizoma da escrita da tese. Como ainda nessa travessia do estudo, componho, toco e gravo composições musicais?

Nesse momento, após a banca de qualificação, passei a morar numa casa rural, no distrito de Azevedo, em Moeda-MG. Sem internet (isso foi possível!) me dediquei aos processos criativos que se deram em quatro encontros com o técnico de som Cahuê Teixeira — um amigo de longa data. Durante dois meses de trabalho, houve a mixagem; a edição e a finalização das gravações. Toquei todos os instrumentos das faixas. *O relevo das canções-força*, provavelmente, foi a parte da tese que mais joguei meu corpo-desejo, mesmo que achasse que talvez seria melhor não assumir essa responsabilidade.

Azevedo é um distrito de duzentos moradores que resiste com suas serras e suas águas ao poder das mineradoras na região do quadrilátero ferrífero em Minas Gerais. Não é difícil esquecer a proximidade com as tragédias de Mariana e Brumadinho, ainda mais em uma área de dois quilombos: Vila do Côco e Marinho da Serra. Nesse tempo de pedras e sonhos, escuto discos (do meu pai), ouço “causos” — isso seria possível de se fazer: me pergunto sobre como escrever um final de uma viagem que nunca termina? Não daria um ponto final, tocando instrumentos. A seguir, apresento as quatro canções-forças.



Composição nº 1: Amazonialismo

Sentindo dúvida, trazendo mais incertezas e teimando com a música, caberia ainda musicar? Consegui fazer isso, vivendo em estado de criação. Vivi me perdendo pelos afluentes. Agora, toquei o barco com as canções-força.

Musiquei com a Amazônia. A linguagem não deu conta de tudo. Me criei com as estrelas que mirei no céu. Foi como *um salto de uma rã* na música de Caetano Veloso e João Donato. Me inspirei com as águas da Serra de Azevedo, em Moeda-MG. Experimentei sonoridades e sabores da terra, mineirices; cantarolei melodias ouvindo passarinhos, criando com meus instrumentos musicais.

Procurei explorar meus (uni)versos poéticos. Achei espaços, semeei, teci acordes com meus sentidos. Sonhei no cheiro da chuva.

Desde a sessão de qualificação, resenti com os tecidos artísticos da Maitê e do Lázaro Szerwinski. Passei a caminhar com a força das canções que surgiram de movimentações: entre as coisas e os mapas. Este final da tese funcionou para “trançar” conteúdos digitais e imagens amazônicas em rizoma. Se tornou para mim ressonâncias cósmicas, nesse meio de telas e redes. A palavra *relevo* aparece como imagem de uma elevação do corpo-desejo da Amazônia em sensibilidades aflorantes. Permeado, pelo tecido musical, fabulações me habitaram. Morar na Amazônia por oito anos, me serviu como uma epifania. Utilizei esse passaporte espacial.

Falo primeiro da canção *Amazonialismo*. Música que surgiu com a leitura de uma poesia de João Pedro Valadares — um amigo de infância. Conto dele. Começamos a nos interessar por poesia, logo aos doze anos de idade. Ele foi meu colega no Colégio Barão do Rio Branco — que fica no bairro dos Funcionários, popularmente conhecido como Savassi, em Belo Horizonte. Na época, ele me emprestou um livro — *Distraídos venceremos*, de Paulo Leminski. Escapei entre imagens poéticas. João vivia escrevendo em seus cadernos. Passei a fazer o mesmo que ele.

A metáfora/imagem das águas apareceu em imagens que explorei na escrita da tese. Não houve escapatória, pois não sabia nem nadar: mas até isso aprendi em Florianópolis. Imaginar a Amazônia foi experimentar com as águas profundas. Explorei a textura das coisas. Extravasei linhas. Havia escutado a canção *Os Povos* de Milton





Nascimento, pois procurava uma ambiência que pudesse me inspirar. Observava a água que escorria do paredão rochoso, que fica no final da Serra de Azevedo. Foi assim que me arrisquei com o primeiro verso “*gotas amazônias pesam chumbo na vazão*”. Essa imagem se refere a este lugar — digo isso me sentindo *calmo de cachoeira*. A segunda parte da música, que traz a estrofe “*bem nasceu, se embrenhou, sumiu*” se refere ao sentimento de me perder com a grandiosidade da floresta. Aliás, me perdi em imaginários quando pensava sobre a região amazônica. Neste vislumbre, me entreguei, trazendo meu corpo-desejo com esta teia viva da pesquisa.

O escrito da tese caminhou com a ideia de rizoma que acessei com a leitura de Deleuze e Guattari (1995). Meu processo-pesquisa se criou com o domínio das *forças naturezas* que encontrei navegando em espaços, lendo memes da Amazônia. Movimentei um currículo autoral que se emaranhou aos conteúdos digitais que também atravessaram as temáticas escolares. Esta música surgiu a partir de combinações. O inventor-navegador, se perdeu novamente nas distâncias, habitando uma *geografia profunda*. Ouvi as sonoridades das águas da serra, me recolocando em imaginários com as águas do *Aquiry* — termo de origem indígena que se refere ao estado do Acre. Tudo foi encontrado. O fechamento desta canção me trouxe sonoridades latinas. Gravei uma flauta andina com tambores que ambientam sonoramente as culturas afro-mineiras como o Congado. Na sessão de gravação da música, toquei uma guitarra que foi feita artesanalmente a partir de “sobra” de madeira de demolição por um luthier do Acre — o Nelcimar.





Composição nº 2: Oração



Cheguei de “paraquedas” em uma ilha “desconhecida”. Foi assim que cheguei em Florianópolis, para fazer o doutorado. Estava morando no Acre, há quase oito anos. Fiz uma mudança “improvisada” exatamente no ano das eleições do pleito presidencial de 2022 no Brasil. Meus pertences ficaram restritos ao espaço interno do meu próprio carro, que foi transportado num caminhão-cegonha. Não tive outra opção, considerando os custos da operação. O que restou, naquele momento, foi arriscar enviá-los. As minhas relações mudariam de característica, de um dia para o outro. Isso porque vim de mudança para um doutorado num lugar que pouco conhecia. Fiquei morando os primeiros semestres letivos em *kitnets* próximos à região central da cidade. Enquanto isso, buscava compreender mais sobre os locais para morar na ilha. O alto padrão de custo de vida me pressionava a escolher habitações mais baratas.

Um dia resolvi pensar melhor. Apertei meu orçamento financeiro e me mudei para um outro local. Fui morar na Fortaleza da Barra, um bairro de pescadores na porção leste da ilha — essa foi a minha saída. Achei uma casa de madeira dentro da *Dólmen da Oração*, do qual experimentei um “sossego” que me foi bastante proveitoso. Morei nove meses nesse local. Realizei caminhadas diárias pela mata até onde se situa o observatório astronômico. Este trecho de subida me sintonizou com as ideias que iam surgindo nas quais pude experimentar momentos que foram fortalecedores com os ambientes naturais que fui conhecendo da ilha onde, muitas vezes, levei meu violão para compor.

Convivendo semanalmente com *catarinos-raízes* em “feirinhas” do bairro, tive um aprendizado em relação ao tempo atmosférico da ilha. Percebi que a orientação diária dos “manezinhos” dependia de um



comentário em relação ao vento. Os “leitores” do vento se mostravam como sábios do tempo. Por se tratar de uma geografia de uma ilha, fazendo diariamente a prática do remo, me deparei com esse “dia a dia”. O vento seria, então, esse elemento da percepção dos “manezinhos” que observam a sazonalidade dos lugares. Dito isso, começo a letra da música *Oração*, me referindo ao comportamento do vento que fui percebendo no dia. A letra menciona as *linhas e texturas*, do qual pude ler o ambiente com meu corpo e ficar com o que me restou da paisagem. Todo invento foi uma forma de oração em que sonoridades se permearam pelas coisas que escrevi. A metáfora do mar, tanto se referiu ao entorno da vista observada, quanto do mar da Internet que navegava. Me inspirei no personagem *o inventor-navegador*. A navegação da tese também operou caminhadas pela mata da Dólmen para ressoar a polifonia. Menciono na canção a imagem de pássaros que voavam na costa e que me inspirou, ao trazer a estrofe da letra “*asa do desejo, voa como pássaro, brisa quero ser teu som*”.

Esta *canção-força* seguiu aos caminhos das águas. Rebrotei as forças do universo, gravando a canção no ritmo do Ijexá. Tudo que havia sentido — que foi ruim e me feriu — passou a ficar para trás na caminhada. A expressão *nada pode me ferir* — encontrei ouvindo a entrevista do atleta David Goggins. Me inspirei nele para também treinar e fazer maratonas. Ouvi sobre sua superação e, isso, nunca mais me esquecerei: “*se minha cabeça decidiu, meu corpo que sofra*”. Goggins sofreu com traumas físicos e psicológicos no corpo, mas conseguiu completar sua missão.

Composição nº 3: Frequência



Esta *canção-força* vagou pelo “desconhecido” da *psique* (pegando os préstimos de Carl Jung). Navegando em questões metafísicas que foram emblemas da minha própria consciência em plena criação, principalmente. A música se tornou um mantra, cruzando o sertão da dúvida, entalhando o tempo que me lentificou a cada encontro. Um encontro do universo. Sonoridades da *matéria do mundo* que maquinaram (meus) sentidos. Às vezes, me senti numa conexão inter-planetária, como poetizou o músico Tom Zé na imagem de *um vira-lata na via-láctea*. Na sarjeta



dos cosmos, me embebi da poesia dos astros. Todo encontro foi encantamento.

A canção *frequência* nasceu do medo do olhar, em sua forma mais universal e elementar. O “desconhecido” foi chão para pensar. Precisei de confrontos para viver no *encontro firme*. Disse também o artista Tom Zé, em outra letra sua, *o medo é nosso maior conselheiro*. O importante, nesses processos, para mim, foi me religar às galáxias que estavam me (roubando) levando. Comecei com a letra, emanando a força criadora, “*sinto a frequência, de galáxias não importa o dia*”. Agradei estar em rota, reconhecendo as dificuldades das escolhas. Me senti incomodado, chateado e confuso, mas não perdi a viagem que se tornou também uma saga espiritual.

Talvez tenha resistido em germinar esta *canção-força*. Mas me dobrei ao lado mais criativo desse “coiseiro cancioneiro”. Esta música foi composta numa manhã. O sol caminhava pelos braços naquele dia quente.

Aos primeiros batuques nas teclas, desenhei sua melodia que surgiu com os versos “*ao sabor do vento*”, trançando a harmonia. A ideia do contraponto rítmico sustentou a atmosfera harmônica. Pensei sua fôrma da maneira mais simples, privilegiando apenas o canto e o piano.





Esta música celebrou em mim uma “*festa em meu coração*”. Criei com sons da terra. Harmonizei “*toda luz dos olhos*”. Os passarinhos soaram um ritmo, “*clivando a paixão*”. A gestualização da natureza funcionou com a frequência.

Composição nº 4: Meme borboleta

Meme borboleta — essa foi como “um meteoro da paixão” (meus préstimos ao Luan Santana). *Canção-força* esta que mais me entoei e me tocou profundamente. Veio de encontros. Nasceu como o sol, sem saber como foi a lua. Cresceu sem medo. Foi uma melodia que pairou “como uma folha” no piano. Transpus imediatamente para o violão, simulando a ambiência rítmica de um barco em movimento. Lembranças que se vestiram de acordes recheados. Noite adentro, fui levado por uma borboleta. Falar dessa música, foi retratar as vivências na ilha da magia. A imagem da expressão “*toca o barco*” representa a (cons)ciência que explorou o mar do social. Segui à luz de uma *água-viva*.

Falei pelos pés — por onde então falaria? Andei até que o caminho se acostumou a mudar. Assim, também criei formas de amar. Fiquei com a leveza de uma *meme borboleta* — que simbolizou o elemento movente da escrita da tese. Fui alimentado pelo imaginário da vegetalização, pelas leituras de *Amazônia sensível*, de Emanuelle Coccia (2023), trouxe em verso como “*a bruta seiva*” que “*aviva*”. Vivi a composição. A inspiração veio de onde? Quis denunciar-me, a esse tal “*amor de bicho, planeta*”. Acredito que venha de lugares (im)possíveis.

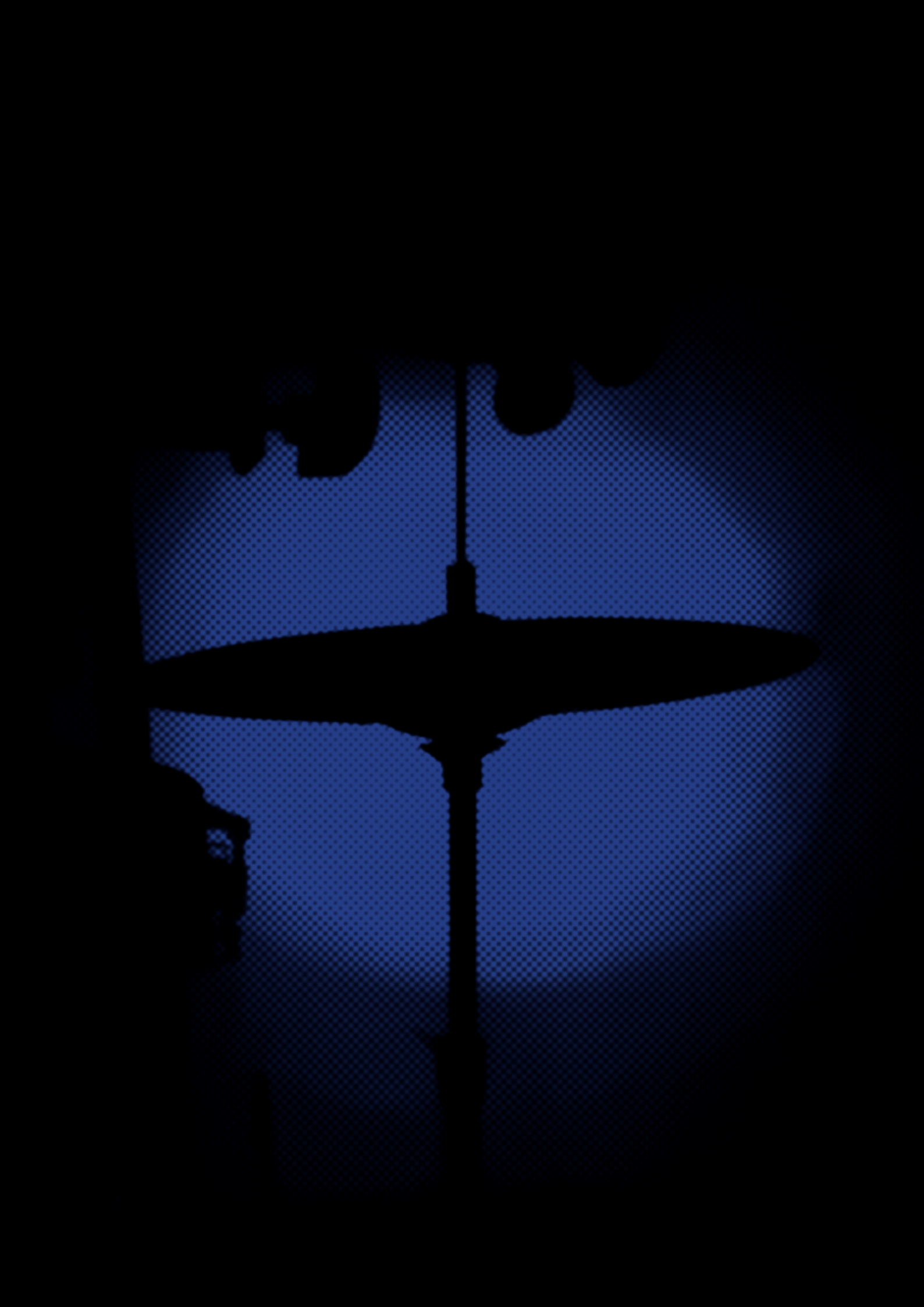




A imagem da *ponte* figurou como um lugar que foi possível me levar ou sair de onde estava — “*a rota pode até mudar*”. Isso representou as linhas de fuga que passaram pelo coração.

Pensei com leveza nos encontros com os memes da Amazônia. Dei espaço para a criatividade. Trançei-me. Foi “*ler a terra para ficar com a natureza*”. A questão da tese me levou a “bagunçar” com a visualidade de conteúdos digitais que criaram reentrâncias dentro de uma reflexão da política cultural do currículo, operando esta cartografia de tela, emaranhando memes da Amazônia com as coisas. Não sabia por onde ir, no mar da Internet, mas me encontrei fabulando como *um inventor-navegador*. Produzi variação, ainda que os processos possam ter sido apenas correntes de criação. Li a borboleta que passou, para cantar com os memes. Uma imagem que representa com cores o que foi vivenciar esse encontro (do mistério e da vida).

CARTA NÁUTICA



 Como um inventor-navegador que assumiu se perder no mar da Internet, procurei criar caminhos possíveis que nutriram a questão da pesquisa. Deixo registrado nesta Carta Náutica o que embarquei. Os memes, o currículo e o desobjetivar da noção de coisa em Ingold (2012) se amalgamaram ao rizoma da escrita. A música, como campo de emanção, funcionou como um metabolismo para o estudo. Cheguei num tempo e espaço da pesquisa em que as palavras perderam força porque as imagens tomaram esse lugar. É que meu verbo saiu melhor cantando do que escrevendo.

Em um imaginário de distopia do estudo que inaugura o varadouro “final” da tese, nesse meio de telas e redes, o inventor-navegador se encontrou com *o xamã de 100 bytes*²⁰ para refletir sobre as tecnologias e a natureza da técnica. A conversa fluiu pela temática da politização das tecnologias digitais para entender como os memes, o currículo e a Amazônia podem nos ajudar a lutar contra a (des) informação. Desse modo, o xamã, sem pressa na resposta, disse ao inventor-navegador que a técnica havia invadido a floresta do conhecimento ancestral sem uma filosofia e que o professor-pesquisador poderia contribuir para que ele preservasse suas criações.

O inventor-navegador, com medo, pelo mar da Internet, admitiu que havia naufragado com os rios da informação. Com isso superou a necessidade da tecnociência ser associada ao trajeto de construção da pesquisa cartográfica. O inventor-navegador conseguiu se livrar das “amarras” da imagem de um pesquisador de informações para problematizar a técnica, pensando qual filosofia poderia garantir a sua sobrevivência. O debate encontrou os meandros da ciência e da arte.

A atividade desta pesquisa buscou refletir o currículo dentro das possibilidades e inevitabilidades dos memes da Amazônia sob a perspectiva da Diferença. O currículo, foi este espaço de movimentação da questão da pesquisa, que se trançou aos acontecimentos e “achados”. Identifiquei ramificações em relação aos memes que chegam à escola, como um artista, para buscar a intervenção — um potencial da diferença.

Rompendo limites e reconhecendo minhas sensibilidades, operei por meio deste estudo uma cartografia de tela que não conseguiu barrar o desmatamento. Apenas intervi com a dor amazônica, mobilizando conteúdos digitais, refletindo os (e)feitos

20. *O xamã de 100 bytes* se refere ao mapa número seis.

dos memes na escola. Trouxe reflexões estético-políticas sobre a situação e as perspectivas da região amazônica em rizoma com memórias e imaginários da Amazônia que foram trançados com as coisas que ganharam espaço com os afluentes da escrita, desenhando mapas e desembocando em canções.

Procurei compor uma imagem sem pensamento da Amazônia por meio de leituras que varreram espaços menores como memes produzindo navegações que alteraram formas e fôrmis do processo educacional. Exercitei a multiplicidade do mundo, ao mesmo tempo em que temáticas escolares eram atravessadas dentro das narrativas e estórias dos memes. Potencializei sensibilidades da Amazônia que me tomaram, a partir de uma experiência de (trans)ver, refletindo práticas educativas, desenhando um currículo autoral que ramificou com as (geo)grafias da região.

A política cultural de um currículo à deriva foi meu embate, abrindo confrontos, de como ler memes da Amazônia e refletir como potencializar rizomas curriculares. Reconheci a rendição da cultura às empresas de tecnologia, como é tratado no livro *Tecnopólio* de Neil Postman (1994). Talvez o melhor caminho seja manusear conteúdos digitais, dentro da política cultural do currículo, procurando construir uma filosofia mais aprofundada com as tecnologias digitais.

Construir algo que não mais se componha com o que está dado porque os memes podem mais que ilustrar um momento, uma situação, uma coisa, uma cena política... os memes podem ser estraçalhados por um professor que foi mordido por algo diferente durante um processo de pesquisa.

Saber navegar foi a expressão que mostrou evidências desse meio de telas e de redes. Saber navegar aqui foi como saber se compor com o que me atravessa como professor, pesquisador, geógrafo. Se compor para poder produzir diferença, eis uma façanha desta pesquisa.

Procurei refletir com a (des)informação em relação a transitoriedade de temas, assuntos e visões de mundo que foram transportadas pelo mar da Internet, o que me projetou a pesquisar com os memes da Amazônia, insistentemente. Principalmente com esse contraponto de intensividade, isto é, procurando experimentar ao mesmo tempo, em que forjei um confronto pela politização da construção social do conhecimento.



A Amazônia — enquanto uma entidade psíquica, física, social e cultural — segue consentida, criada, forjada e maculada pelos rios de informação que inundam os saberes escolares. O inventor-navegador foi esse personagem que representou, sensivelmente, o professor-pesquisador, na aventura da pesquisa, pelo mar da Internet, para dragar esse turbilhão de informações que foram acessíveis com os memes da Amazônia.

Essa viagem, a da tese, depois de desencadeada, nunca mais termina no pesquisador: materiais, tudo se trançou por demais no cartógrafo errante que não foi turista. Apostei no currículo, como processo, como travessia, como navegação e encontro desse movimento de uma educação maior para uma educação menor.

Aqui fica um navegador-cartógrafo misturado com memes e coisas. A tese apostou num texto como textura e a partir de um determinado momento, o pesquisador-professor se entregou “decididamente” aos meandros das artes e suas materialidades. A criatividade assegurou a perenidade de camadas e processos que foram aparecendo à medida em que as coisas foram sendo reescritas.

(Extra)vazei um outra imagem de currículo que emergiu na força da errância. Nesse baque final, a pergunta o que é currículo? torna-se ultrapassada. O que insurge é o currículo como errância, ou seja, um cartógrafo errante que emaranhado ao memes seguiu fluxos em plena potência de vida. Errância como modo de pesquisar ao mar da Internet.

Cultivar memes da Amazônia me levou aos canteiros de criação compartilhados, tenho aqui muitos deles. Meus capítulos são esses canteiros de movimentação de vida. E eles dizem desse tempo de pesquisa, desses muitos lugares pisados, das muitas gentes encontradas, dos autores, dos amores...

Talvez a tese tenha sido o meu lugar de expressão e de proliferação; graças a essa



pesquisa, numa universidade pública eu pude me manter vivo e respirar de um outro modo. O mesmo modo, o modo anterior a tese, estava me maltratando. Me sinto mais vivo com essas proliferações, mais forte para retomar o caminho deixado e seguir proliferando nos encontros porvir.

Os locais que morei foram inspiração para desenhar os processos da tese que impulsionaram a pesquisa. Trabalhar na prática da escrita das coisas, desenhou as belezas e reflexões da tese, sem a necessidade de um esquema para amarrar teorias e autores. A tese é a expressão de um modo de fazer educação menor, de compor um currículo sem imagem de um pesquisador que navegou mares virtuais e atuais. A tese não é *sobre*, é *com*.

Por fim, antes de efetuar no mapa o ponto final, retomo para dar voz a força do trabalho, que aparece minutos antes do ponto.

A saída para a imagem e a

mensagem que os

memes formam e

reforçam é pelo caminho

da perfuração. Perfurando

esses conteúdos digitais

fazendo passar o profundo,

o intensivo, o que nos passa quando

estamos diante deles. De alguma

forma, perfurei memes. E, no corpo deste trabalho, perfurar é da

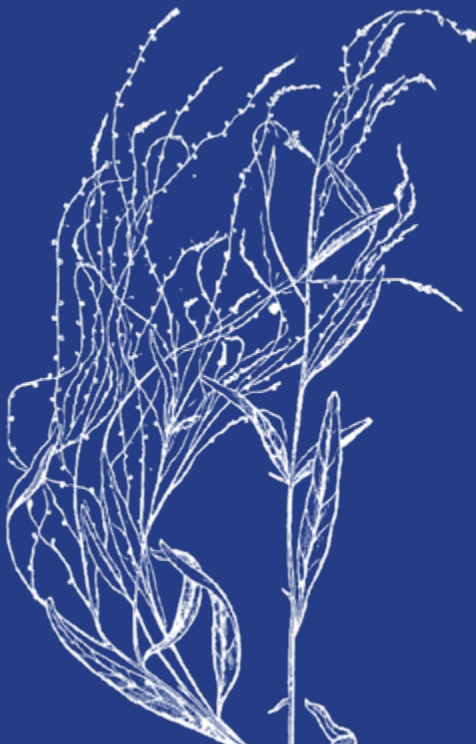
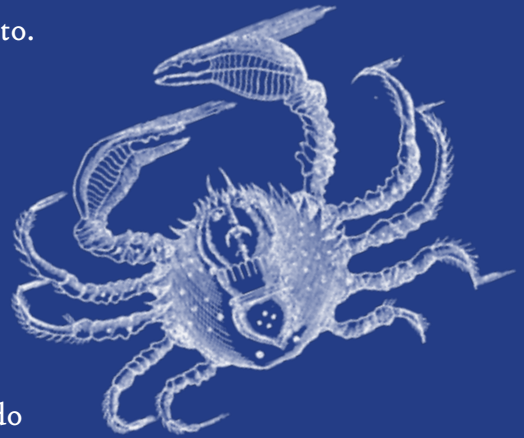
ordem das micropolíticas que produzem lugares outros na educação

maior: o menor na educação se faz com o corpo, tal qual as plantas

ruderais quando furam concretos.

É preciso força para poder furar uma imagem, para desmineralizar o cimento.

Com este trabalho pude compreender a importância das forças intensivas para novas combinações entre amazonialismo, currículo e memes.



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Amazonialismo. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf (Orgs.). *Uwa'küüü: dicionário analítico*. Rio Branco: Nepan, p. 73-96, 2016.
- ALL IS LOST [QUANDO TUDO ESTÁ PERDIDO]. Diretor: J. c. Chandor. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b-5oBQTiRH4&t=204s>. Acesso em: set. 2024.
- ARACNOFOBIA. Diretor: Frank Marshall. 1990. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p2EZkRcw3LA>. Acesso em: set. 2024.
- ASSUMPÇÃO, Itamar. *Cadernos inéditos*. São Paulo: Itaú cultural: Editora Terceiro nome, 2013.
- BALESTRA, Aline Alcarde, “Owa, manako... tia, manako”: o mal-entendido e a troca no universo madiha. Tese (Doutorado em Antropologia). Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- BRUM, Eliane. *Banzeiro Okotó: uma viagem à Amazônia centro do mundo*. São Paulo: Companhia das letras, 2020.
- CASTILHO, Alceu. *Partido da terra: como os políticos conquistam o território brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- COCCIA, Emanuele. *Amazônia sensível*. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2023.
- COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2018.
- COISAS. Moacir Santos. Rio de Janeiro: Selo Forma, 1965. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FhyoSK9F-6g&list=RDFhyoSK9F-6g&start_radio=1&t=1144s. Acesso em: set. 2024.
- DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELIGNY, Fernand. A arte, as bordas...e o fora. In: *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 1995.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tocam o real*. Revista Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204 - 219, nov. 2012.
- GARCIA, Álvaro Linera. *Geopolítica da Amazônia: Poder hacendal-patrimonial y acumulación capitalista*. La paz: Biblioteca laboral n°7, 2015.

- HAPPY PEOPLE: UM ANO DE TAIGA. Diretor: Wim Wenders. [S. l.: s. n.], 1990. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fbhPIK-oBvA>. Acesso em: set. 2024.
- IMAZON. *Dados sobre o desmatamento da Amazônia*. 2020. Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/desmatamento-na-amazonia-cresce-30-em-um-2020-e-bate-recorde-dos-ultimos-dez-anos/>. Acesso em: set. 2024.
- INGOLD, Tim. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.
- INGOLD, Tim; HALLAM, Elizabeth. *Criatividade e improvisação cultural: uma introdução*. Luso-brasileira de arte e cultura, Porto Alegre, v.1, n°2, 2018.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia de Letras, 2015.
- KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando a pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.
- KENTRIDGE, Wilian. *Self-portrait as a Coffe por: a natural History of the Studio*. Série do Prime Vídeos. Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Uma-Hist%C3%B3ria-Natural-do-Est%C3%BAdio/oQ5UD5EKHR9P9D85WTPR8Z9EKY>. Acesso em jul de 2025.
- MILLS, C. Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.
- PARAÍSO, Marlucy; MEYER, Dagmar E. (Org.). *Metodologias pós-críticas em Educação*. Belo Horizonte: Editora Mazza, 2014.
- POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994.
- PREVE, Ana Maria Hoepers. *Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação*. 2010. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- PREVE A. M. H. *Habito, mas não vivo aqui: multiplicidades, linguagem e saber geográfico*. Revista Brasileira De Educação Em Geografia, v. 10, N. 19, p. 05-22, 2019. <https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i19.908>.
- PURPLE HAZE. Jimi Hendrix. Londres: Track Records, 1967. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WGoDaYjdfSg>. Acesso em: set. 2024.

- WISNIK, Luiz Miguel. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia de Letras, 2017.
- SALLES, Walter Moreira. *Arrabalde: em busca da Amazônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- SALVA A HUMANIDADE. Tom Zé. São Paulo: Independente, 2014.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vIIwIZvvgfI>.
Acesso em: set. de 2024.
- SCHIFMAN, Limor. *Memes in digital culture*. Cambridge: MIT Press, 2014.
- STENGERS, Isabelle. *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. Rio de Janeiro: Editora Bazar do tempo, 2010.
- TURCKE, Christoph. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.



Do latim *colophōn*, derivado do grego κολοφών (“cumeeira”, “acabamento”). Em manuscritos & impressos, trata-se de nota, geralmente final, a respeito da obra e sua autoria, transcrição, impressão, lugar & data de feitura, entre outras informações.



Os parágrafos de texto desta tese foram compostos em Tribute OT, família tipográfica de Frank Heine lançada em 2003 pela Emigre Fonts. É inspirada nos tipos criados no século XVI pelo gravador de punções francês François Guyot.



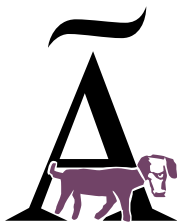
Já os títulos foram compostos em Seismic Latin vs, fonte experimental desenvolvida pela Universal Thirst & pelo Fraser Muggeridge studio. Inspirada nos “movimentos sísmicos” do Dhaka Art Summit 2020, permite inúmeras VARIAÇÕES TREMIDAS & IRREGULARES.



As capitulares, por sua vez, foram compostas em Amster Versal Iluminada, fonte de Francisco Gálvez Pizarro distribuída pela Pampa Type. Inspirada em folhetos chilenos do século XIX, reúne iniciais ornamentadas que evocam figuras humanas, animais & fantásticas.



Os papéis utilizados são o Cartão Supremo 250 g/m² (capa) & o Pólen Bold 90 g/m² (miolo). A impressão & o acabamento foram realizados na Formato Artes Gráficas, em Belo Horizonte, na primavera de 2025, aos 40 anos do fim da ditadura empresarial-militar brasileira.



A tese foi projetada & diagramada por Mário Vinícius. O projeto se utiliza de diversas imagens compartilhadas pelo autor – de referências culturais & acadêmicas a registros pessoais & familiares –, que o designer pôde re/rizomatizar de forma livre & dialética.



Parte das intervenções gráficas se serve de gravuras presentes em *Historia Naturalis Brasiliae* (1648) – pioneiro livro médico sobre o Brasil, de Guilherme Piso, com contribuições de J. de Laet, H. Gralitzio & G. Marcgraf –, aqui ressignificadas & refuncionalizadas.

